



**GOVERNO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE GESTÃO DA REDE E DE ENSINO
DIRETORIA DE ENSINO REGULAR E PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL**



**Diretrizes Curriculares
Ensino Fundamental
ANOS INICIAIS**

2010

Governador
Sérgio Cabral

Vice-Governador
Luiz Fernando Souza

Secretária de Estado de Educação
Tereza Porto

Subsecretária de Gestão da Rede e de
Ensino
Teresa Cozetti Pontual

Superintendente Pedagógica
Maria Lúcia Castello Branco

Diretoria de Ensino Regular e Profissional
Antonio José Vieira de Paiva Neto

Coordenadora de Ensino Fundamental
Maria Helena Bard de Carvalho

**DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
- ANOS INICIAIS -**

EQUIPE TÉCNICA

Adriana Bittencourt Guedes

Língua Portuguesa

Ana Maria da Silva Arruda

Ciências Naturais

Aracy do Rego Antunes

História

Branca Serodio Portes

Pedagogia (Coordenação)

Claudia Almeida Silva

Teatro

Claudia da Silva Barros

Música

Elaine Aderne Lemes

Dança

Fernanda Lima

Artes Visuais

Maria de Lourdes Trindade

Geografia

Kátia Regina Ashton Nunes

Matemática

Patrícia Ludovice

Educação Física

Marillia Raeder Auar Oliveira

Programação visual

A produção deste documento teve como base a coletânea **Ciclo de Estudos 2004 – Formação Continuada para Professores de Escolas na Busca de Horário Integral**, elaborada pela Fundação Darcy Ribeiro em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – RJ.

Autoras da coletânea:

- Branca Serodio Portes
- Carmem Lúcia Guedes Gonçalves
- Cristina Campos
- Morgana Silva Rezende

Participaram, ainda, enviando críticas e sugestões, professores das seguintes escolas:

Médio Paraíba I:

CE Arnor Silvestre Vieira
CE Cel Benjami Guimarães
CE Daura da Silva Barbosa
CE Dr. Oswaldo Terra
CE Joaquim de Macedo
CIEP 287 Angelina Netto Sym
CIEP Brizolão Djalma Macedo
EE Dr Alvaro Rocha
EE Hélio Cruz
EE Prof^a Maria Nazareth S.Silva
EE Prof Jehovah Santos
EE Senador Paulo Fernandes

CE Prof.^a Eliana de A. Santos
CIEP Brizolão 498 Irmã Dulce
EEC. Patronato São José

Metropolitana XI:

CIEP Brizolão 029 - Josué de Castro
CIEP Brizolão 133 - Oswaldo J. Lourenço
CIEP Brizolão 139 - Manuel Bandeira
CIEP Brizolão 189 - Valdylio Villas Boa
CIEP Brizolão 399 - João Baptiste Debret
EE Praça da Bandeira
EE Prof^a Lenita Luiza de Castro

Centro-Sul II:

CAIC Prefeito Severino Ananias Dias
CE Alvaro Alvim
CE Centenário
CIEP 278 - Joaquim O. D. Estrada
CIEP 288 - Ruy Gonçalves Ramos
CIEP 289 - Cecílio Barbosa da Paixão
CIEP 297 - Padre Salésio Schimid
CIEP 494 - Alexandre Carvalho
EE Augusto Vaz
EE Jayme Siciliano
EE José Costa Gregores
EE Judith Emília
EE Odette Terra Passos
EE Presidente Kennedy
EE Sacra Família do Tinguá
IE Thiago Costa

Noroeste Fluminense I:

CE Alcinda Lopes P. Pinto
CE Roberto Silveira

Noroeste Fluminense II:

CE 10 de Maio
CE Luiz Ferraz
CIEP Brizolão 263 - Lina Bo Bardi

Noroeste Fluminense III

CE Almirante Barão de Tefé
CE Dr Leonel H. da Costa
CE Jaime Q. de Souza
CE Johenir Henrique Viegas
CE Laurindo Pita
CE Manoel R. de Barros
CE Prudente de Moraes
CE Teotônio B. Vilela
CIEP Brizolão 267- Maria Aparecida L.S. Tostes
EE Cel José Antonio Teixeira
EE Rômulo Sardinha

Metropolitana VI:

CE Piranema

Norte Fluminense I

CE José do Patrocínio
CIEP Brizolão 142 - Maestro Villa Lobos
CIEP Brizolão 144 - Profª Carmem Carneiro
CIEP Brizolão 268 - Luis Carlos de Lacerda
CIEP Brizolão 416 - Wilson Batista
CIEP Brizolão 461 - Clóvis Tavares
CIEP Brizolão 466 - Nina Arueira
CIEP Brizolão 462 - Nação Goitacá
CIEP Brizolão 463 - João B.Barreto
EE Dr. Alcindor de M.Bessa
EE Dr. Francisco Manoel P.Crespo
EE Dr. Newton Alves
EE Dr. Phillipe Uébe
EE Joaquim Atayde
EE Rotary I
EE Sem.Tarcísio Miranda
EE Sen. José Carlos P.Pinto
EE Sucena Jasbick

Serrana IV

CE José Veríssimo
CIEP Brizolão 127-Frei Acúrsio Aloísio G.Bolwerk
CIEP Brizolão 444- Israel Joacob A
IE Prof.Carlos Camacho

Serrana V

C.E.Antonio Lopes de C. Filho
C.E.Baccopará Martins
C.E.Bernardino da C.Lopes
C.E.Dr.Roberto Pereira dos Santos

Serrana V

C.E.José M.M. Forte
C.E.Prof.Dyrceu R. da Costa
C.E.São Sebastião
C.E.Sol Nascente
CIEP Brizolão 353-Dr. Brochado da Rocha

E.E.Bairro Olaria
E.E.Castália
E.E.Posse

Médio Paraíba II

CE Alfredo Pujol
CE Baldomero Bárbara
CE Barão de Aiuruoca
CE Bartolomeu Bárbara
CE Boa Vista
CE Mal Floriano Peixoto
CIEP Brizolão 292- Prof.Jandyra R. Oliveira
CIEP Brizolão 299- Julio Caruso
CIEP Brizolão 403- ProfªMaria L.Giovanetti
CIEP Brizolão 484 Toninho Marques
CIEP Brizolão 486 Prof.Luiz Vallejo
EE Acácia Amarela
EE Acácia Amarela

Médio Paraíba II

EE Pau D'Alho
EE Rotary
IE Prof. Manuel Marinho CIEP

Baía da Ilha Grande

CE Almirante Álvaro Alberto
CE Antonio Dias Lima
CE Dr Artur Vargas
CE Engº Mario M.Brasil do Amaral
CE Leopoldo Américo M. de Mello
CE Roberto Montenegro
CIEP Brizolão 055 - João G.Galindo
CIEP Brizolão 495 Guinard
CIEP Brizolão Charles Dickens
EE Pd Manoel Brás Cordeiro
EE Prefeito Salomon Reseck

Caros Professores

Com estas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais – a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro oferece aos profissionais da rede pública estadual reflexões, orientações e sugestões que possam contribuir para a prática em sala de aula.

Pretende-se, desta forma, imprimir uma linha de trabalho comum (mas não uniforme) às escolas do sistema público estadual. Conjugando os seus próprios conhecimentos com a realidade de cada local, os professores saberão recriar e adaptar as idéias aqui abordadas, transformando-as em boas experiências para seus alunos.

Considerando a grande diversidade presente na rede, em cada escola e no interior da sala de aula, optamos por organizar os conhecimentos em bloco e não por ano de escolaridade. Caberá aos professores, segundo as necessidades e possibilidades dos alunos, definir o que será mais adequado a cada ano de estudo. Sem esquecer que ao final dos anos iniciais do Ensino Fundamental todos os alunos deverão ter adquirido as noções mais relevantes contidas neste Currículo Básico, sendo capazes de prosseguir os estudos com segurança e competência.

Introdução

O currículo, uma viagem	8
-------------------------------	---

Fundamentos teóricos

Filho de peixe, peixinho é?	10
Razão e sensibilidade	19

Planejamento

Todo dia... tudo igual?	24
-------------------------------	----

Avaliação

Janela sobre a avaliação	30
--------------------------------	----

As áreas do conhecimento

O que ensinar? Ensinar para quê?	49
Língua Portuguesa	51
Matemática	71
História	87
Geografia	95
Ciências Naturais	107
Artes	122
Educação Física	141

Metodologia

Com a mão na massa	148
Na sala de aula	154

Bibliografia	170
---------------------------	------------

O Currículo, Uma Viagem

“Se de um lado, tudo estava em movimento, brusco ou lento, o barco balançando, as ondas correndo, ou as nuvens e os astros que discretos se moviam, por outro lado descobri uma exceção – algo imóvel e estável –, a linha do horizonte. (...)”

O horizonte, linha perfeita e segura, fronteira do destino que se renova eternamente e que abriga nossos objetivos, passou a ser meu ponto de apoio e companheiro de viagem.”

(Klink, Amyr. Cem dias entre céu e mar.)

O livro *Cem dias entre céu e mar* relata uma verdadeira odisséia: a travessia do oceano em um pequeno barco a remo, do sul da África até o litoral baiano. Sozinho em sua embarcação, Amyr Klink seduz os leitores narrando passo a passo os preparativos, o trabalho, as lutas, os imprevistos, os êxitos, as emoções da viagem. Aliando profundo respeito pelos valores tradicionais nas relações entre o homem e o meio ambiente à mais moderna tecnologia e ao desejo de alcançar seus arrojados sonhos, o navegador vai desvelando suas experiências que provocam reflexões importantes para os educadores cuja trajetória também envolve trabalho árduo, ousadia, incertezas, idas e vindas e muitas alegrias.

Uma das lições mais preciosas está no trecho em epígrafe que conjuga dois aspectos aparentemente contraditórios: o movimento e a estabilidade. Se para Amyr o movimento é representado pelo balanço do barco que vai ao sabor das ondas, embalado pelo mover de nuvens e astros, para os educadores o movimento se traduz na própria dinâmica do percurso educacional, com seus diferentes protagonistas – alunos e professores –, com as experiências variadas de cada um, com a cultura escolar que se transforma em função dos sujeitos individuais e coletivos que vivem o espaço educativo.

Para ele, existe a linha do horizonte, o “porto seguro” capaz de guiá-lo para a concretização de seus objetivos: mesmo distante, torna-se a

companheira e inspiradora de sua viagem. E para os educadores onde encontrar apoio, o ponto estável, o horizonte? Certamente que em meio às turbulências de nossa viagem também há de haver o lugar onde o “céu encontra o mar”, onde metas educacionais ousadas se tornem realidade e direito de todos.

Este documento não tem a pretensão de apontar uma estrada já pronta e pavimentada. Pois, tal como o navegante, é na lida diária que os educadores vão descobrindo e inventando rotas, desvios e pontes que fazem do percurso e da chegada um todo interligado e indissociável.

Ele indica, sim, um ponto de partida e alguns caminhos possíveis para que cada um possa construir sua própria trajetória. Na sua bagagem, teorias que embasam a prática, planejamento, avaliação, competências a desenvolver, atividades a realizar.

Nossos votos de boa viagem!

FILHO DE PEIXE PEIXINHO É?

Em um encontro de professores acontece o seguinte diálogo:

Professora A: – *Eu não sei o que fazer para o Marcos aprender a ler! Ele não acompanha a turma.*

Professora B: – *Qual Marcos? O irmão de Sérgio Silva?*

Professora A: – *É!*

Professora C: – *A família toda é assim. Os irmãos já passaram pela escola e não conseguiram.*

Professora B: – *Puxaram aos pais. Eles são analfabetos.*

Professora C: – *Filho de peixe, peixinho é!*

Desde muito tempo a humanidade carrega questões que resultaram e, ainda hoje, levam a muitas pesquisas: **Como se adquire o conhecimento? O que nos difere dos animais? Por que um é assim e o outro é assado?**

“A natureza, dizem-nos, é apenas o hábito. Que significa isso? Não há hábitos que só se adquirem pela força e não sufocam nunca a natureza? É o caso, por exemplo, do hábito das plantas, cuja direção vertical se perturba. Em se lhe devolvendo a liberdade, a planta conserva a inclinação que a obrigaram a tomar; mas a seiva não muda, com isto, sua direção primitiva; e se a planta continuar a vegetar, seu prolongamento voltará a ser vertical. O mesmo acontece com os homens”.

(Rousseau)

Em nosso dia-a-dia na escola, também nos questionamos: **por que alguns alunos aprendem mais e outros menos? Por que uma determinada atividade atinge os seus objetivos para alguns alunos e para outros não?**

A concepção de como o desenvolvimento e a aprendizagem humana acontecem dependerá da visão que se tem de mundo, em um determinado momento histórico, e que persistirá enquanto for capaz de explicar a realidade, pelo menos para algumas pessoas.

Buscando apoio nas contribuições da Psicologia, para explicar como ocorre o conhecimento, encontramos a concepção **inatista** que defende que os fatores internos são determinantes no processo de aprendizagem. Assim, os eventos que ocorrem após o nascimento não são essenciais e/ou importantes para o desenvolvimento do pensamento intelectual. Nesta visão, o ser humano já nasce com suas qualidades e capacidades básicas *prontas*. A função da educação é interferir o mínimo possível no processo de desenvolvimento espontâneo do homem, visto que **“Pau que nasce torto, morre torto”**. Não tem jeito.

Para os adeptos dessa concepção, a atividade pedagógica pouco poderá contribuir para o desenvolvimento do aluno. O sucesso ou o fracasso escolar é visto como responsabilidade única e exclusiva do aluno, na medida em que a aprendizagem depende apenas de fatores internos. Segundo o senso comum, **Filho de peixe, peixinho é**. Será mesmo?

Em contraposição ao inatismo, a concepção **ambientalista** (comportamentalista ou behaviorista) considera que os fatores externos são determinantes no processo de aprendizagem. Defende que o homem é um ser extremamente plástico, reativo à ação do ambiente. A experiência sensorial é a fonte do conhecimento. Sendo assim, a aprendizagem é entendida como um *“processo pelo qual o comportamento é modificado como resultado da experiência”*. (Davis, 1994)

Tal concepção teve em Skinner seu maior expoente. Para ele, manipulando-se os elementos presentes no ambiente (estímulos), é possível controlar o comportamento, que é adquirido ao se estabelecer associações entre um estímulo e uma resposta, e entre uma resposta e um reforçador. Para os ambientalistas, o ser humano busca maximizar o prazer e minimizar a dor.

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Psicólogo norte-americano que juntamente com John Watson defendeu as idéias behavioristas. Em 1945, desenvolveu uma “caixa educadora para bebê”, na qual se colocava uma criança para aprender por meio de reflexos condicionados. Desenvolveu essa experiência com sua própria filha. Segundo ele, “o homem bom faz o bem porque é recompensado”.



Assim, o **reforço** é um instrumento utilizado para fazer com que os comportamentos considerados corretos permaneçam na criança. Já a **punição** é utilizada para minimizar ou eliminar os comportamentos considerados inadequados.

Desta forma... **É de pequenino que se torce o pepino** é um dito que ilustra bem tal concepção.

Nessa perspectiva, o planejamento das condições ambientais é determinante para a aprendizagem de novos comportamentos. Na escola, o professor passa a ter papel fundamental. O sucesso da aprendizagem depende dele, visto que é ele o único responsável pelo planejamento, organização e execução das atividades pedagógicas. Baseado nesta concepção encontramos a repetição como um *“método” de aprendizagem*.

É comum, ainda, encontrarmos em algumas práticas pedagógicas, exercícios nos quais as crianças precisam copiar cinco ou mais vezes a mesma palavra, “resolver” vinte “continhas” de adição, responder a um questionário exatamente como está no texto lido, etc. Afinal, dizem... **Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura**.

Os behavioristas defendem que “A organização das condições para que a aprendizagem ocorra exige clareza e respeito aos objetivos que se quer alcançar (objetivos instrucionais ou operacionais), a estipulação da seqüência de atividades que levarão ao objetivo proposto e a especificação dos reforçadores que serão utilizados.

(Cláudia Davis e Zilma de Oliveira)

Podemos observar também que o erro é visto como um comportamento inadequado, e como tal, precisa ser extinto através da “dor” (punição). Dessa forma, não é muito difícil encontrarmos crianças tendo que copiar corretamente três vezes a palavra escrita errada, ficando de castigo (sendo privada do recreio ou das atividades que mais gosta) fazendo cópias etc. Afinal... **Quando a cabeça não pensa, o corpo é que paga**.

Por que falamos português?

Por que somos filhos de brasileiros? Por que vivemos em um país onde se fala português? Ou por que, desde que nascemos, estamos em contato com pessoas que falam português e que nos mostram o nome das coisas?

Enquanto os inatistas priorizam os fatores internos e os ambientalistas os fatores externos, a concepção **interacionista** nos indica que **nem tanto ao mar nem tanto a terra**.

Esta corrente teórica nos mostra que a aprendizagem e o desenvolvimento resultam da interação entre *fatores internos* e *externos*.

Nas concepções anteriores, o homem é visto como um ser passivo, não tendo participação no seu processo de aprendizagem, já que ou ele nasce com suas potencialidades prontas ou o ambiente é que irá moldá-lo. Para os interacionistas, o homem é visto como um ser *ativo* ou *interativo*, participante do seu processo de aprendizagem. Aprendizagem que é resultado da interação homem-meio, sendo o meio entendido não apenas como ambiente físico, mas sim como um ambiente marcado pela cultura, em um determinado momento histórico e em todas as relações interpessoais que são estabelecidas.

É através da interação com outras pessoas, adultos e crianças, que desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características (seu modo de agir, de pensar, de sentir) e sua visão de mundo (seu conhecimento).

(Cláudia Davis e Zilma de Oliveira)

Desde que nascemos estamos interagindo com o mundo físico e social. É a partir dessas interações que vamos conhecendo as características e peculiaridades do mundo.

A aquisição de conhecimento é um processo individual, construído durante toda a vida, no meio cultural. O conhecimento pode ser comparado a uma espiral, onde as experiências anteriores servirão de base para novos conhecimentos, mediados pela relação que o indivíduo estabelece com o meio. O erro é encarado como parte do **processo de aprendizagem**, sendo

importante para a prática pedagógica, pois a partir do “erro” o professor poderá perceber como o aluno está pensando e planejar atividades que lhe possibilitem avançar no seu conhecimento. A sabedoria popular que há muito nos diz: **Quem tem boca vai a Roma**, se identifica com a visão interacionista.

Jean Piaget (1896-1980). Nasceu na Suíça. Formado em Biologia e Filosofia, teve como maior preocupação investigar como ocorre o conhecimento. Estudou o desenvolvimento da espécie humana desde o nascimento até a idade adulta (ontogênese) e destacou que as crianças pensam diferente dos adultos.

Assimilação e acomodação são processos distintos e opostos, que ocorrem simultaneamente.



Temos como maiores defensores da concepção interacionista, Piaget e Vygotsky. Apesar de enfatizarem que o conhecimento ocorre a partir da interação de fatores internos e externos, esses dois autores apresentam uma visão diferente de como ocorre a interação entre os mesmos.

Vamos conhecer um pouco mais sobre o que eles pesquisaram?

A TEORIA CONSTRUTIVISTA DE PIAGET

Segundo Piaget, a busca do equilíbrio (ou adaptação com seu meio) é uma característica essencial do ser humano. Para ele, o *“desenvolvimento cognitivo ocorre através de constantes desequilíbrios e equilibrações. O aparecimento de uma nova possibilidade orgânica no indivíduo ou a mudança de alguma característica do meio ambiente, por mínima que seja, provoca a ruptura do estado de repouso, da harmonia entre organismos e meta – causando um desequilíbrio”*. (Davis, p. 38).

Para voltar a uma nova situação de **equilíbrio**, dois mecanismos são acionados. É o que Piaget denominou de **assimilação** (o organismo não altera a sua estrutura) e **acomodação** (o organismo é obrigado a alterar a sua estrutura para se ajustar às demandas impostas pelo meio).

Quando estamos diante de um novo conhecimento (**desafio**), nos sentimos **“desequilibrados”** intelectualmente. Buscamos, a partir das nossas experiências anteriores, desenvolver ações destinadas a atribuir significações

aos elementos do ambiente com os quais interagimos (**assimilação**). Quando esses conhecimentos não são suficientes para dar conta do desafio (estado de equilíbrio), precisamos ampliar ou modificar nossas ações (físicas ou mentais) para atingirmos o novo conhecimento (**acomodação**).

Quando jogamos uma bola de soprar para uma criança (**desafio**), ela fará uso do esquema pegar (postura de braço, mãos e dedos) que já é conhecido por ela, atribuindo ao balão o significado de “objeto que se pega” (**assimilação**). Porém, o esquema “pegar” precisará ser modificado para se ajustar às características do objeto: a abertura dos braços, dos dedos e a força utilizada para segurá-lo é diferente da que se utiliza para pegar uma bola de plástico, de papel ou de couro (**acomodação**). Posteriormente, ao ser desafiada a pegar uma bola de gude, mais uma vez os seus esquemas terão que se modificar (**acomodação**) ao novo objeto.

Pense em um aluno que já consegue fazer uma adição e que na escola estamos apresentando para ele a multiplicação (**desafio/desequilíbrio**). Com certeza saber somar parcelas iguais (**assimilação**) é um esquema mental necessário para a multiplicação. Porém não é o suficiente. Ele precisará modificar esse esquema para compreender o conceito de multiplicação (**acomodação**) e, conseqüentemente, distinguir o momento de utilizá-la.

Para Piaget, o desenvolvimento é um processo contínuo, caracterizado por quatro fases diversas (etapas ou períodos). Em cada etapa, a criança constrói certas estruturas cognitivas, que se constituem em uma forma específica de pensar e atuar no mundo. Ele as denominou de **sensório-motora** (do nascimento aos dois anos de idade, aproximadamente), **pré-operatória** (de dois até aproximadamente sete anos), **operatório-concreta** (dos sete anos até os doze, aproximadamente) e **operatório-formal** (a partir dos treze anos).

Para Cláudia Davis, o modelo piagetiano, que pretende ser universal, é fortemente marcado pela **maturação**, pois é ela a responsável pelo fato das crianças sempre apresentarem determinadas características psicológicas em

uma mesma faixa etária. Essas características não se confundiriam com a aprendizagem.

“Desenvolvimento cognitivo e aprendizagem não se confundem: o primeiro é um processo espontâneo que se apóia no biológico. Aprendizagem, por outro lado, é encarada como um processo mais restrito, causado por situações específicas (como frequência à escola) e subordinado tanto à equilíbrio quanto à maturação.”

(Cláudia Davis)

Um outro conceito muito importante na teoria piagetiana é o conceito de **autonomia**, que é a capacidade de agir por si mesmo, levando em consideração regras sociais e fatos relevantes para decidir e agir da melhor forma para todos. Esse conceito se opõe ao de **heteronomia** que significa dependência na forma de agir e pensar. Sendo assim, a grande finalidade da escola seria contribuir para a formação de **sujeitos autônomos**.

Lev Semionovitch Vygostky (1896-1934) nasceu na Bielo-Rússia e suas idéias foram influenciadas pelo contexto social em que viveu. Graduou-se em Direito e Medicina, tendo aprofundado suas investigações na área da Psicologia, principalmente no campo da educação de “deficientes”.

Os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado. Ou melhor, o processo de desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado; desta seqüência resultam, então, as zonas de desenvolvimento proximal.

(Vygotsky)



A CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

Para Vygotsky, desenvolvimento e aprendizagem são processos que estão interrelacionados, apesar de não se confundirem. A aprendizagem precede o desenvolvimento. Na medida em que o sujeito aprende, ele se desenvolve e esse desenvolvimento leva a novas aprendizagens.

Na teoria histórico-cultural, a educação escolar assume papel relevante, pois apesar de afirmar que o aprendizado do sujeito começa muito antes de se frequentar a escola, Vygotsky diz:

“Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer.”

Logo, “**o aprendizado escolar produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento da criança**”.

O conceito de **zona de desenvolvimento proximal** é uma das grandes contribuições de Vygotsky para a prática educativa. Para ele há, pelo menos, dois níveis de desenvolvimento: o **real** e o **potencial** (ou **proximal**).

No nível real, as funções mentais da criança já se estabeleceram como resultado de certos ciclos completados, ou seja, são conhecimentos que já estão consolidados. Ela não precisa de ajuda para resolver uma determinada situação. Já o nível potencial refere-se àquilo que a criança consegue fazer, porém, com a ajuda de pessoas mais experientes (adultos ou crianças).

Assim sendo, para Vygotsky (1991), **zona de desenvolvimento proximal** é:

*“**A** distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”*

Aquilo que hoje é desenvolvimento **potencial** será amanhã desenvolvimento **real**. O desenvolvimento é um processo dinâmico e contínuo.

***A** partir desses conceitos, podemos inferir que o papel do professor não é apenas constatar aquilo que o aluno já sabe (nível real), mas, sim, atuar na zona de desenvolvimento proximal, possibilitando a ele vivenciar situações que o desafiem, fazendo-o avançar nos seus conhecimentos (nível potencial).*

Vygotsky ressalta a importância do **outro** no processo de aprendizagem. Somos capazes de aprender porque estamos o tempo todo sendo mediados pelo outro (através da pessoa física, do livro, do filme, da TV etc.) que nos “apresenta o mundo”, ou seja, somos inseridos na cultura, levados à apropriação dos conhecimentos que estão disponíveis na **sociedade**.

Internalizar, de forma simplificada, significa apropriar-se do que é social de forma particular.

A linguagem tem papel fundamental nesse processo, pois é através dela que interagimos com as outras pessoas e internalizamos os novos conceitos.

Em linhas gerais, são essas as teorias cognitivas que embasam o trabalho pedagógico.

Adotar esta ou aquela será decisivo para planejar as ações educativas e escolher as práticas mais coerentes com o que se pensa e o que se deseja para a sociedade.

Ao contrário do senso comum que, em geral, não admite contradição, “a grande força da teoria vem daquilo que é, também, a sua deficiência: a sua parcialidade, no sentido de que não resolve todos os problemas de uma vez, mas aponta um pedaço da verdade, sabendo que é um pedaço e compreendendo que está sujeita a revisões, estimulando, assim, a dúvida e o debate”. (Gandim)

“Não existe nada mais prático do que uma boa teoria”.

(Kurt Lewin)

RAZÃO E SENSIBILIDADE

Celebração das bodas da razão com o coração.

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade.”

(Eduardo Galeano)

Durante muitos anos acreditou-se que cabia à escola unicamente ensinar aos alunos os conhecimentos (fatos, informações, conceitos), específicos das diferentes disciplinas, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia... As dimensões afetiva e relacional não eram consideradas responsabilidade dos professores e, sim, apenas das famílias. Sem querer, simplesmente, “virar o jogo” e atribuir a uns o que até então era de outros, sabemos, hoje, que as ações do ser humano não são exclusivas, ora da razão, ora da sensibilidade.

O sentir, o pensar e o agir caminham ou precisam caminhar juntos. Expressões correntes, como **aprendizagem significativa, sentido do que se aprende, desejo de aprender, aprendizagem coletiva** estão aí indicando que a fragmentação da pessoa não deve se instalar no ambiente escolar.

Além de conhecer como o seu aluno está crescendo intelectualmente, o professor consciente de que ele é um

Ficha Técnica

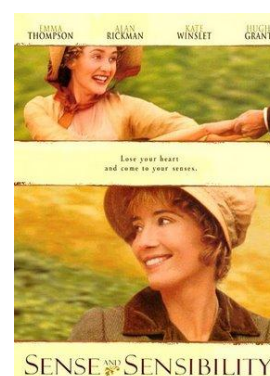
Filme: *Razão e Sensibilidade*

Produção: Inglaterra, 1995

Diretor: Ang Lee

Elenco: Emma Thompson, Kate Winslet, Hugh Grant, James Fleet, John Wilkinson.

Resumo: Em virtude da morte do marido, uma viúva e as três filhas passam a enfrentar dificuldades financeiras, pois praticamente toda a herança foi para um filho do primeiro casamento, que ignora a promessa feita no leito de morte de seu pai que ampararia as meias-irmãs. Neste contexto, enquanto uma irmã é prática (Emma Thompson), usando a razão como principal forma de conduzir as situações, a outra (Kate Winslet) se mostra emotiva, sem se reprimir nunca com uma sensibilidade à flor da pele.



ser humano integral, vai buscar entender também o seu desenvolvimento afetivo, social e moral.

Esta evolução se dá por fases, verdadeiros saltos de qualidade, que decorrem de conflitos internos diante de um dilema a ser enfrentado.

Em relação à construção de regras de convívio social, por exemplo, Piaget identificou três grandes períodos:

- Anomia – até mais ou menos quatro anos de idade, a criança ainda não compreende princípios morais; as regras não estão associadas a valores (certo, errado, bem, mal) e sim a hábitos de conduta (isto pode, aquilo não pode) que podem ter consequências para ela (ficar sem o brinquedo, ir para a cama).
- Heteronomia – no período seguinte, que pode ir até oito, nove anos de idade, a criança já pode compreender uma regra, mas é dependente da autoridade na forma de pensar e agir. É a chamada moral da obediência. Mesmo não as cumprindo integralmente, a criança pensa que é correto obedecer regras impostas pelos adultos. Ela pode achar, por exemplo, que é mais grave mentir para um adulto do que para outra criança de sua idade.

[O sujeito autônomo] “concebe a moral não como regras e princípios que regem apenas e essencialmente as relações entre membros de uma determinada sociedade, mas sim as relações entre todos os seres humanos, sejam eles pertencentes ou não à sua comunidade”.

(Yves de La Taille)

- Autonomia – o pensamento autônomo surge quando o indivíduo já consegue avaliar o valor intrínseco de uma norma. Ele leva em consideração regras sociais relevantes para decidir e agir da melhor forma para o grupo. Como devo agir? Diferentemente da etapa anterior, a criança se apoia em princípios e valores morais. Por exemplo, o ato de mentir passa a ser grave porque não se pode desrespeitar o outro (adulto ou criança), dando-lhe, intencionalmente, uma informação falsa.

Sendo assim, a grande finalidade da escola seria contribuir para a formação de pessoas autônomas em suas dimensões cognitiva, afetiva e relacional.

Uma boa maneira de trabalhar a autonomia dos alunos é elaborar com eles as regras e combinados que vão valer para a turma. Veja dois exemplos feitos por crianças de idades diferentes:

NOSSOS COMBINADOS

É LEGAL...

1. SE DIVERTIR NA CASINHA;
2. MEXER NO COMPUTADOR;
3. FICAR COM OS AMIGOS;
4. JOGAR BOLA NO RECREIO;
5. DESENHAR;
6. BRINCAR, CORRER, PULAR;
7. OUVIR A PROFESSORA FALAR;
8. OUVIR HISTÓRIAS;
9. FAZER OS TRABALHOS COM CAPRICHOS;
10. JOGAR UM JOGO COM O AMIGO;
11. NÃO JOGAR LIXO PELO CHÃO.

NÃO É LEGAL...

1. MALTRATAR OS AMIGOS;
2. BRIGAR E BATER;
3. FALAR TODO MUNDO JUNTO;
4. CHORAR À TOA;
5. CHUTAR E PUXAR CABELO;
6. BELISCAR;
7. FALAR PALAVRÃO;
8. QUEBRAR OS JOGOS DA SALA;
9. RASGAR E RABISCAR OS LIVROS;
10. ESTRAGAR OS TRABALHOS DOS AMIGOS;
11. FAZER OS TRABALHOS RABISCADOS E SEM CAPRICHOS

AS REGRAS DO 4º ANO

- Não rabiscar as mesas nem as paredes.
- Jogar o lixo na lixeira.
- Respeita a sua vez de falar.
- Não falar palavrão nem bater nos colegas.
- Só sair das salas com a permissão dos professores.
- Cumprir as tarefas no tempo combinado.
- Deixar os materiais arrumados e bem cuidados.
- No recreio, ficar no pátio combinado.
- Não copiar as respostas do amigo.
- Brincar apenas nas horas certas.
- Não deitar no chão da sala.
- Trazer brinquedos só nos dias combinados.
- Não ficar bebendo água o tempo todo na sala, nem ficar saindo de sala toda hora.
- Prestar atenção durante as atividades e evitar conversas durante as tarefas.
- Às terças-feiras e quintas-feiras, é permitido aos alunos escolherem os lugares onde vão sentar.
- Ler os textos com atenção e reler se precisar.
- Dividir as tarefas de grupo e ajudar um ao outro. (Ajudar não é dar a resposta).
- Respeitar os amigos e funcionários da escola.

Será que existem conteúdos específicos para se conquistar habilidades sociais?

Definir alguns princípios e valores éticos e morais certamente irá ajudar, e muito:

- Justiça
- Eqüidade
- Igualdade de direitos
- Respeito por si
- Respeito pela dignidade do outro
- Honestidade
- Cooperação
- Solidariedade
- Auto-estima
- Reciprocidade
- Criatividade
- Generosidade

E como a literatura sempre é inspiradora, ficamos com as palavras de Riobaldo, personagem de *Grande Sertão: Veredas*:

“O senhor... mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão”.

(Guimarães Rosa)



O HOMEM, AS VIAGENS de Carlos Drummond de Andrade

O homem, bicho da Terra tão pequeno
Chateia-se na Terra
Lugar de muita miséria e pouca diversão,
Faz um foguete, uma cápsula, um módulo
Toca para a Lua
Desce cauteloso na Lua
Pisa na Lua
Planta bandeirola na Lua
Experimenta a Lua
Coloniza a Lua
Civiliza a Lua
Humaniza a Lua.

Lua humanizada: tão igual à Terra.
O homem chateia-se na Lua.
Vamos para Marte – ordena a suas máquinas.
Elas obedecem, o homem desce em Marte
Pisa em Marte
Experimenta
Coloniza
Civiliza
Humaniza Marte com engenho e arte.

Marte humanizado, que lugar quadrado.
Vamos a outra parte?
Claro – diz o engenho
Sofisticado e dócil.
Vamos a Vênus.
O homem põe o pé em Vênus,
Vê o visto – é isto?
Idem
Idem
Idem.

O homem funde a cuca se não for a
Júpiter
Proclamar justiça junto com injustiça
Repetir a fossa
Repetir o inquieto
Repetitório.

Outros planetas restam para outras
colônias.
O espaço todo vira Terra-a-terra.
O homem chega ao Sol ou dá uma volta
Só para tever?
Não vê que ele inventa
Roupa insidervel de viver no Sol.
Põe o pé e:
Mas que chato é o Sol, falso touro
Espanhol domado.

Restam outros sistemas fora
Do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
Só resta ao homem
(estará equipado?)
a dificilima dangerousíssima viagem
de si a si mesmo:

Pôr o pé no chão
Do seu coração
Experimentar
Colonizar
Civilizar
Humanizar
O homem
Descobrimdo em suas próprias
inexploradas entranhas
A perene, insuspeitada alegria

“Quando criança, meus pais me levavam para um café com os amigos. Falavam sobre coisas que eu não entendia e diziam “senta e fica quieto que no fim damos um sorvete”. Comecei a observar as pessoas ao redor, recortava partes dos diálogos que ouvia, olhava as roupas, os sapatos. Como um espião, inventava mentalmente as histórias de cada um. Era meu cinema, meu passatempo. E é o que tenho feito todos os dias da minha vida. E sugiro a todos tentar! Quando estiver numa clínica, no aeroporto, no ponto de ônibus, em vez de ler o jornal, é muito melhor olhar para as pessoas. A vontade de imaginar as pessoas e nos perguntar “o que seria se eu fosse ele ou ela?”

(Amós, Oz, escritor israelense, em entrevista ao Prosa e Verso. O Globo, 06/09/2008)

Gonçalo Tavares, escritor português, 38 anos, em entrevista ao Prosa e Verso O Globo, 06/09/2008.

“*Tolerar a existência do outro e permitir que ele seja diferente ainda é muito pouco. Quando se tolera, apenas se concede; e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de um sobre o outro.*”

(José Saramago)

Para Tavares os livros não devem ser vistos como objetos inertes e passivos. É fato que uma pessoa entra numa livraria e escolhe um livro, mas também é verdade que um livro escolhe seus leitores, diz ele. A forma como o livro está escrito, como aborda os temas, chama a atenção. Assim o livro se torna “sujeito” e estabelece um diálogo com os leitores.

- Este diálogo é sempre diferente, porque cada leitor é diferente, entende aquele livro de forma distinta de outro leitor. Se o livro for uma coisa passiva, não haverá um confronto – afirma o escritor, que gosta da idéia de ver um livro duelar com o leitor, fazendo-o pensar no que está por trás da história contada. - O oculto, o “invisível”, os pormenores e os desvios de olhar são essenciais para compreender uma narrativa.

Segundo Tavares, vivemos rodeados por coisas vazias e passivas, que não nos perturbam. O livro como “sujeito” pode interferir na vida das pessoas, deixando marcas e questionamentos que avançam após a leitura.

- Os livros e a literatura instauram outro tempo. Não um tempo rápido demais, que é o tempo das imagens que nos cercam atualmente – diz Tavares, afirmando que ler um livro não é como comer um doce, e pronto. - É preciso destilar a leitura com lentidão.

A linguagem é uma ferramenta, um método absolutamente extraordinário. Pense por exemplo na nossa língua portuguesa. O que conseguimos com o alfabeto, com pouco mais de duas dezenas de letras, é espantoso. A linguagem descobre coisas por si só”, diz ele, afirmando que o homem se encontra na linguagem, e é isso que o torna distinto.

TODO DIA... TUDO IGUAL?



Toda Mafalda. Quino

Em nossa vida, planejamos o tempo todo e muitas vezes nem nos damos conta disso. Tudo gira em torno de decisões a tomar, de escolhas sobre **o que fazer, o que usar, o que falar, aonde ir...**

Para não vivermos ao acaso, em meio a situações improvisadas, traçamos objetivos e definimos, intencionalmente, rumos a seguir para não caminharmos em ziguezague, atalhos que nos levem a lugar nenhum. É claro que imprevistos acontecem, que interferências provocam mudanças no que foi planejado. Entretanto, planejar é vislumbrar e fazer acontecer a previsão possível.

A nossa capacidade de fazer planos, de imaginar antes de agir, ajuda-nos a preparar e organizar ações futuras para alcançá-las com maior eficiência.

“Andar algum passo, a cada dia, na direção traçada é tão importante como debater o rumo e questionar se caminhamos nele”.

(Danilo Gandim)

Se o ato de planejar é fundamental e referência norteadora das ações humanas, é necessário que a escola resgate a importância do **planejamento escolar**, como um instrumento que auxilie o professor a não perder de vista a intencionalidade de sua ação educativa. O professor é o mediador desse processo. E como todo bom processo, o

planejamento apresenta idas e vindas, continuidade, interligação do antes, do durante e do depois, envolve momentos de observação, reflexão e avaliação que se entrecruzam num movimento dinâmico de pensar a realidade.

O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção... Ninguém diria que não é necessário escrever o planejamento. A intencionalidade traduz-se no traçar, programar, documentar a proposta de trabalho do educador.”

(Luciana Ostetto)

Para além do senso comum, o ato de planejar não deve ser confundido com momentos onde se preenchem fichas descritivas que engessam as situações de aprendizagem a serem cumpridas passo a passo.

“Se, de um lado, as situações de aprendizagem não devem ser “engessadas” com planejamentos rígidos e materiais repetitivos, por outro, o professor não deve ir para sala de aula com uma idéia vaga do que vai ensinar e, principalmente, de como esse ensino irá ocorrer.”

(Vinicius Signorelli)

Planejamento não é uma forma, ao contrário, é flexível, é (re)elaboração de encaminhamento e intervenções, que constituem a pauta significativa para confecção de planos. Nele não há ordem rígida na seqüência das ações de ensino, há antes de tudo, adesão de diferentes protagonistas – professores e crianças – com múltiplas e diferenciadas experiências.

O planejamento define e orienta as ações pedagógicas, portanto, está a serviço de quem ensina e de quem aprende.

Nessa perspectiva, não deve ser vinculado à idéia de registrá-lo somente para cumprir uma “exigência burocrática”. Como bem destaca Angotti, citado por Oliveira (1995), *“assumir o papel de executores de tarefas pré-estabelecidas por outrem, quebra nos professores um elo de coerência e responsabilidade frente ao seu próprio fazer”*.

Deslanchar um processo permanente de planejamento é assumir coletivamente uma atitude crítica e engajada de (re)significação da prática docente, envolvendo momentos para estudo e reflexão sobre o que se planeja: **o conteúdo da matéria, o conhecimento sobre o sujeito que aprende, o sentido daquela aprendizagem na vida do aluno.**

Ter uma ação planejada exige do professor uma ação organizada, com propósitos claramente definidos para o que deseja alcançar. Mas, quem já não viveu situações em que o planejamento que fez “furou”, logo no início?

Tirar proveito das situações imprevistas pode trazer qualidade para o trabalho do professor.

“Tenho consciência do porquê estou improvisando: determinada atividade que planejei não deu certo. Os motivos tenho que procurar, depois, na avaliação da mesma. Assim vivida, a ação improvisada é produtiva, aprendendo com ela, aprofundo meu planejamento. O desafio, portanto, é viver o planejamento sem deixar de correr o risco de possíveis improvisações. A improvisação, desse modo, faz parte do planejamento, mas não é o planejamento.”

(Madalena Freire)

Se o educador tem claro **o que, por que e para quem** planeja, ganha relevância a sua atuação e as decisões sobre o caminho a seguir.

O que marca a coerência de um planejamento é a visão de sociedade, de educação, de escola, de criança que orienta as escolhas dos conteúdos selecionados e das propostas elaboradas pelo professor. Quer ele tenha consciência ou não, são essas escolhas que revelam sobre como ele “enxerga” o aluno, que práticas pedagógicas são valorizadas e com a construção de que escola está comprometido.

Luciana Ostetto afirma que planejamento é essencialmente **atitude**. Sendo assim, elencamos algumas questões que devem nortear as atitudes do educador, frente ao aprendizado de projetar o cotidiano:

O como abordar e como fazer educação vem precedido de o que fazer, por que e para quem fazer a educação.

(Celso Vasconcellos)

Por que planejo? Para que planejo?

Portes (2004) ressalta que estas são questões que encaminham uma visão macro do Projeto Pedagógico da

escola – a concepção política, que se nutre da ideologia, da filosofia, das correntes teóricas e a busca de transformações sociais.

Como planejar? Com que e o quê?

Esta é uma visão mais operacional do planejamento, mais próxima das atividades cotidianas e que busca definir os **meios**, as **técnicas**, os **instrumentos** a serem utilizados na execução do trabalho. O **programa**, os **objetivos** e os **resultados** constituem a sua maior expressão e encaminham para o planejamento específico de ensino. É claro que o Projeto Pedagógico da escola e o planejamento das atividades de ensino dialogam entre si. Apenas separamos, para uma melhor compreensão, os dois níveis interdependentes de um mesmo processo – o **Planejamento Educacional**. Pouco valeria, por exemplo, estipular metas políticas de longo prazo sem determinar as ações do dia-a-dia. E, também, seria um grande equívoco executar atividades descompromissadas com a formação e a transformação social.

Assim, a posse da visão global do processo encaminha a organização do planejamento das atividades na prática diária. Para tanto, alguns elementos são fundamentais:

- Conhecer o programa curricular (os objetivos, as competências, a natureza da disciplina, os conteúdos essenciais);
- Planejar a metodologia do trabalho (estratégias mais adequadas a cada grupo, planejamento cooperativo, rotinas, regras de convivência, formas de trabalho individual, em grupo, coletivo);
- Avaliar continuamente o trabalho realizado (utilização de diferentes instrumentos avaliativos).

E como chegamos a esses elementos?

Para que o planejamento das atividades diárias não se transforme em algo estanque, fragmentado, “solto no espaço”, é fundamental que ele seja parte integrante de um projeto maior, orgânico, que contemple o currículo a ser desenvolvido durante o período – o Plano de Curso. De preferência, os professores devem trabalhar em conjunto, analisando toda a proposta de objetivos, competências e conteúdos, percebendo a sua continuidade, o aprofundamento entre os temas e a sua coerência com a possibilidade que o aluno tem de aprender e de se desenvolver. Conhecendo o que precisa ser trabalhado, os professores poderão pensar, com antecedência, na busca e preparação de materiais, para “além do livro” didático, que irão enriquecer a aula: diferentes tipos de textos, gráficos, pesquisas, filmes, fotografias, mapas e outros mais. O planejamento, contemplado com as ações de analisar, prever, refletir e avaliar - para seguir planejando, de acordo com as necessidades dos alunos – revela a **atitude crítica** do educador diante de sua prática pedagógica.

O Plano de Curso funciona como um termômetro. Consultado, freqüentemente, e não esquecido numa “gaveta qualquer”, ele vai ajudando o professor a organizar a sua prática, acelerando ou prolongando onde se fizer necessário. É, portanto, um valioso instrumento também de avaliação do trabalho pedagógico.

O planejamento das práticas diárias sem conexão com os objetivos, as competências e conteúdos propostos fazem com que estas atividades tenham um fim em si mesmas, fiquem destituídas de significado para o processo de aprendizagem. O mesmo ocorre com os conteúdos. Eles não devem ser concebidos como fim, mas como meio para as construções conceituais dos alunos.

Atualmente, quando se realiza o planejamento, a discussão sobre **competências** amplia e enriquece o ato de pensar a ação pedagógica. Afinal, não basta adquirir certos conhecimentos (o conteúdo das matérias), é preciso saber mobilizá-los diante de uma situação problema para resolvê-la bem, ou seja, “saber fazer”. E percebermos que ao se deparar com um desafio, o sujeito

necessita integrar vários tipos de competências chamadas por Perrenoud de *complementares*, para colocar em ação uma competência que é principal naquela situação.

Para exemplificar, reproduzimos o gráfico a seguir:



Fonte: *Construir as competências desde a escola*. P. Perrenoud. Porto Alegre: Artmed, 1999.

É claro que, num outro momento, se o aluno **deve escrever uma carta convidando os pais para a Festa Junina, por exemplo, esta será a competência principal e utilizar o dicionário** passa a ser complementar.

A maioria dos planos é planejamento de coisas. Na verdade, o que é necessário é que os planos não se preocupem apenas com as coisas – elas sempre serão meios – e se importem com idéias. Aliás, é preciso que os planos se preocupem com as pessoas”.

(Danilo Gandim)

JANELA SOBRE A AVALIAÇÃO

“Avaliar é interrogar e interrogar-se.”
(Esteban)

A Escola da Ponte, situada na Vila das Aves, em Portugal, desenvolve um projeto educativo baseado na liberdade, no amor pelas crianças, no respeito pela diversidade, no compromisso com uma vida solidária.

“A escola mudará pela avaliação ou nunca mudará”. O professor José Pacheco, diretor da Escola da Ponte, foi categórico quando assim falou ao jornal Folha de São Paulo (16/05/2004). Para muitos, certamente, a sua idéia pode soar um tanto exagerada. Afinal, acreditam, a avaliação é **um** dos aspectos do processo educativo escolar, que é constituído por vários outros: planejamento, conteúdos, recursos, estratégias... Mas, também, pode soar como uma provocação, um convite a novas reflexões sobre um tema

polêmico, complexo e longe de estar esgotado. Pedimos licença a Eduardo Galeano para abrir também essa janela. Ele que utilizou esta metáfora para descortinar importantes questões morais e humanas em sua vasta obra.

Todos falam de avaliação, mas cada um pode atribuir a esse tema significados distintos, segundo suas próprias experiências, ideologia, jeito de viver e de compreender as relações que se produzem na escola.

Eduardo Galeano, jornalista, historiador e ensaísta uruguaio, autor de *As veias abertas da América Latina*, é um dos mais importantes pensadores latino-americanos. Abriu várias janelas sobre a história, a cultura e a identidade latinas.

“Avaliar é verificar o resultado da aprendizagem”.

“Eu avalio aplicando uma prova bimestralmente”.

“Eu gostaria de avaliar junto com meus colegas, mas não posso remar contra a maré”.

“Acho que um teste vindo de fora não avalia nada”.

“Sei que o meu aluno sabe muito mais do que fez na prova. Mas o que posso fazer?”

“O meu filho não passou de novo. Ele me puxou, eu também não aprendi a ler”.

“Junto as minhas anotações com vários tipos de atividades feitas em aula e tenho o perfil do meu aluno”.

“A promoção automática é a responsável pela má situação do ensino”.

“As avaliações continuadas é que me ajudam a rever e a replanejar a minha prática”.

Estas são algumas das vozes correntes sobre o ato de avaliar e que demonstram a existência de concepções e práticas diversas de avaliação entre os educadores, ainda que atuem numa mesma escola. Apesar da diversidade de posicionamentos e opiniões, o que, sem dúvida, representa um progresso, uma realidade perversa ainda é predominante nas escolas brasileiras, especialmente as públicas: o fracasso escolar que atinge grande parte dos alunos matriculados, ferindo-os em sua auto-estima e impossibilitando que avancem na construção de conhecimentos relevantes para a vida em sociedade. Sabemos que o nosso país, ainda hoje, enfrenta um problema que muitos outros já resolveram, satisfatoriamente, séculos atrás, que é oferecer uma educação básica de qualidade a toda a sua população. As crianças brasileiras, praticamente todas, estão matriculadas na escola fundamental, mas qual é o quadro que se tem? Dificuldades no aprendizado, repetência e exclusão prematura de um número intoleravelmente grande de crianças e jovens. Uma profecia que se realiza todos os anos, que parece encravada no ambiente da escola e que acaba penalizando justamente os que mais precisam da cultura escolar.

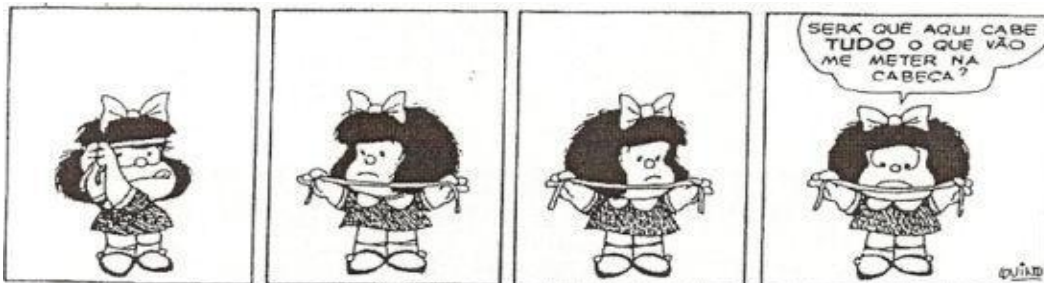
E vamos nós, professores, famílias e sociedade em geral, perplexos e confusos, nos indagando sobre os motivos de tão grave cenário. Nessa angústia, é quase impossível não sair à “caça das bruxas”. De quem é a culpa?

Ora é do aluno com suas múltiplas “deficiências”,



ora é de sua família “desestruturada”.

Às vezes os conteúdos são os vilões,



Às vezes, os materiais didáticos é que são “a causa do mal”.

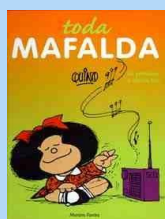


Também a sociedade não se livrou das acusações e, muito menos, nós, os professores.



Fonte: *Toda Mafalda*, Quino, Editora Martins Fontes, 2000.

De 1963 a 1973, a imprensa argentina publicou ininterruptamente a tira Mafalda, crítica rigorosa dos costumes e situação política mundiais, criada por Quino e publicada em vários países. A personagem contestadora, típica dos anos 60, mas profundamente atual, assim se referiu o escritor Júlio Cortázar: “O que eu penso da Mafalda não importa. Importante mesmo é o que a Mafalda pensa de mim”.



Entretanto, não será com inquisições, julgamentos e condenações que poderemos superar o problema que aflige a tantos e não deixa ninguém indiferente. É claro que as dificuldades são múltiplas e a escola sozinha não conseguirá mudar as complexas relações sociais, econômicas, culturais que fazem com que a sociedade brasileira ainda apresente características como a discriminação, a injustiça e a desigualdade. Todavia, se a escola, fatalisticamente, “cruzar os braços” e se imobilizar, a sociedade estará perdendo um de seus atores mais importantes para as transformações que precisam ser feitas e que são urgentes. Afinal, a escola não pode abrir mão de seu papel de instituição formadora das gerações mais jovens. E formar para quê? Para a resignação ou para uma visão crítica da realidade? Para o conformismo ou para a emancipação?

De que instrumental a escola dispõe para empreender sua luta? **Refletir, dialogar, analisar os seus objetivos e compartilhar experiências**, certamente, são passos que poderão revigorar o ambiente escolar. E, assim, promover mudanças significativas no panorama educacional, alterando, para melhor, a condição daqueles que contam com a escola para encontrar caminhos para uma vida cidadã.

Será que todos já se deram conta de que as práticas e instrumentos avaliativos correspondem à maneira de cada um entender o ensino e a aprendizagem? O seu jeito de avaliar retrata o seu jeito de ensinar. Concorda?

Um mergulho na avaliação escolar pode ser um bom começo.

Que tipo de avaliação estamos praticando?

Duas grandes concepções, cada uma com várias nuances, vêm norteando as formas de avaliar o trabalho pedagógico que se faz na sala de aula. Vejamos alguns aspectos de cada uma delas:

AVALIAÇÃO	CONCEPÇÕES	
	CLASSIFICATÓRIA	FORMATIVA
Origem	Século XVI – Jesuítas Século XVII - Comênio	Século XX – Interacionismo Democratização da educação
Características	Quantidade de conteúdos Memorização Competição individualista Resposta uniforme, repetição Conhecimento inquestionável Autoritarismo Foco no aluno	Relevância dos conteúdos Compreensão Cooperação Resposta pessoal Argumentação, visão crítica Mediação, negociação Foco em todos os envolvidos
Objetivos	Verificação do rendimento Seleção Classificação	Avaliação da aprendizagem Diagnóstico Replanejamento
Prática / Instrumentos	Momentos estanques e finais Provas, testes, exames Notas	Continuada, integrada às atividades Diversidade de estratégias e meios Relatos, apreciações
Consequência	Exclusão do processo educacional e da escola	Inclusão no processo educacional e na escola

“Os aspectos técnicos adquirem sentido precisamente quando são guiados por princípios éticos.”

(Álvarez Méndez)

Este quadro, bem simplificado, permite estabelecer um paralelo entre diferentes formas de conceber e de praticar a avaliação. Mas não apenas isso. A intenção dele é, também, provocar uma reflexão sobre qual tem sido ou deveria ser o papel da avaliação em cada escola: *punir? reprovar? aprovar? classificar? promover? selecionar? orientar? constatar? reter? excluir ou incluir?*

A sua escola pratica a avaliação classificatória ou formativa?

Para ser educativa, a avaliação precisa estar voltada para a formação integral dos estudantes e não somente para a sua instrução. Assim, é

importante refletir também sobre duas dimensões avaliativas que não se contrapõem, mas se complementam e devem estar sempre presentes no processo de avaliar. Como questões próprias da **dimensão técnica**, surgem perguntas sobre *o que avaliar, quando avaliar e como avaliar*, que já são bem conhecidas dos professores. A **dimensão ética** da avaliação remete a perguntas de outra ordem: *por que avaliar, para que avaliar, quem se beneficia da avaliação, que usos fazem os professores, os alunos e a sociedade da avaliação que se pratica na escola?*

Diários de bordo

A avaliação formativa, é esta que defendemos, pressupõe acompanhar o processo de construção do conhecimento, bem como a constituição do aluno como ser social e político. Não é uma ação de julgamento.

Para bem acompanhar a trajetória do aluno, algumas reflexões são preciosas:

- *O que significa acompanhar?*
- *Por que e para que acompanhamos?*
- *O que e quando acompanhamos?*
- *Como registramos os avanços e as dificuldades?*
- *O que propomos para superar as dificuldades?*

Nesse sentido, citamos a professora Jussara Hoffmann que afirma: “O conjunto de dados que o professor constitui sobre o aluno são recortes de uma história da qual ele participa e sobre a qual tem o compromisso de atribuir significado”.

O essencial é que tais registros sejam relevantes para que possam indicar a continuidade da ação docente: ou se permanece no mesmo caminho ou se muda a rota.

Os instrumentos de registro cumprem algumas funções básicas: **servir como recurso de memória** diante da diversidade de situações e momentos a serem observados, **indicar pontos a serem revistos** e **auxiliar nas decisões** que precisam ser tomadas, no dia-a-dia e ao final de um período. Verdadeiros diários de bordo.

Portfólio

A coleta de alguns trabalhos durante o processo é um ótimo recurso para a avaliação continuada, tanto por parte do professor, quanto para a auto-avaliação do aluno. As tarefas são datadas e organizadas em pasta ou envelope. A consulta periódica a esse material torna mais visível a caminhada do aluno. De preferência, devem ser selecionadas várias atividades de uma mesma área do conhecimento ou conteúdo para que se perceba a evolução. Exemplos: recolher, durante alguns dias, escritas do próprio nome (não cópias) feitas pelo aluno e, ao final de um período, comparar, junto com ele, as alterações no jeito de escrever; guardar vários textos produzidos e, depois de certo tempo, verificar progressos na ortografia, no uso da pontuação, na organização segundo a tipologia textual; colecionar desenhos e analisar a utilização do espaço, das cores, das formas.

“O portfólio é uma testemunha da ação pedagógica, o registro de como um trabalho ocorreu, a memória de uma mesma proposta desenvolvida em diferentes momentos.”

(Katia Smole)

Exemplo:

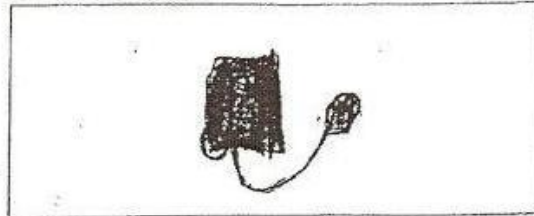
NITERÓI, 1 DE ABRIL DE 2004

NOME: _____

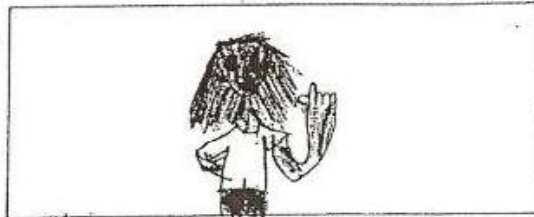
MEU JEITO DE ESCREVER.

ESCREVA AS PALAVRAS QUE A SUA PROFESSORA DISSER.
PENSE E ESCREVA DO JEITO QUE VOCÊ SOUBER.
APÓS A ESCRITA, ILUSTRE AS PALAVRAS.

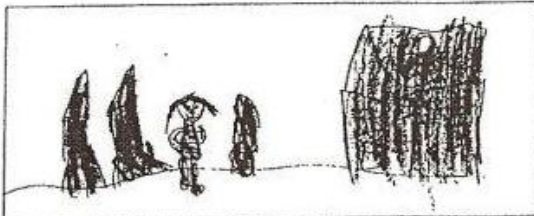
COMPUTADO



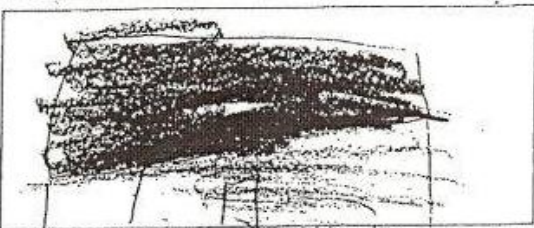
PROFESSORA



ESCOLA



SALA



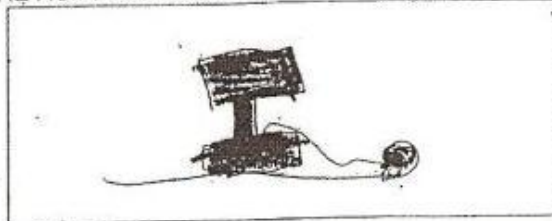
NITERÓI, 6 DE JULHO DE 2004

NOME: _____

MEU JEITO DE ESCREVER.

ESCREVA AS PALAVRAS QUE A SUA PROFESSORA DISSER.
PENSE E ESCREVA DO JEITO QUE VOCÊ SOUBER.
APÓS A ESCRITA, ILUSTRE AS PALAVRAS.

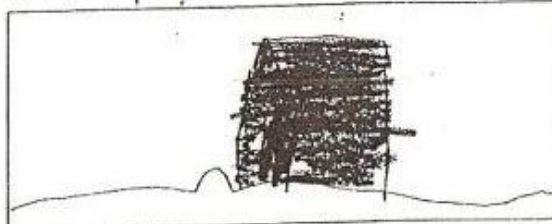
COMPUTADOR



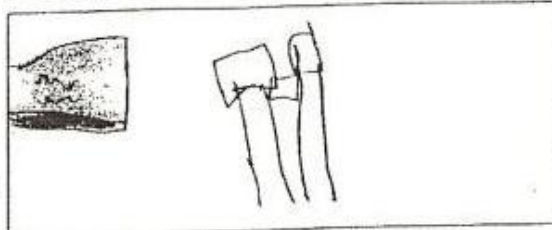
PROFESSORA



ESCOLA



SALA



“Registros significativos são construídos pelo professor ao longo do processo. Sua forma final é apenas uma síntese do que vem ocorrendo, uma representação do vivido.”

(Jussara Hoffmann)

Relatório

O relatório de avaliação é o instrumento onde são registrados os aspectos mais relevantes do processo vivido pelo aluno na escola. Longe de ser documento meramente burocrático e descritivo que aponta os sucessos e os insucessos, ele precisa conter uma

reflexão sobre o aluno em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido.

O relatório será sempre fruto da observação atenta, do exercício de prestar atenção no grupo e em cada um dos alunos.

Um dos maiores obstáculos apontados pelos professores tem sido exatamente este: como observar e anotar o desempenho de todos em uma turma geralmente composta por muitos? Respondendo: **a dificuldade não está no número de alunos e, sim, no equívoco de imaginar (ou recomendar) que o professor precisa observar tudo de todos os alunos o tempo todo.** Até mesmo com um grupo reduzido essa tarefa seria impossível. O mais viável é que o professor escolha dois ou três alunos para observar numa determinada atividade, anotando naquele dia o que pôde perceber a respeito deles. É claro que se um ou outro aluno fizer ou falar algo que demonstre um avanço ou uma dificuldade, merecerá também um registro.

Uma professora conta que possui um caderno onde faz seus registros diários sobre os alunos e que o carrega sempre pela escola. Certo dia, durante o recreio, um aluno que jogava futebol com os colegas aproximou-se esbaforido e eufórico, gritando: “– Cristina, escreve aí que eu fiz um gol!” Ou seja, o caderno não é nenhum “segredo de estado” e é muito interessante que não seja.

Ao longo do ano, as anotações feitas sobre aspectos relevantes do trabalho desenvolvido e do desempenho dos alunos serão discutidas em reuniões do Conselho de Classe para, só então, se proceder à redação final.

Mas como fazer um relatório reflexivo?

Algumas questões podem orientar a observação contínua do processo avaliativo:

– *Quem é o aluno?*

- Como estava no início do processo?
- O que foi trabalhado nesse período?
- Quais foram as suas conquistas?
- Quais foram as suas dúvidas?
- Que tipo de atividade realizou com mais autonomia?
- Em que atividades necessitou de mais ajuda?
- Como reagiu diante de conflitos emocionais ou cognitivos?
- O que foi feito para o aluno superar as dificuldades?

E, finalmente, o mais importante: pensar em propostas e estratégias que possam ajudar o aluno a avançar em sua aprendizagem.

O relatório tem o compromisso de apontar algo para o futuro e não de constatar o que já passou.

Provas, testes, exercícios individuais

Sim, por que não? Esse tipo de técnica não precisa estar excluído do cotidiano dos alunos. Afinal, são atividades que fazem parte da “liturgia” da escola, estão impregnadas na sua cultura e são valorizadas (ou temidas?) por aqueles que compartilham a tarefa de ensinar e de aprender. O problema não está exatamente em decisões radicais, simplistas e extremistas, do tipo, “*Não abro mão da prova*” ou “*Prova nunca mais*”. O importante é ter uma posição crítica e ética sobre o sentido e a finalidade de tais instrumentos avaliativos,

interrogando-se constantemente sobre *por que, para que* adotá-los e a *quem* eles servem.

Alertamos para possíveis riscos dessa prática, entre os quais citamos:

- assumir um valor excessivo e preponderante no momento de “julgar” o aluno; o de estimular a competição individualista;

“- Disse que quando terminasse o segundo grau, queria fazer prova para a UERJ, mas a professora disse que eu não tinha capacidade. Fiquei triste, até desanimei.”

Aluno da rede pública em entrevista ao Jornal do Brasil, em 29/04/2004.

- classificar hierarquicamente os alunos, especialmente se os resultados vierem expressos em notas;
- ser realizada, quase sempre em final de período, limitando-se a constatar uma “situação terminal”, com pouca ou nenhuma chance de ser revertida.

É preciso, ainda, trazer para a mesa de discussão a prova ou o “teste relâmpago” utilizados como recursos disciplinadores. Questões complexas para “dar uma lição” na turma e, também, um teste que surge de repente, “para nota” num momento em que os alunos estão particularmente indisciplinados, ainda são “armas mortíferas” nas mãos de muitos professores.

Com certeza, está é uma das maiores deformações que a avaliação escolar pode assumir – a punição, o castigo, a sanção empregada sem nenhuma reciprocidade com a transgressão cometida.

Mas, com os devidos cuidados, uma prova, um teste ou um exercício feitos individualmente, poderão ser aplicados desde que o professor conheça suas limitações, não os encare como os mais valiosos, verdadeiros e objetivos, utilize-os como mais um dentre vários outros e não sirvam para intimidar alunos.

Uma vantagem desse tipo de instrumento é oferecer ao aluno um momento para que ele próprio avalie o seu desenvolvimento em determinados conteúdos e possa localizar melhor onde estão suas dificuldades e possibilidades.

Uma outra é permitir que o professor identifique quais são os acertos e erros mais recorrentes na turma e faça uma reflexão sobre o que precisa ser alterado na prática cotidiana: o nível de aprofundamento dos conceitos, a maneira de abordar os conteúdos, o tipo de questões da prova, a clareza no modo de perguntar...

Fichas de auto-avaliação

Periodicamente, a turma deve ter a oportunidade de “parar a aula” para analisar oralmente e/ou por escrito como está caminhando em seu processo de aprendizagem. Cada aluno deve receber um roteiro de auto-avaliação, de preferência elaborado coletivamente. Deste roteiro devem constar os conhecimentos mais relevantes trabalhados, as habilidades e atitudes desejáveis. O aluno sinalizará os aspectos onde encontrou mais facilidade e aqueles que necessitam ser retomados.

Para que a ficha cumpra o seu papel, é preciso instaurar um clima de confiança em que o aluno tenha a certeza de que o instrumento será utilizado em seu benefício.

O preenchimento das fichas de auto-avaliação é um exercício de responsabilidade, além de auxiliar o aluno a enfrentar limitações e aperfeiçoar potencialidades.

Como todo e qualquer instrumento avaliativo, as fichas também se prestam a auxiliar o professor a refletir sobre o seu próprio trabalho, replanejando atividades individuais ou em grupos, no sentido de favorecer o êxito de seus alunos.

A “água do banho”

“Jogar fora a criança junto com a água do banho” foi o que ocorreu em muitas escolas que resolveram respirar fundo e adotar radicalmente “novos ares” educacionais, rejeitando tudo o que lhes parecia antiquado e inútil.

Isto fica muito evidente, por exemplo, quando se trata da correção de tarefas e exercícios feitos pelos alunos. Segundo a interpretação de alguns, é necessário respeitar a produção do aluno, não interferindo em sua escrita e em seu raciocínio, sob pena de causar nele males irreparáveis. Será mesmo assim?

Corrigir: a questão não é o **sim** ou o **não**. É o **como** e o **para quê**.

O ato de corrigir está bem distante da unanimidade. São muitos, ainda, os que não perdoam nenhum erro, saem “consertando” tudo, zelosos de sua missão de ensinar bem.

O que temos percebido é que posições maniqueístas, “ou tudo ou nada”, não são boas conselheiras. Melhor não seria buscar soluções intermediárias, “nem tanto ao mar, nem tanto a terra”, o caminho do meio?

Um menino, com idade muito avançada para a série, lutava sem nenhum aparente êxito, para aprender alguma coisa na escola. Até que um dia, brincando com as letras móveis, foi formando uma palavra e escreveu MUXILA. Alegria, orgulho e emoção tomaram conta de seu corpo, transparecendo num grande sorriso e brilho nos olhos. Você o corrigiria nesse momento?

“Errar é humano”

É o que diz a sabedoria popular. E na escola também é assim?

Os erros são comuns na vida de todo mundo, especialmente na escola, onde há tanta coisa nova para aprender. Entretanto, há erros e erros. Erramos por esquecimento, por uma distração momentânea, por desconhecimento... E existem aqueles que nem são propriamente erros.

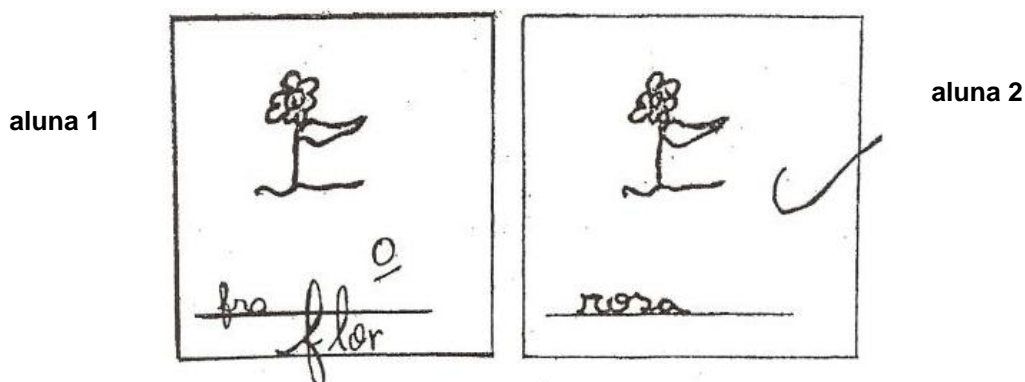
Alguns tipos de “enganos” não devem ser encarados como uma deficiência na aprendizagem. Muitos erros indicam um raciocínio elaborado e até mesmo etapas do processo de aprender, ou seja, a criança erra porque pensa a respeito do que está aprendendo.

Frequentemente, chamam a nossa atenção construções escritas que jamais foram ensinadas a aluno nenhum.

*Um menino de 1º ano escolar fazia o dever de casa no qual era pedido que escrevesse uma frase usando a palavra **pipoca**. Ele escreveu. A pipoca pula na macina. Não querendo deixar o dever ir errado, a pessoa que o orientava sugeriu a substituição da palavra **macina** por **panela**, cuja escrita ele dominava, pois a professora já a havia “dado em aula”. O garoto retrucou: “Mas essa não é pipoca de panela. É de máquina”. Sem que o adulto soubesse como agir, o dever foi errado para a escola.*

Neste caso, fazer a correção é simples, oportuno e necessário. O que o aluno fez foi escrever uma palavra “não dada”, utilizando **conhecimentos previamente construídos**. Empregou o **ci** na palavra **máquina**, provavelmente porque já conhecia o som da sílaba **ca** em **pipoca**. Se ele fosse desafiado a descobrir a diferença entre o som e a grafia em palavras como *macio, cinema, circo* e *quibe, quintal, quindim*, certamente, identificaria o erro, “sem traumas”, dando um passo significativo em seu processo de apreensão da escrita.

Numa outra situação, os alunos deveriam escrever os nomes de algumas figuras. Observe estes dois resultados e reflita sobre a correção feita.



O primeiro trabalho apresenta incorreções ortográficas, é certo. A aluna, tudo indica, transcreveu na escrita as marcas da oralidade de seu grupo social, escreveu *fro* em lugar de *flor*. O único critério na hora de avaliá-la foi quanto ao

uso da norma culta. No entanto, a menina demonstra já ter adquirido outros conhecimentos, como a correta relação fonema/grafema além de um importante avanço no raciocínio lógico: a capacidade de generalizar, de incluir um elemento numa determinada categoria. Mostra que já formou o conceito de flor: rosas, margaridas, cravos são flores. Como a ilustração não permite uma leitura clara da espécie, ela empregou a palavra que designa toda e qualquer uma – flor. Mas por sua ousadia em escrever algo ainda não “autorizado”, ensinado, pagou um preço alto: a nota zero.

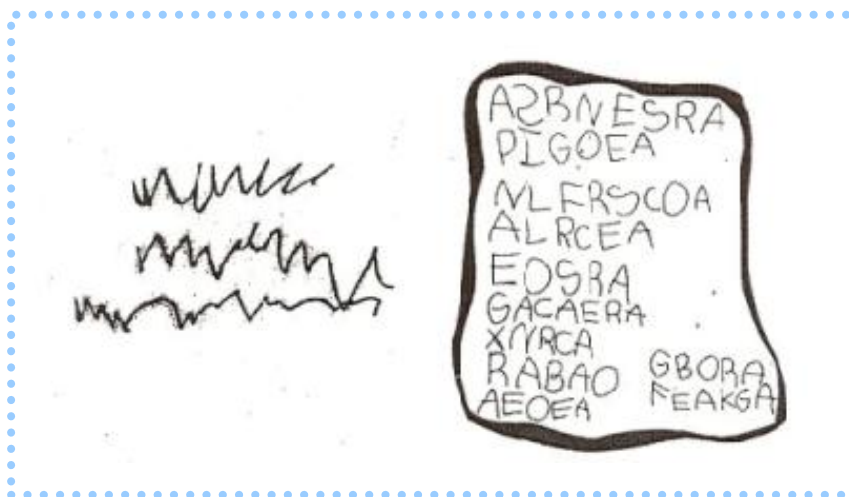
Já a segunda aluna conseguiu o que todos almejam: sua resposta foi considerada certa. Ao escrever **rosa**, possivelmente uma palavra “dada em aula”, atendeu à expectativa da professora, mesmo a figura não se parecendo com uma rosa. Valeu mais a memorização da grafia do que a leitura da imagem.

A correção feita, no primeiro caso, está completamente inadequada, podendo inibir a iniciativa da aluna em experimentar a escrita, a partir dos conhecimentos que já dispõe. Mais valioso seria se a professora tivesse elogiado a sua tentativa, encorajando-a, por exemplo, a buscar a grafia correta num dicionário ou num livro de história e refazer o que escreveu – a palavra **flor**, evidentemente. A rosa? Pode ficar para um outro momento.

E quando é melhor não corrigir?



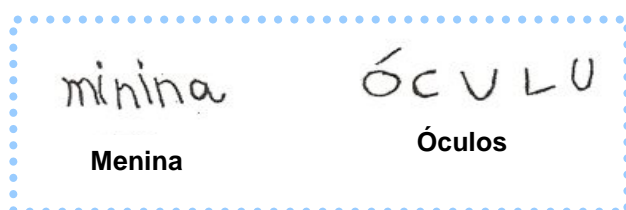
Nesta escrita, a criança usou uma letra para cada sílaba sonorizada. É bem diferente de quando fazia rabiscos aleatórios ou apenas enfileirava letras, não é?



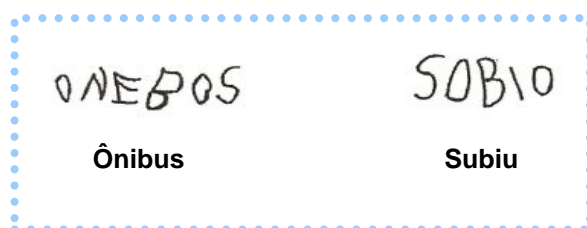
A seguir, uma outra escrita mostra que a criança já percebeu que, quase sempre, a sílaba pronunciada é escrita com mais de uma letra. E começa a empregar esse novo conhecimento ampliando a quantidade de letras na sílaba (não necessariamente em todas) e não “comendo letras” como muitos acreditam.



As crianças também costumam escrever utilizando o conhecimento que têm da língua oral (escrevem como falam)



e até corrigem além do necessário.



Conhecer o que leva o aluno a cometer cada tipo de “erro” é fundamental para fazer as correções cabíveis, no momento certo.

Alguns lembretes:

- o aluno deve se habituar, desde cedo, a ser o revisor de seu texto, reescrevendo o que estiver incorreto;
- as alternativas de correção devem estar de acordo com o grau de adiantamento dos alunos;

“**H**ipercorreção é muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever, por exemplo, como muitas palavras que terminam em **e** são pronunciadas com **i**, escreve todas as palavras com o som de **i** no final com a letra **e**.”

(Luiz Carlos Cagliari)

- os erros admitidos num 1^o ano, certamente não o serão no 4^o e muito menos no 9^o ano de escolaridade;
- se os alunos não puderem arriscar, eles certamente não vão errar. Mas, possivelmente, poucos irão acertar.

Concluindo essas reflexões, retomamos as palavras do professor José Pacheco, afirmando que uma proposta pedagógica dificilmente avançará, se dela não fizer parte uma proposta de avaliação também avançada e coerente com o que se planeja e executa.

O QUE ENSINAR? ENSINAR PARA QUÊ?

Será que os professores já se perguntaram para que se ensina o que é ensinado nas escolas? Muitos talvez sim. Todos? É possível que não.

Será que têm idéia de quando e como surgem os conteúdos curriculares? É possível que sim. É mesmo provável que muitos educadores conheçam bem as idas e vindas, as mudanças ocorridas nos ensinamentos escolares, ao longo dos tempos. Mas também pode ser que outros estejam seguros de que sempre foi assim e que assim será para sempre.

Um toque (de leve) na História nos conta que na Grécia dos antigos filósofos, as disciplinas constitutivas do currículo obedeciam a um princípio máximo comum – o desenvolvimento humano, entendido como um todo. Essa busca pela totalidade do conhecimento percorreu diferentes épocas, cada qual com suas peculiaridades, é claro. Renova-se no Renascimento, era do apogeu do humanismo, mas tem a sua unidade quebrada em 1808, quando o sistema de ensino na França é reorganizado, diferenciando-se as faculdades de letras e as faculdades de ciências.

Comênio (1592-1670), autor da *Didáctica Magna*, está convencido da estreita relação entre os diversos campos do saber, quando afirma que o ensino fracassa por não relacioná-los e adaptá-los à pessoa.



Curriculum: palavra de origem latina que significa o curso, a rota, o caminho da vida.

Tudo indica que vem daí a compartimentação do **currículo** escolar em diferentes disciplinas que, muitas vezes, sequer dialogam entre si. E mais: que dependendo do contexto político e social, algumas se sobressaem, ganham “horário nobre” nos programas escolares, enquanto outras ficam no ostracismo, numa

situação de desprestígio tal, a ponto de quase desaparecerem ou mesmo “sumirem do mapa”.

Diante desse quadro, algumas reflexões se fazem oportunas:

Princípios curriculares básicos:

- Domínio da língua falada e escrita
- Elaboração de conceitos matemáticos
- Percepção espacial e temporal do mundo
- Experimentação e explicação científica
- Fruição da arte e de mensagens estéticas

Parâmetros Curriculares Nacionais.

MEC. 1997
(adaptação)

- *Qual a função social do sistema educativo?*

- *Por que algumas matérias e não outras?*

- *O que ensinar?*

- *Que tipo de pessoas o ensino deve promover?*

São perguntas importantes para quem pensa e executa o currículo na sala de aula.

Se entendemos que o papel da escola é formar cidadãos e cidadãs capazes de responder aos problemas pessoais, sociais e profissionais que lhe são colocados, para que servem, afinal, as disciplinas escolares? Terão elas um fim em si mesmas ou serão os meios para compreender e intervir na realidade?

Interrogar-se constantemente sobre os aspectos mencionados e buscar as diferentes possíveis soluções para tomar decisões necessárias e adequadas, a cada realidade, são tarefas individuais e coletivas além de desafios permanentes para aqueles chamados para serem mestres.

Os textos a seguir abordam as diferentes áreas do conhecimento, apresentando conceitos e competências a serem trabalhados durante o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

“ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO”

“Eu, por profissão, cavo palavras nas minas do silêncio: não para apaziguar, mas provocar; não para responder, mas porque não cesso de indagar.”
(Lya Luft)

A chegada do Império Romano à Península Ibérica (século III a. C.) trouxe consigo a origem da língua portuguesa falada hoje em várias regiões do mundo: América, Europa, Ásia e África.

Naquela época, a língua dos invasores era o chamado **latim vulgar**, usado pelo povo da região do Lácio, em Roma. Apenas as pessoas cultas, como os grandes escritores Virgílio e Horácio, expressavam-se em **latim clássico**. A *“última flor do Lácio, inculta e bela”* (Olavo Bilac, 1865-1918), entretanto, não permaneceu intocada. Durante séculos, outros povos (germânicos e árabes, principalmente) dominaram a Península, deixando marcas lingüísticas na que é atualmente a nossa língua-mãe. Um pouquinho da História. Apenas para aguçar a nossa curiosidade.

Atualmente o português é falado na Europa (Portugal e nas ilhas de Açores e Madeira), na África (Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), na Ásia (Macau, Goa, Damão), na Oceania (Ilha de Timor) e na América (Brasil).

Entre os séculos XV e XVI, Portugal ocupa lugar de relevo no ciclo das grandes navegações e a Língua Portuguesa, companheira do império, se espalha pelas regiões incógnitas, indo até o fim do mundo, e, na voz do Poeta, “se mais mundo houvera lá chegara”. (Camões. Os Lusíadas, VII, 14).

(Evanildo Bechara)



A língua portuguesa, especialmente no Brasil, teve ainda mais contribuições importantes na formação de seu vocabulário.

Ao chegarem ao Brasil, no século XVI, os portugueses encontraram terras e um idioma: o tupi, uma língua primitiva que era falada pelos indígenas no vasto território recém encontrado. Impor a língua portuguesa aos nativos foi uma tarefa difícil para os colonizadores, que só conseguiram algum resultado no processo de catequese com os padres jesuítas,



Quadro de Albert Eckhout (Séc. 17) tematiza dança indígena

estudando a língua dos indígenas e produzindo uma gramática tupi. A língua tupi ocupou um papel de destaque até o século XVIII, mas com a frequente imigração portuguesa foi desaparecendo e sua influência hoje, restringe-se ao expressivo vocabulário incorporado ao português do Brasil: abacaxi, mandioca, sabiá, saci, piracema, guanabara, gambá, capim, ceará, niterói...

Somaram-se, ainda, à língua portuguesa do Brasil palavras e expressões trazidas pelos negros, por ocasião do tráfico negreiro, ao longo de três séculos e meio de regime escravocrata: candomblé, quiabo, quindim, moleque, cachimbo, senzala...



Jean-Baptiste Debret
Negro Muçulmano

Podemos observar hoje em dia um aumento ainda maior de nosso vocabulário que tem incorporado o que gramaticalmente chamam-se estrangeirismos – palavras estrangeiras – facilitados pelo uso cada vez maior da internet e de informações que adquirimos com velocidade nestes novos tempos.

Expressar-se usando a linguagem verbal e não-verbal é uma das primeiras aprendizagens conquistadas pelos seres humanos. Antes mesmo dos dois anos de idade, uma criança já é capaz de comunicar o que deseja ou

está sentindo, lançando mão de recursos variados: gestos, choros, pirraça, gritos, até mesmo mordidas servem para se proteger ou defender o que julgam direitos seus. Mas a vida social começa a exigir manifestações mais civilizadas e, gradativamente, nosso pequeno “selvagem” passa a utilizar a fala para perguntar, responder, pedir algo, explicar-se, socializar as suas emoções e necessidades. É no seu meio cultural que as crianças aprendem as línguas faladas pelas pessoas com as quais convivem e a utilizar os instrumentos de comunicação valorizados em sua cultura.

Quando chegam à escola, elas se expressam satisfatoriamente, empregando em sua linguagem a estrutura própria de seu dialeto ou variação lingüística.

E por que será que na escola um dos conhecimentos mais destacados é a aprendizagem da língua materna, a Língua Portuguesa, no nosso caso? Bem, se por um lado falar e entender a fala são características da espécie humana que se adquire ainda na infância, em situações coloquiais e informais, por outro lado, ler e escrever são habilidades cognitivas que surgem no meio cultural, podem ser adquiridas em qualquer idade e requerem instrução, ensino formal. E quem sabe não foi graças a esta última particularidade que a Língua Portuguesa aportou definitivamente nos conteúdos escolares.

“Nessa escola, os alunos aprendem a buscar a informação (nas aulas, no livro didático, na TV, no rádio, no jornal, nos vídeos, no computador etc.) e os elementos cognitivos para analisá-la criticamente e darem a ela um significado pessoal.”

(José Carlos Libâneo)

Durante muito tempo, a tarefa da escola em relação ao aprendizado da língua limitava-se a ensinar a ler e a escrever. O silêncio, considerado “de ouro”, era condição para a boa aprendizagem, calcada na escrita, na cópia e na repetição. Hoje, as coisas estão diferentes, precisam ser diferentes. A comunicação, sob as mais diversas formas, invadiu o nosso cotidiano, exigindo o domínio de múltiplas linguagens. E a escola toma para si a responsabilidade de ampliar seus limites, para estar em sintonia com o aluno e seu mundo.

Três grandes eixos serão abordados aqui, porque são constituintes importantes do currículo básico da Língua Portuguesa na escola:

- Linguagem oral
- Linguagem escrita
- Literatura

Linguagem oral

“Ambivalentes como nós, palavras preparam armadilhas ou abrem portas de sedução.”

(Lya Luft)

Saber que não cabe à escola ensinar alguém a falar, nós já sabemos. Muito menos desqualificar uma “fala errada”, porque está em desacordo com a norma “cult”, isto também é claro. Qual será então o seu papel diante dessa prática social encravada na vida de todos?

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. (PCN. Língua Portuguesa, 1997)

A premiada escritora e tradutora Lya Luft, conhecida por sua luta contra os estereótipos sociais, nasceu em 1938, no Rio Grande do Sul. Formou-se em Pedagogia e Letras Anglo-Germânicas. É Mestra em Lingüística Aplicada e Mestra em Literaturas Brasileira e Portuguesa.

O humor de Chris Browne na tira de “Hagar, o horrível”, por exemplo, pode ser um caminho divertido e bastante sedutor:



O GLOBO – 13/10/2007

Eis aí uma boa diretriz para o currículo do primeiro segmento do Ensino Fundamental, que pode ser desdobrada em sala de aula, com conceitos e competências significativas para os alunos.

ORALIDADE

- Expressar idéias e emoções com clareza, de modo a ser entendido pelos interlocutores.
- Utilizar a fala para argumentar, emitir opiniões e defender pontos de vista.
- Perceber os significados (coletivos) e os diferentes sentidos (individuais) das palavras e expressões.
- Ouvir/compreender mensagens orais.
- Responder adequadamente ao interlocutor.
- Narrar fatos, estabelecendo relações de temporalidade e causalidade.
- Realizar predições, levantando hipóteses em situação de interlocução.
- Sintetizar oralmente uma idéia.
- Descrever personagens, objetos, situações sob diferentes pontos de vista.
- Reconhecer e utilizar elementos complementares (gestos, postura, sinais) em situações de intercâmbio oral.
- Adequar o discurso à situação e intenção comunicativas.
- Perceber as transformações sofridas pela língua ao longo do tempo.
- Reconhecer e valorizar as variedades linguísticas regionais e culturais.

Linguagem escrita

“Escrevo porque tenho prazer em elaborar com palavras tantos destinos cujos fios nascem em mim, produzindo romances para que eu trabalhe muitas tapeçarias.”

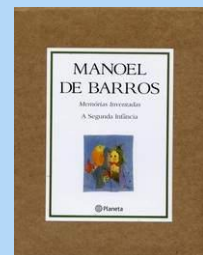
(Lya Luft)

Dominar a leitura e a escrita é condição inalienável para a cidadania plena, em um mundo onde a informação e a produção de conhecimento circulam, prioritariamente, de forma impressa. Ler e escrever, entretanto, vai além da aquisição da tecnologia de codificação (escrita) e decodificação (leitura) da língua; é preciso exercer as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que se vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral, como nos propõe Magda Soares (2006) em seu conceito sobre *Letramento*.

“Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam.”

(Manoel de Barros)

Memórias Inventadas. A infância. Manoel de Barros. São Paulo: Planeta, 2003.

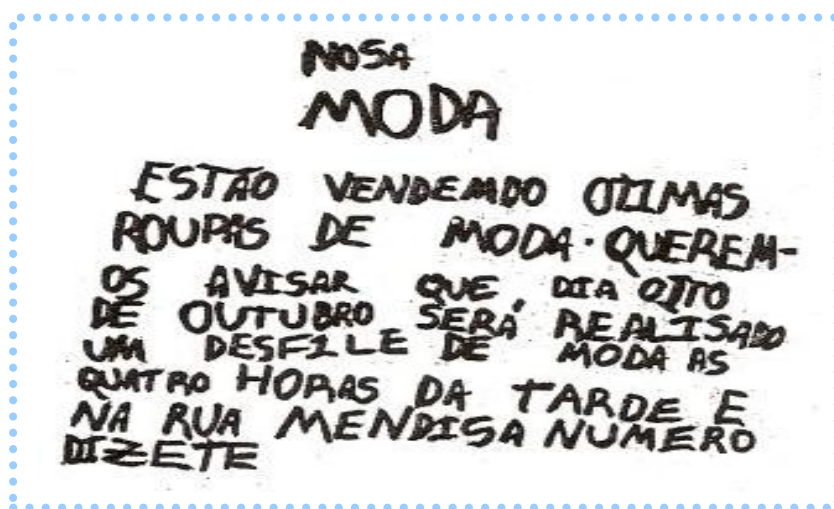


E para você? Que palavras entoam algo muito especial?

Utilizando a língua oral ou a escrita, produzir linguagem é produzir discursos.

Cabe lembrar que a língua não é instrumento do qual dispomos apenas para organizar o que se vai dizer ou escrever, mas é, fundamentalmente, a apropriação de um sujeito que imprime sua marca na escolha das palavras, frases, orações ou textos que lhe são significativos.

E as crianças, em diferentes momentos da aprendizagem, já são capazes de produzir discursos por meio de textos significativos. Quer ver?



Anúncio

FERNANDO HERIQUE CARDO SO

FERNANDO HERIQUE
NÃO GOSTO DO GEITO
DO BRASIL EU NÃO QUERO
MAIS VIOLÊNCIA

BEIJOS
IGOR

Diálogo entre mãe e filho:

O filho caçula, vendo o progresso do irmão na alfabetização afirma:

- Mãe, eu já sei fazer letra cursiva também.
- Ah, que bom filho. Então faz para eu ver – incentiva a mãe.

E o filho logo explica:
É letra cursiva de outro país!

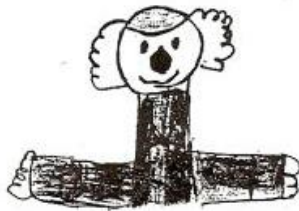
Carta

Diálogo

Redação

O Palhaço

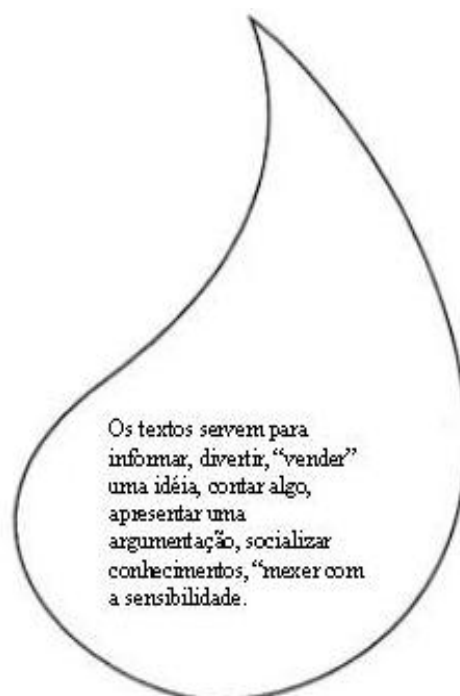
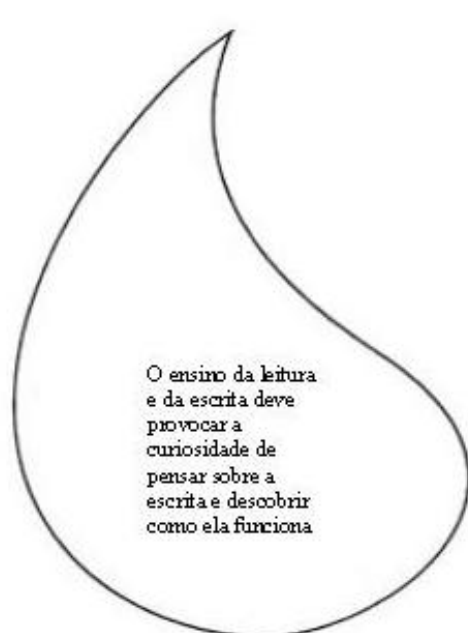
No circo a parte que eu mais gosto é do palhaço. Eu acho que a maioria das crianças gostam do palhaço, principalmente as pequeninas. O palhaço faz a felicidade, a alegria e a festa de muitas crianças. O palhaço quando é muito engraçado faz a gente dar boas gargalhadas e tempo todo, mas também quando é sem graça e conta piadas bobas faz as crianças dormirem e pedirem para ir embora do circo. Eu acho que o palhaço tem que estar sempre de bom humor e fazer muita ginástica para poder dar muitas comidinhas.




VOSE É PROFSORA?
VOCE JADELA U LA
COMO VOCE TRABALHA ?
O QUE SE PRECISA PARA EXER
UM LIVRO?
PORAVE VO SE BOTO AFABETO?
PORQUE VOCE COLOU O UCA O NA CAPA?
QUEM DESENHOU NO SEU LIVRO ?

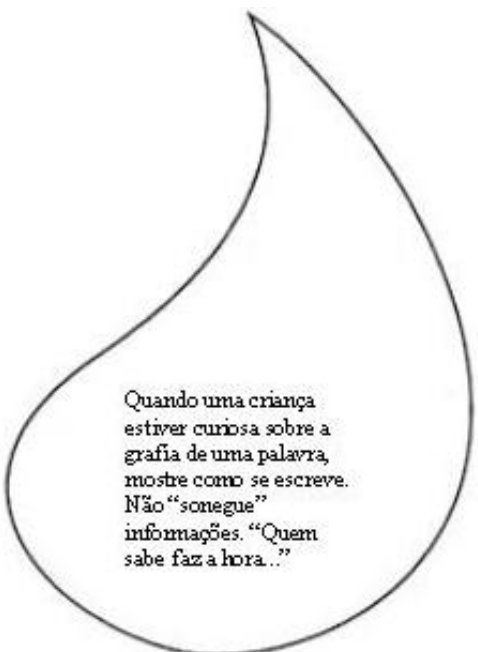
Entrevista

Mas o que é preciso para que uma criança consiga dialogar, usando para ler ou escrever a linguagem que circula entre as pessoas em diferentes situações de interlocução? Propomos, antes de qualquer coisa, algumas reflexões neste desprezioso “conta-gotas pedagógico”:







Como descobrir o que a criança já sabe e o que ainda precisa aprender sobre a escrita? É simples: permitindo que leia e escreva espontaneamente como souber,



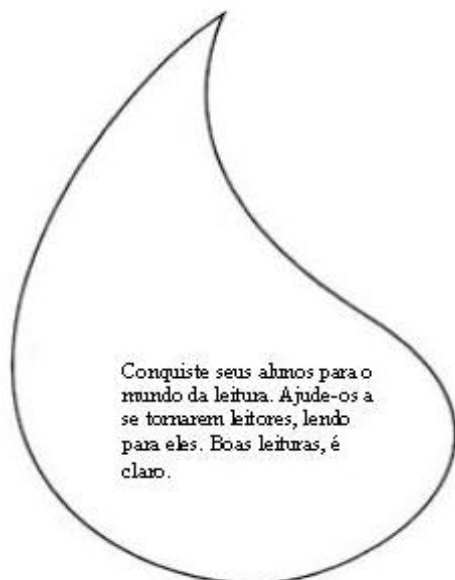
Quando uma criança estiver curiosa sobre a grafia de uma palavra, mostre como se escreve. Não “sonegue” informações. “Quem sabe faz a hora...”



Ler não é soletrar letra por letra, sílaba por sílaba, nem decifrar palavra por palavra. Ler é construir o significado, é dialogar com o texto.



Não se esqueça: o desejo de aprender pode ser despertado. “Acertamos o passo” quando valorizamos o universo cultural, social e afetivo dos alunos.



Agora, sem pretender dar conta de toda a riqueza que circula em cada sala de aula, destacamos alguns conceito e competências que precisam ser vividas e apropriadas pelos nossos aprendizes, em relação à língua escrita:

LEITURA

- Reconhecer a função social de determinados textos.
- Reconhecer símbolos gráficos presentes na vida social.
- Perceber a diferença entre imagem e escrita.
- Relacionar diferentes registros lingüísticos aos suportes correspondentes: jornal, livro, cartaz, convite, revista, panfleto etc.
- Reconhecer alguns gêneros de leitura: história, relato, poesia, reportagem, correspondência, publicidade etc.
- Ler o próprio nome, os dos colegas, palavras significativas e textos previstos para a etapa da aprendizagem.
- Compreender os aspectos temporais do texto: ontem, hoje, amanhã, antes, depois, passado, presente e futuro.

- Antecipar e fazer inferências em relação ao conteúdo do texto, utilizando conhecimentos prévios: portador, característica do texto, gênero, contexto etc.
- Selecionar as informações relevantes que permitem a identificação e compreensão do texto.
- Identificar personagens, propósito, lugares nos textos trabalhados.
- Compreender e interpretar os textos lidos, com autonomia e visão crítica.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- Compreender a função da escrita na vida social.
- Identificar as relações entre os sons e a escrita.
- Escrever utilizando a escrita alfabética.
- Reconhecer que as palavras são formadas por sílabas, menor unidade sonora da língua.
- Respeitar a segmentação do texto em frases e palavras.
- Escrever o próprio nome, o dos colegas, palavras significativas e textos compatíveis com a etapa da aprendizagem.
- Ampliar, resumir, ordenar e reordenar sentenças, períodos e textos, ao utilizar repertório linguístico.
- Produzir textos em suas diversas tipologias, respeitando o gênero indicado.
- Utilizar elementos de coesão, buscar a coerência e a eficácia do texto.
- Elaborar textos exercitando a construção de parágrafos.
- Escrever textos considerando a possibilidade de compreensão do leitor.
- Atender às regras de ortografia vigentes.

- Empregar as regras gramaticais adequadas a cada situação: maiúsculas e minúsculas, pontuação, acentuação, concordâncias verbal e nominal.
- Revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los.
- Perceber as transformações da grafia ao longo do tempo.

Uma questão que, geralmente, tem sido mal resolvida nas escolas é o ensino das normas que regulam o uso da língua oral e escrita. A gramática e a ortografia devem ou não ser ensinadas nos anos iniciais?

Certa vez, uma professora de Língua Portuguesa recebeu um afilto e urgente pedido de S.O.S. Poderia ela, às vésperas de uma prova definitiva, socorrer um aluno com sérias dificuldades na aprendizagem da língua materna, mas querendo muito “passar de ano”? E lá foi ela tentar o que parecia impossível.

No primeiro, dos pouquíssimos encontros que teriam, a nossa professora se inteirou dos conteúdos previstos para o teste, selecionou os mais relevantes, “arregaçou as mangas” e propôs que o aluno escrevesse um texto relatando algum fato vivido por ele. Isso feito, procederam à leitura do texto e o jovem, por solicitação da professora, destacou o primeiro parágrafo e, neste, a primeira frase. Em seguida, deveria identificar qual era o sujeito da sentença. E, então, a professora foi surpreendida com uma pergunta de um mais do que surpreso aluno:

“Amarro com fitas de vírgulas e pontos os meus pacotes de perplexidade, e vou soltando em livros para quem quiser ler.
“Exclamações, não aprecio; reticências me parecem débeis e hesitantes, e talvez eu abuse da interrogação; ponto e vírgula é ótimo para insinuar.”

(Lya Luft)

“– Ué, mas no meu texto também tem isso?”

Se as aulas particulares surtiram ou não os resultados pretendidos, é fato de pouca importância aqui, diante das possibilidades de reflexão provocadas por esta perplexa, espontânea e desconcertante pergunta, que logo nos remete a outro questionamento: **afinal, para que serve conhecer o funcionamento da língua, com seus usos e normas, a não ser para aprimorar a comunicação entre as pessoas?**

Segundo Neves (2000), o que a escola não pode, definitivamente, é “*criar no aluno a falsa e estéril noção de que falar ou escrever não tem nada que ver com gramática*”. Ninguém pode ignorar que o objetivo prioritário do ensino da língua é possibilitar ao aluno *falar, ler e escrever melhor*, ou seja, ser bem sucedido nas diferentes situações de interação, de interlocução. Então, por que não trazer para a sala de aula a reflexão sobre o que representa *usar melhor* a língua oral ou escrita? Encontrar o sujeito em um texto, conforme o exemplo dado, não deve ser o único propósito do estudo, mas este conhecimento também ajudará o grupo a dominar melhor a língua com a qual se expressa.

“A gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.”

(Luis Fernando Veríssimo)

Não cremos que nas séries iniciais seja tão importante aplicar exaustivamente a gramática normativa, com ênfase nas regras e nomenclaturas, e que, geralmente, é tratada de maneira isolada, descontextualizada. A utilização da gramática textual, a que propõe uma compreensão sempre articulada à globalidade do texto, com certeza será mais adequada para os iniciantes. O que não significa absolutamente usar o texto como mero pretexto para aprender as regras linguísticas, sob pena de se perder a sua função primordial.

O emprego da ortografia correta e o conhecimento da gramática são fortes aliados na elaboração de textos, orais e escritos, que produzam sentido e, portanto, interação verbal entre interlocutores.

É preciso pensar, ainda, como parte importante do processo de produção textual do aluno, como o professor se fundamenta, avalia e lê este texto.

Enumerar requisitos e critérios importantes para o bom desempenho da escrita como: **coerência à proposta sugerida, coerência interna, coesão, ortografia, influência da oralidade, repetições, concordância**, de fato, são fundamentais para a formação do bom aluno escritor. Entretanto, antes disso, há que se pensar nesta produção textual como **criação** e invenção de um sujeito que, a partir da disposição da língua e de toda a sua estrutura, ainda precisa contar com sua **habilidade, experiência, envolvimento e identidade** com o tema proposto.

Rio, 12 de março de 1957

“Resolvi começar hoje a escrever o meu diário. Possivelmente, amanhã mudarei de idéia. Não sei continuar muito as coisas. Não sei se isto é bom ou ruim. Deve ser ruim.”

19 de março de 1957

“Que grande companheiro é este caderno! Como ele me ouve! Somos cada vez mais íntimos.”

Trechos do Diário de Antonio Maria, um dos mais talentosos cronistas nas décadas de 50 e 60 e autor de uma obra musical vasta, como o clássico *Ninguém me ama*. Morreu prematuramente, em 15 de outubro de 1964, aos 43 anos.



O professor precisa criar condições, ao sugerir uma produção textual, de envolvimento deste aluno com sua proposta. E deve ser capaz, principalmente, de ler seu conteúdo, antes de sua forma. Levar em consideração e interessar-se pelas idéias, imagens e caminhos apresentados neste texto do aluno será, talvez, o maior desafio do professor.

Literatura

“Quando a gente lê alguém como Exupéry, como Rilke, como Proust, sente uma certa pena de não ter escrito aquilo. Quase uma inveja. Uma vontade esquisita de plagiar. Mas essas coisas ao mesmo tempo nos animam. Ainda há muito a dizer. Milhões de coisas mais, que Proust, Rilke e Exupéry não disseram. E por que eu não posso dizer algumas delas?”
(Antonio Maria)

Lendas, fábulas, romances, poemas, novelas acompanham a vida e a cultura humanas, parece-nos que desde sempre, tão antigas e impregnadas no cotidiano estão elas. A necessidade quase compulsiva que os seres humanos têm de ouvir e criar histórias e mitos está ligada a uma busca constante pela compreensão dos mistérios que cercam a nossa existência. Para tanto, vimos usando a linguagem simbólica e fantástica dos

contos, por séculos e séculos, como verdadeira Sherazade que evitou a própria morte, desfiando, durante mil e uma noites um rosário de histórias. Uma curiosidade: esta obra, *As Mil e Uma Noites*, que reúne as mais deslumbrantes histórias do povo árabe não tem autor conhecido! Faz parte da tradição oral divulgada pelos contadores de histórias nas ruas e nos mercados das aldeias e cidades.

“A literatura não nasceu no dia em que um menino gritando lobo! lobo! veio correndo pelo vale de Neandertal com um grande lobo cinzento no seu encalço: a Literatura nasceu no dia em que um menino veio gritando lobo! lobo! e não havia lobo nenhum atrás dele!”
(Vladimir Nabokov)

Por meio de um conto de fadas, por exemplo, a criança pode reconhecer e vivenciar, sem culpa, seus impulsos, desejos e angústias, identificando-se com o herói, com a princesa e exorcizando o mal, de forma controlável. A Psicanálise vem mostrar que as fantasias apresentadas nos contos são metáforas de processos que vivemos inconscientemente.

Durante séculos, as histórias foram transmitidas, em todas as culturas, de “boca em boca”. Desde a criação dos mitos, passando pelas fábulas, pelos contos maravilhosos (Perrault, Andersen e Irmãos Grimm), lendas do folclore (Curupira, Iara, Mãe d’água, Saci Pererê, Mula sem Cabeça...), chegam aos nossos dias com força total, o repertório ampliado e renovado por autores e autoras, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, que não deixam morrer a importante arte de escrever e de contar que tanto enriquece nossas experiências pessoal e cultural.

Surgida na Índia, trazida ao Ocidente por Esopo (século V a. C.) e atualizada por La Fontaine (século XVII) a fábula é uma narrativa, geralmente vivida por animais, que encerra lições morais. No século XX, Monteiro Lobato reinventou inúmeras fábulas dando-lhes um sabor brasileiro.

E hoje, mais do que nunca, as histórias permanecem vivas graças aos meios tecnológicos que permitem a gravação, a filmagem e a impressão de enredos e narrativas que, assim, podem correr o mundo e chegar aos mais distantes e diferentes lugares, enchendo a vida de crianças, jovens e adultos de sonhos e de fantasia.



“A palavra rompe novos trilhos, se sonhamos outros destinos. E se escritas, elas gravam nosso percurso evitando que outros repitam a mesma trajetória. A escrita ordena e torna a fantasia transparente.”

(Bartolomeu Campos de Queirós)

Quando falamos sobre Arte, há sempre uma relação íntima (e muitas vezes polêmica) entre realidade e ficção. Estabelecer o espaço e os limites que cada uma pode ocupar numa obra é tarefa das mais difíceis quando pensamos no sentido da linguagem artística, seja ela qual for, em nossa vida. Na Literatura, arte construída pela palavra, por mais metafórico, mais poético, mais alegórico que seja seu conteúdo, o sentido parte de nossa referência e conexão com o real. O modo como essa referência se constrói é que faz toda a diferença para o discurso fundamentalmente literário. Quando a palavra subtrai o previsível do discurso e assume sua capacidade de surpreender, de inventar,

de desconstruir, ela potencializa seu valor artístico e amplia uma leitura que só pode ser feita com um novo olhar. O discurso ficcional não recria uma

“Quando entrei no grupo escolar (...) aos sete anos, já tinha lido até autores para adultos, como Oscar Wilde, Anatole France e Eça de Queirós, que os próprios professores não conheciam. Mas, quanto ao resto, não era assim um aluno que impressionasse, sabe?”

(Marcos Rey, escritor, no livro *Pioneiros do rádio e da TV no Brasil*)

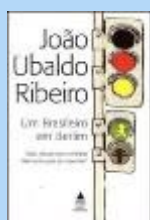
realidade, ele inventa outra. A “ordem” da linguagem literária é a linguagem de desordem, uma linguagem que não se vende ao sentido linear, evidente, simbólico, ao contrário, suplica pela investigação, pela escavação, pela revolução.

“*Julia Kristeva (1974), na esteira do pensamento de Bahktin, diz que todo texto é um mosaico de citações, ou seja, uma retomada de outro com os quais dialoga intertextualmente, tanto no momento da escrita, como no momento da leitura.*”

(Walty, 2006)

Afirmar nossa potencialidade humana, carregada de sentidos (éticos e estéticos) na obra literária, em seus signos reveladores e libertadores de significação; identificar os vestígios de uma linguagem que se constroi, ao contrário dos anúncios luminosos da cidade, na mais singular e imprevisível interioridade humana é um grande desafio.

João Ubaldo Ribeiro, autor, entre outras grandes obras, de *Viva o povo brasileiro*, revela suas primeiras experiências com a leitura no livro *Um Brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.



Muitas crianças, quando chegam à escola, já foram “mordidas” pela magia da literatura, seduzidas pelos livros em seu ambiente familiar. No texto *Memórias de Livros* o escritor João Ubaldo Ribeiro conta como foi a sua “iniciação” com os livros:

“*Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (...), de maneira que eu convivía com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava histórias que eles ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara.*

(...)

“*Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas.*”

Mas também há aqueles alunos, e são muitos, que jamais vivenciaram o prazer de ouvir alguém ler uma história antes de dormir ou de possuir um livro seu para manusear, abraçar, cheirar e ler, muitas e muitas vezes, a mesma narrativa, cheia de encantos e mistérios. Para estes, o espaço escolar talvez seja a única oportunidade de se apaixonarem pela literatura.

E para os primeiros? Também cabe à escola alimentar e realimentar a prática leitora, não permitindo que ela se perca em certas atividades que mais parecem pensadas para provocar a rejeição pelos livros.

O que os professores podem fazer para encorajar o amor pelo aprendizado e pela leitura?

Os livros nos ajudam a gostar de ler, mas também nos ensinam a ler e a escrever melhor. Todos os dias, algum tempo da aula deve ser ganho com a leitura de um poema, uma crônica, uma história, criando uma atmosfera positiva que encaminhe os alunos ao encontro da leitura. De vez em quando, faça uma surpresa para seus alunos: coloque sobre cada carteira um livro e convide cada um a sentar-se no lugar onde está o livro que gostaria de ler. Dê algum tempo para a escolha e incentive as crianças a explicarem porque escolheram um determinado título. Vocês podem fazer, juntos, um relatório sobre os livros preferidos e um planejamento para a sua leitura pela turma.

“Ler por prazer é uma atividade extraordinária. Os símbolos negros sobre a página branca são silenciosos como um túmulo, descoloridos como o deserto enluarado; porém, eles dão ao leitor qualificado um prazer tão agudo quanto o toque de um corpo amado, tão vibrante, colorido e transfigurante como ninguém lá fora no mundo real.”

(Victor Nell)

QUADRO SÍNTESE DOS CONTEÚDOS LÍNGUA PORTUGUESA

I – Oralidade

- Comunicação oral (falar/ouvir/compreender/interpretar)
- Argumentação e contra argumentação
- Formulação de perguntas e respostas
- Planejamento da fala
- Significados (coletivos) e sentidos (individuais) de palavras e expressões
- Narração (temporalidade e causalidade)
- Previsão/ hipóteses
- Descrição (personagens, objetos, situações)
- Elementos complementares (gestos, sinais, postura)
- Variedades lingüísticas (regionais e culturais)

II – Leitura

- Função social dos textos
- Símbolos gráficos
- Imagem e escrita
- Relação fonema / grafema
- Compreensão e interpretação (diferentes gêneros)
- Temporalidade (ontem, hoje, amanhã, antes, depois)
- Antecipação e inferência
- Relação registro lingüístico/suporte (jornal, livro, cartaz, etc.)
- Informações relevantes do texto
- Apreciação de textos literários

III – Produção Textual

- Função social da escrita
- Relação som e escrita
- Sistema alfabético
- Ordem alfabética
- Segmentação do texto (frase/palavra)
- Direção da escrita (esquerda/direita, de cima para baixo)
- Diversidade textual (diferentes gêneros)
- Produção textual (com ajuda e com autonomia)
- Regras gramaticais (maiúsculas e minúsculas, pontuação, parágrafo, acentuação, concordância)
- Sistema ortográfico
- Coerência e elementos de coesão

CONTA COMIGO

“Atualmente, habilidade básica em Matemática não é mais saber fazer contas e utilizar corretamente as várias unidades de medida. Habilidade básica é saber escolher, entre os conceitos e informações disponíveis, os mais apropriados para a compreensão de uma situação e a solução de problemas a ela associados: é ser capaz de comunicar o que foi feito, bem como interpretar e utilizar os resultados obtidos para tomar decisões.”

(João Pitombeira)

A matemática é uma linguagem universal que aproxima as pessoas de diferentes culturas e espaços geográficos.

Dizer que a Matemática faz parte do cotidiano muitas vezes soa como mais um jargão utilizado por nós, educadores.

Se a Matemática realmente está presente no nosso dia-a-dia, por que temos constatado que, cada vez mais, muitos alunos têm dificuldades em compreender os conceitos matemáticos que a escola se propõe a ensinar?

Se nos deixamos levar por uma reflexão apressada, tendemos a afirmar que a Matemática que está na nossa vida parece ser muito diferente da que encontramos na escola.

Não é raro observar as crianças que fazem troco, calculam lucro etc., com sucesso, não conseguem o mesmo desempenho na escola. Então, “na vida dez, na escola zero”. O que acontece com esses conhecimentos que as crianças adquirem quando elas chegam à escola?

Parece-nos que não se consegue estabelecer uma relação entre os cálculos realizados pela criança no seu dia-a-dia com os cálculos propostos em muitas escolas. Em geral, que continuam sendo apresentados unicamente

“Na vida dez, na escola zero”. Este é o título do livro de Terezinha Nunes, escrito em 1988, no qual a autora relata uma pesquisa realizada com crianças das classes populares. Elas fazem corretamente cálculos no seu cotidiano (vendem doces e frutas na rua), embora acumulem várias repetências, fracassando na “matemática da escola”.

exercícios do tipo “arme e efetue” e “problemas” que não constituem “desafios” e nem estão baseados em situações contextualizadas e significativas para os alunos.

É importante que o professor proponha situações para que o aluno note as conexões existentes entre a Matemática e o cotidiano, entre a Matemática e outras disciplinas e também dos diferentes temas matemáticos entre si.

A Matemática não pode mais ser encarada como uma ciência fechada em si mesma, uma ciência estática, pronta e acabada. É preciso ter claro que os conhecimentos produzidos pela humanidade, e que são objeto do trabalho na escola, surgem como forma de resolver problemas que o homem enfrenta no seu cotidiano, facilitando a sua vida.

A Etnomatemática procura partir da realidade e chegar à ação pedagógica de maneira natural, mediante um enfoque cognitivo com forte fundamentação cultural.

(Parâmetros Curriculares Nacionais, vol. 3.)

Nesta perspectiva, temos a contribuição da **etnomatemática** que vem demonstrando a relação íntima da Matemática com aspectos socioculturais e políticos, procurando compreender os processos de pensamento, os modos de explicar, de entender e de atuar na realidade, a partir do contexto cultural do próprio aluno. Daí a importância metodológica que a resolução de problemas adquire no ensino da Matemática.



Os conceitos, idéias e métodos matemáticos precisam ser abordados a partir de situações em que os alunos necessitem desenvolver algum tipo de estratégia para resolvê-las. Sendo assim, **a resolução de problemas** surge como uma orientação para a aprendizagem, pois propicia o contexto em que se pode compreender conceitos e desenvolver procedimentos e atitudes matemáticas.

Aproximações sucessivas ao conceito são construídas para resolver um certo tipo de problema; num outro momento, o aluno utiliza o que aprendeu para resolver outros, o que exige transferências, retificações, rupturas, segundo um processo análogo ao que se pode observar na história da matemática.

(Parâmetros Curriculares Nacionais, vol. 3)

Um problema matemático é uma situação que demanda a realização de uma seqüência de ações ou operações para obter um resultado. Ou seja, a solução não está disponível de início, no entanto é possível construí-la.

(Parâmetros Curriculares Nacionais. v. 3. p. 44.)

Quando falamos em problemas relacionados à Matemática, tendemos a pensar que estamos falando apenas daqueles que envolvem cálculos aritméticos e algébricos. Nem todos os conceitos e procedimentos matemáticos estão diretamente relacionados a números. Pensar matematicamente significa estabelecer relações entre fatos, acontecimentos... E isso não é uma prerrogativa da Matemática. Daí o seu caráter interdisciplinar.

Em nossas salas de aula, devemos dar oportunidade aos alunos de resolver problemas diversos, numéricos ou não, da mesma forma que eles aparecem em nossas vidas. Por isso a importância de apresentar problemas de diferentes tipos:

- sem dados numéricos;
- com dados numéricos, que envolvem operações ou não;
- com excesso de dados;
- com dados insuficientes (o que torna impossível a solução);
- a partir de cenas/figuras;
- a partir de encartes de supermercados;
- a partir de material estruturado (Tangram, blocos lógicos, régua de Cuisenaire, material dourado, geoplano etc.);

- vinculados a diversos campos da atividade profissional;
- simulando a realidade;
- a partir de jogos;
- a partir de gráficos;
- problemas de lógica.



Devemos também apresentar um trabalho sistemático com o **cálculo mental**, além do **cálculo escrito exato e aproximado**.

Atividades com a calculadora também são recomendadas, já que elas potencializam a capacidade dos alunos ao resolver diferentes tipos de cálculos, além de permitir a exploração de propriedades e a observação direta de padrões numéricos.

Ao resolver um problema, o aluno “põe em jogo” habilidades de analisar, buscar compreender, tentar encontrar uma solução e verificar se a resposta é coerente com a questão apresentada. Habilidades essas que são necessárias para a vida.

A resolução de problemas é uma atividade de investigação, um importante recurso para se “fazer” Matemática.

É importante também, trazer para a sala de aula a história da Matemática,

“Ninguém ama o que não conhece: este pensamento explica porque tantos alunos não gostam da matemática. Se a eles não foi dado conhecer a matemática, como podem vir a admirá-la?

(Lorenzato, 2002.)

pois, ao revelar a matemática como uma criação humana, ao mostrar necessidades e preocupações de diferentes culturas, em diferentes momentos históricos, ao estabelecer comparações entre os conceitos e processos matemáticos do passado e do presente, o professor tem a possibilidade de desenvolver atitudes e valores mais favoráveis do aluno diante do conhecimento matemático. (PCN, v. 3)

Os aspectos históricos possibilitam que se responda a alguns “porquês”, além de ser um instrumento de resgate da cultura humana.

Essa proposta de trabalho entende a matemática como uma ciência viva, em constante evolução.

Não podemos negar que vivemos em uma sociedade tecnológica, embora se saiba que nem todos têm acesso aos bens tecnológicos da mesma forma. Porém, como a escola tem um compromisso com a sociedade na qual se insere, é importante trazer esses recursos para a sala de aula.

É necessário que o aluno perceba a tecnologia como um instrumento facilitador da ação matemática ao longo da sua história (ábaco, calculadora, computador etc.) e como facilitadora da vida do homem (caixa eletrônico, máquina de leitura ótica, jogos eletrônicos etc.).

Um recurso importante para o trabalho da Matemática na sala é o **jogo/brincadeira**. Por ser um objeto cultural, o jogo permite a **contextualização** de problemas, favorecendo a criatividade e a elaboração de estratégias de solução, propicia a interação entre os sujeitos, o confronto entre diferentes formas de pensar e permite perceber os conhecimentos lógico-matemáticos nele envolvidos.

Um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer. Por isso, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver. (PCN, v.3)

“Ser um leitor em matemática permite compreender outras ciências e fatos da realidade, além de perceber relações entre diferentes tipos de texto.”

(Smole e Diniz)

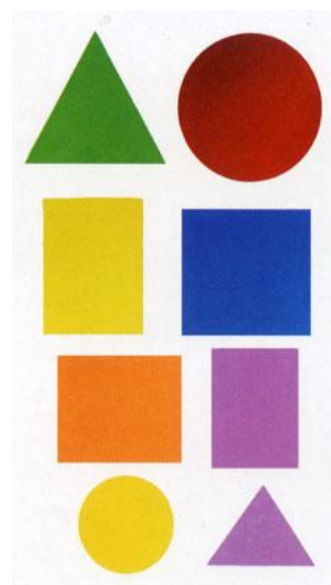
É fundamental também destacar a importância da comunicação na aprendizagem da Matemática. Ela leva ao desenvolvimento da capacidade de **comunicar**, **justificar**, **argumentar**, **conjeturar** e **partilhar**, com outros, sua idéia.



As práticas de leitura e a produção escrita também são consideradas fundamentais nas aulas de Matemáticas. Devemos trabalhar com textos variados, como: notícias e anúncios de jornal, textos literários, bulas de remédios, rótulo de produtos, extratos bancários, receitas culinárias, notas fiscais, mapas, gráficos e obras de arte, além de textos sobre a história da Matemática.

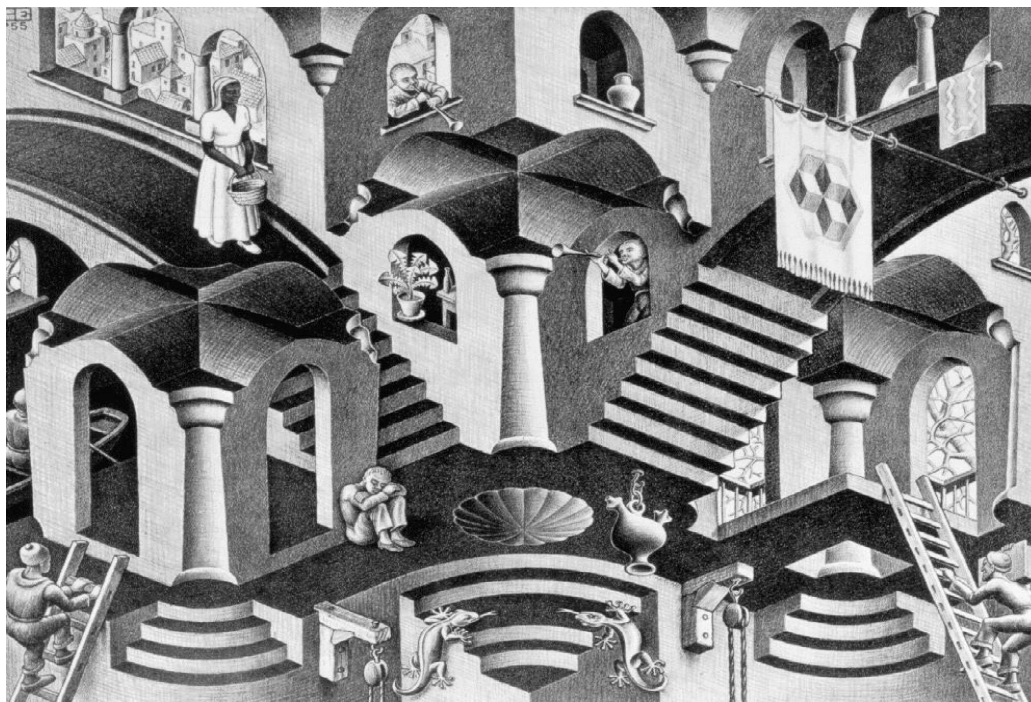


Finalmente destacamos a importância do trabalho com as **noções geométricas** que favorecem ao aluno desenvolver a compreensão do mundo em que vive. Esse trabalho ainda permite ao aluno estabelecer conexões entre a Matemática e outras áreas, como por exemplo, a integração com as artes plásticas. Quadros, esculturas, dobraduras de papel e quebra-cabeças geométricos passam a fazer parte do contexto das aulas de Matemática, conferindo a elas uma dimensão mais dinâmica.



Ao tomar a arte como aliada é possível trazer a emoção, a sensibilidade, a intuição, a criatividade e a imaginação tão

presentes na atividade artística, e de fundamental importância na vida de qualquer indivíduo, para a aula de Matemática.



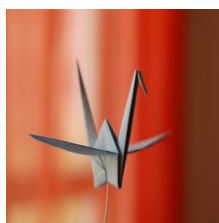
M.C. Escher
Convexo e côncavo, 1955.

“A idéia de que o pensamento matemático se reduz a seus aspectos lógico-dedutivos – uma idéia muito difundida, mesmo entre professores de matemática – é incompleta e exclui o que há de mais rico nos processos de invenção e descoberta nesse domínio do conhecimento. A verdade é que o pensamento matemático vai muito além do raciocínio lógico. Em seus aspectos mais criativos, a matemática está ligada muito mais à intuição e à imaginação do que ao raciocínio lógico-dedutivo.”

(Ávila)

Os conceitos e competências sugeridos a seguir, apesar de estarem relacionados em quatro grandes eixos, devem ser trabalhados de maneira equilibrada e articulada nas diferentes propostas aos alunos.

NÚMEROS E OPERAÇÕES



- Reconhecer números no contexto diário, identificando aqueles que envolvem contagem, medidas e códigos.
- Utilizar diferentes estratégias para quantificar elementos de um grupo (contagem, pareamento, estimativa etc.).
- Construir o conceito de número através das noções de classificação, ordenação, seriação e conservação de quantidade.
- Ordenar, de forma crescente e decrescente, agrupamento segundo a quantidade de elementos.
- Identificar a dezena como agrupamento de dez elementos e como base do nosso sistema de numeração.
- Conceituar e identificar as operações com números naturais (adição, subtração, multiplicação e divisão).
- Perceber as idéias das operações:

Adição (juntar, acrescentar)

Subtração (retirar, comparar e completar)

Multiplicação (aditiva, combinatória, proporcionalidade)

Divisão (repartir e medir)



- Utilizar a estimativa para avaliar a adequação de um resultado e usar a calculadora para desenvolvimento de estratégias de verificação e controle de cálculos.
- Usar os algoritmos da adição, subtração, multiplicação e divisão, percebendo-os como elementos facilitadores do cálculo e como linguagem universal, bem como a utilização dos sinais convencionais (+ - x ÷).

- Perceber a reversibilidade das operações (adição/subtração, multiplicação/divisão).
- Compreender a organização do sistema de numeração decimal, reconhecendo o valor posicional dos algarismos.
- Estabelecer comparação entre sistemas de numeração binária, decimal e sexagesimal.
- Construir o significado do número racional e de suas representações (fracionária e decimal), a partir dos seus diferentes usos no contexto social.
- Representar e utilizar os números decimais em operações de adição/subtração.
- Identificar e representar frações.
- Utilizar a representação gráfica de frações e reconhecer a sua importância na vida cotidiana.
- Analisar, interpretar, resolver e formular situações-problema, compreendendo alguns dos significados das operações envolvendo números naturais e racionais.
- Reconhecer que diferentes situações-problema podem ser resolvidas por uma única operação e que diferentes operações podem resolver um mesmo problema.
- Ler, representar, comparar e ordenar números racionais na forma decimal.
- Reconhecer que os números racionais admitem diferentes representações na forma fracionária.
- Estabelecer relação entre representações fracionárias e decimais de um mesmo número racional.
- Resolver situações-problema envolvendo operações com números racionais.

- Reconhecer o uso da porcentagem no contexto diário, resolvendo problemas que envolvam cálculos simples.

ESPAÇO E FORMA

- Localizar e movimentar pessoas ou objetos no espaço, com base em diferentes pontos de referência e algumas indicações de posições.
- Descrever, interpretar e representar a localização e movimentação de pessoas ou objetos no espaço, usando terminologia própria e construção de itinerário.
- Interpretar e representar posição e deslocamento no espaço, a partir da confecção de maquetes, esboços, croquis, plantas e itinerários.
- Comparar diferentes trajetos, explorando as noções de distância e tempo de percurso.
- Observar formas geométricas presentes em elementos naturais e nos objetos criados pelo homem e suas características: arredondadas ou não, simétricas ou não, etc.
- Reconhecer os sólidos geométricos em objetos e construções.
- Reconhecer vistas de objetos: frontal, lateral e superior.
- Reconhecer prismas, pirâmides, cones, cilindros, esferas por meio de suas principais características.
- Manusear, observar e planificar sólidos geométricos utilizados no cotidiano, identificando as faces de um sólido como superfícies planas.
- Identificar segmento de reta, retas e semi-retas.

- Estabelecer relações de paralelismo e perpendicularismo.
- Identificar e construir círculos, triângulos, quadriláteros e outros polígonos, bem como perceber suas propriedades, inclusive relativas a simetrias.
- Associar giros com ângulos e identificá-los como polígonos.
- Identificar e traçar o eixo de simetria em formas geométricas planas e em figuras do cotidiano.
- Identificar e realizar ampliações, reduções e deformações em figuras desenhadas sobre malhas quadriculadas.
- Compor e decompor figuras planas e identificar que qualquer polígono pode ser composto a partir de figuras triangulares.
- Utilizar as artes plásticas para estudar as formas geométricas, os mosaicos, as simetrias (reflexão, rotação, translação), etc., o que favorece o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da intuição, da percepção geométrica e do pensamento espacial.

GRANDEZAS E MEDIDAS

- Reconhecer e utilizar as unidades de medidas presentes no cotidiano (comprimento, massa, capacidade, superfície, temperatura e tempo).
- Formar o conceito de medida de tempo, estabelecendo noções de duração e seqüência temporal (hora, dia, semana, mês, bimestre, semestre, ano, década, século, milênio).

- Fazer a leitura de horas, comparando relógios digitais e analógicos
- Construir as noções de periodicidade (antes, durante, depois) e de continuidade, simultaneidade e intervalo.
- Relacionar os conceitos de tempo, velocidade, distância e simultaneidade.
- Identificar as diferentes cédulas e moedas do nosso sistema monetário, utilizando vocabulário específico e realizando operações de adição, subtração, multiplicação e divisão.
- Perceber a existência de outras moedas nos diferentes países.
- Empregar as unidades de medida, percebendo em situações concretas, a necessidade de utilizar alguns múltiplos e submúltiplos destas unidades (kg/g; l/ml; m/cm).
- Reconhecer a existência de diferentes sistemas de medidas utilizadas em outras regiões e países (polegada, arroba, hectare, alqueire etc.).
- Utilizar procedimentos e instrumentos de medidas usuais ou não, selecionando o mais adequado em função da situação-problema e do grau de precisão de resultado.
- Calcular perímetro e área desenhados em malhas quadriculadas e comparar perímetros e áreas de duas figuras, sem uso de fórmulas.

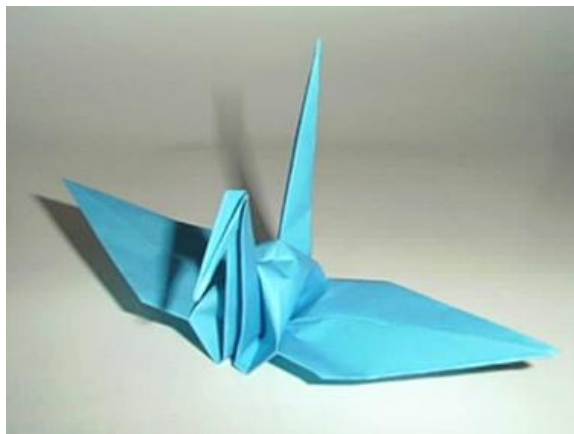
TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

- Coletar, organizar, comunicar e interpretar dados e informações através de listas, tabelas simples,

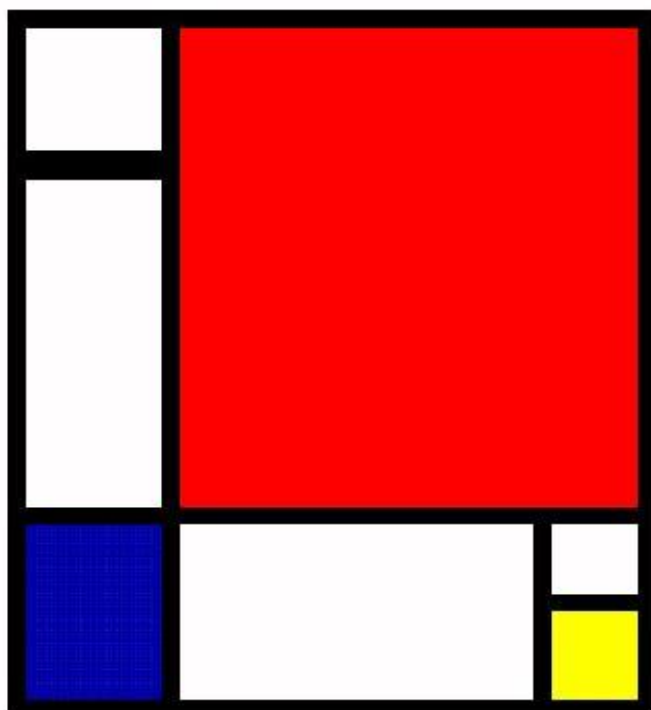
tabelas de dupla entrada, gráficos de barras, de segmentos e diagramas.

- Registrar, ler e analisar fatos ou idéias através do emprego de diferentes tipos de gráficos.
- Construir, analisar e comparar gráficos e tabelas.
- Explorar a função do número como código na organização de informações (linha de ônibus, telefones, placas de carros, registro de identidade etc.).
- Explorar algumas noções de estatística, probabilidade e combinatória.
- Produzir textos escritos a partir de interpretação de gráficos e tabelas.

ONDE ESTÁ A MATEMÁTICA?



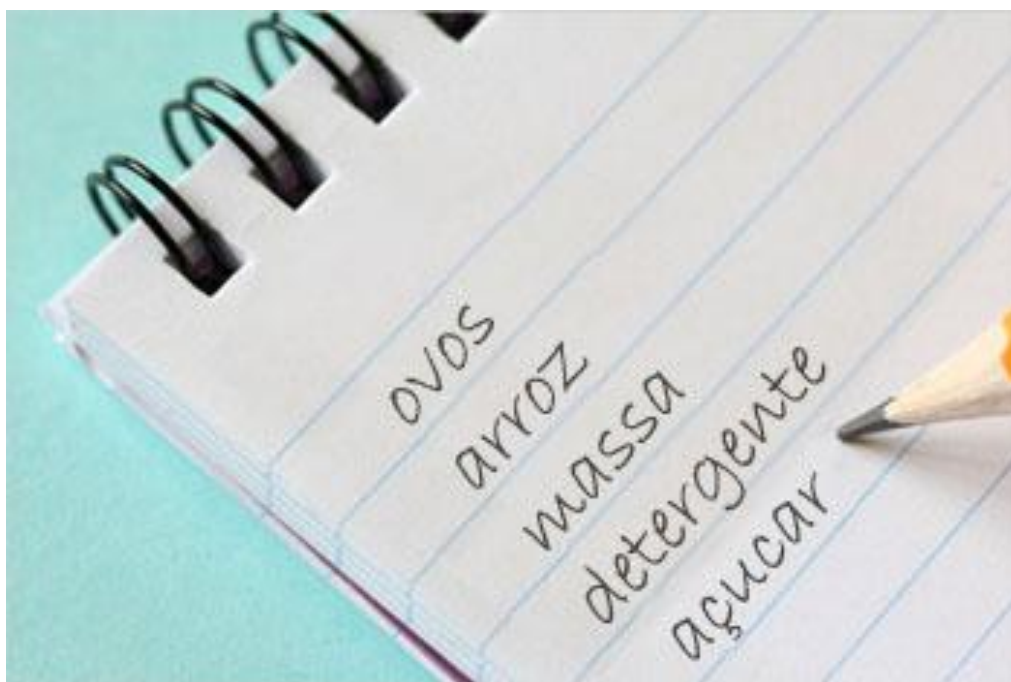
Dobradura.
Tsuru.



Composição.
Piet Mondrian.



**Estrada de Ferro
Central do Brasil.**
1924.
Tarsila do Amaral.



Bolo de Banana

Cobertura:
3 xícaras de açúcar, 3 copos de água (leia as instruções), 6 bananas e canela a gosto.

Massa:
3 ovos (separados), 4 colheres de sopa de manteiga, 2 xícaras e meia de farinha, 1 colher de sopa de fermento em pó.

Modo de fazer:

Para a cobertura: 1. coloque o açúcar num pote grande e derreta o açúcar.
(APENAS coloque água o suficiente para fazer um xarope grosso)
2. Coloque o xarope numa forma e distribua o xarope no fundo e dos lados.
3. Fatie as bananas por comprimento em 4 fatias finas. Polvilhe a canela. NÃO coloque no lado de fora da banana porque irá escurecê-la.

Para a massa: 1. Misture 3 gemas, manteiga e açúcar. Bata até ficar leve.
2. Misture o leite, a farinha e o fermento em pó.
3. Numa outra tigela, bata as claras até ficar firme. Junte ao resto da massa.
4. Asse em 375o C até o ficar pronto (palito sair limpo) mais ou menos entre 45 a 60 minutos.
5. Deixe esfriar. Assim que frio, vire a forma na bandeja|prato| recipiente de servir.

Créditos: receita tirada do site Recipezaar (<http://www.recipezaar.com>).
Cartão de receita feito usando gráficos de Amanda Heimann Designs (<http://amandaheimanndesigns.com>) kit "Life is Good".

"A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em buscar novas paisagens, mas novos olhares." (Marcel Proust)

QUADRO SÍNTESE DOS CONTEÚDOS MATEMÁTICA

I – Números e operações

- Conceito de número (classificação, ordenação, seriação e conservação)
- Quantificação (contagem, pareamento, estimativa)
- Ordem crescente e decrescente
- Sistema decimal, valor proporcional
- Operações (adição, subtração, divisão, multiplicação, idéias, sinais convencionais, reversibilidade)
- Número racional: representação fracionária e decimal
- Resolução de problemas com números racionais
- Porcentagem

II – Espaço e Forma

- Localização, movimentação e posição
- Trajetos: distância e tempo
- Formas e sólidos geométricos
- Segmento de reta, reta e semi-reta
- Paralelismo e perpendicularismo
- Composição e decomposição de figuras planas

III – Grandezas e medidas

- Unidades de medida (comprimento, massa, capacidade, superfície, temperatura, tempo)
- Duração, seqüência temporal, periodicidade
- Velocidade, distância, simultaneidade
- Sistema monetário
- Perímetro e área

IV – Tratamento da informação

- Interpretação de dados e informação
- Gráficos e tabelas (confeção e interpretação)
- Estatística, probabilidade, combinatória

“E ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE...”

“Herando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura.”

(Paulo Freire)

A ação humana é mola propulsora da História e da Cultura. O nosso presente é o somatório do legado deixado por homens e mulheres das gerações anteriores à nossa. Legado que foi elaborado em espaço e tempos diferentes, por grupos heterogêneos, cada qual com suas especialidades, resultado da inserção de cada indivíduo no mundo.

“O passado nunca conhece o seu lugar. O passado está sempre presente”.

(Mário Quintana)

“O futuro não é algo escondido na esquina. O futuro a gente constroi no presente.”

(Paulo Freire)

O conceito de História, expresso na obra de Walter Benjamin, aponta que a rememoração do passado é uma maneira de conferir legibilidade ao presente. Para ele, não se volta ao passado para conhecê-lo, mas para servir-se dele como forma de *“colocar o presente numa situação crítica”* (Konder *apud* Oswald, 1997).

Walter Benjamin
Filósofo, crítico e pensador alemão, figura conhecida em inúmeros países e nos mais diversos meios acadêmicos por sua investigação literária de orientação marxista. Uma de suas obras é o livro *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política* e o ensaio intitulado “O Narrador”.

Apelar para a dimensão *“passado”* contribui para encontrarmos elementos que nos ajudem a compreender o aqui e agora e a interpretar o momento histórico vivido pelos homens de nossa época, em nosso meio ou em outros tempos.

Uma concepção moderna de História está intimamente relacionada à noção de **tempo**. História é **mudança, movimento e processo**; isso não

implica em compreender a História como uma sucessão de acontecimentos em direção a um “fim” previamente determinado. É possível relacionar História e Tempo pondo em destaque não uma ordem de sucessão e, sim, a **noção de duração** – diferentes durações ou temporalidades.

Nesta perspectiva, uma primeira duração se apresenta sob a forma de intervalos curtos, breves – **a curta duração**: ela é o **tempo dos acontecimentos**.

“O acontecimento é explosivo, ruidoso. Faz tanto fumo que enche a consciência dos contemporâneos; mas dura um momento apenas, apenas se vê sua chama.”
(Fernand Braudel)

É importante compreendê-lo tanto como revelador quanto como acelerador de um certo número de mudanças que se apresentavam isoladas. Uma outra História – *“História de longa, e mesmo de muita longa duração”*. (Braudel)

Tempo da conjuntura – média duração – transformações (forças sociais em forças políticas) num determinado tempo nem tão breve nem tão longo; podem ser percebidas durante uma vida ou geração.

Tempo da estrutura – longa duração – uma História referida a um tempo que muda muito lentamente, por vezes de modo quase imperceptível, que dá conta do que muda, mas também do que permanece. As mudanças não podem ser percebidas no tempo de uma vida humana, muitas levam séculos e séculos para acontecerem.

Compreender História é também operar com estas três temporalidades: **curta, média e longa duração**.

Nesse sentido, estudar História adquire um papel relevante, para que o aluno reflita sobre suas próprias ações, sobre as ações do homem em outros espaços e tempos, sobre suas relações no grupo de convívio e na sociedade, contribuindo de maneira significativa para a construção de uma cidadania crítica e ética.

De uma maneira geral, o estudo da sociedade e sua organização econômica, social, política e cultural, no espaço e no tempo, encontram seus fundamentos na História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Economia e Política, entre outras.

O conhecimento do processo vivido por determinada sociedade ou por várias sociedades impõe o trabalho com conceitos.

SUJEITO HISTÓRICO

FATO HISTÓRICO

TEMPO HISTÓRICO

Eis três conceitos fundamentais que orientam uma concepção de ensino de História voltada para o desenvolvimento dos alunos como sujeitos conscientes, capazes de entender a História como conhecimento, como experiência de forma crítica.

“Escavando e recordando – A língua tem indicado inequivocadamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava.”

(Benjamin, 2001)

Portanto, é preciso que nosso aluno aja também como um “homem que escava”, percebendo o espaço onde brinca, mora, estuda como um lugar que tem um passado e um momento histórico presente e que prepara o futuro. Ele

é um dos sujeitos desse momento. **Sujeito da História** que, simultaneamente, é autor/leitor de sua própria história.

O *sujeito histórico – agente de ação social – pode ser indivíduos, grupos ou classes sociais.*

Mas ninguém faz História sozinho e nem desempenha sempre o mesmo papel social. Você professor, quantos papéis desempenha na sua vida? Já parou para pensar que também está fazendo História?

Histórias que apresentam as ações significativas humanas, em determinado momento histórico, são consideradas como **Fatos Históricos**. Sendo assim, professores e alunos devem escolher os fatos históricos que deverão ser investigados no cotidiano escolar. Podem ser as diferentes atividades econômicas realizadas numa determinada época, o trabalho infantil nas últimas décadas, a caracterização da sociedade em um determinado tempo e local, a independência de um povo etc.

História que se faz e se conta na linguagem – história e linguagem que são as marcas humanas de todos nós.”

(Kramer)

O tempo histórico *“utiliza o calendário que possibilita especificar o lugar dos momentos históricos na sucessão do tempo, mas procura trabalhar também com a ideia de diferentes níveis e ritmos de durações temporais”* (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Dessa maneira, a compreensão do **Tempo Histórico** ultrapassa os limites do cronológico e também o transforma à sua maneira, para ser compreendido como processo. Começando por trabalhar a história de vida de cada criança, depois a história do bairro, ou do estado, a criança perceberá que, num mesmo período cronológico, podem existir diferentes situações de vida, diferentes sociedades; enfim, diferentes tempos históricos.

Cada vez mais, a História assume a dimensão de conhecimento produzido e, portanto incompleto, não definitivo, dinâmico, sempre sujeito a (re)avaliações, dependente da (re)leitura e (re)escrita de determinado contexto histórico. Essa possibilidade permite o desenvolvimento de uma outra posição frente ao próprio conhecimento histórico, o qual deixa de ser um saber acabado e cristalizado e passa a ser compreendido como fruto de uma **construção social**.

Trabalhar a partir de uma proposta que enfoque as muitas histórias de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem e de outros espaços, tem se mostrado como uma alternativa significativa para a construção da identidade social de nossos alunos.

Ensinar assim é outra história...

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”.

(Walter Benjamin)

Foi difícil para a Escola Municipal Therezinha Pimentel, em Santos (SP), encontrar informações sobre o bairro onde está instalada. “Parecia que a história não tinha subido o morro”, brinca a professora Marta Ramos Cabette. Mas um convite para que dona Maria Alexandre Fernandes visitasse a turma abriu a todos uma janela do passado. Avó de uma aluna, dona Maria, de 68 anos, é bordadeira desde os 7. “Aprendi o ofício com minha mãe, uma imigrante que trabalhava dia e noite para sustentar a casa”. Além de descrever sua arte para a garotada, ela falou sobre a chegada e a vida dos portugueses que ocuparam o bairro no começo do século XX.

Assim como o condutor de bondes José, a bordadeira Maria também faz parte da história do morro São Bento. “A classe ficou muito curiosa para saber como eram e o que faziam as crianças daqui antigamente”, conta a professora Marta. “Mas todos aprenderam mais do que os costumes de uma época. Descobriram que o bairro em que moram tem história da qual eles participaram”, completa. (Revista Nova Escola, 2003)

Trabalhos semelhantes a este são realizados como forma de reconstruir a história da própria escola, do bairro, da cidade, segundo a versão dos moradores. Esta proposta traz a reflexão sobre o fato de fazermos parte da história da família, da escola e da comunidade em que vivemos e, assim, percebemos nossa inserção no país e no mundo. Resgatar esse passado que não está escrito nos livros de História é fundamental, o que pode ser feito por

meio de testemunhos orais, uma excelente fonte de informação e conhecimento.

Cabe ao professor criar situações instigantes para que os alunos selecionem e comparem as informações contidas em diferentes testemunhos, expressando suas opiniões críticas sobre os acontecimentos analisados, sem terem que considerar tudo o que escutam ou lêem como verdades absolutas. Como bem sabemos, não há História sem testemunhos, sejam estes escritos, pintados, gravados, filmados.

Assim, a História deixa de ser vista apenas como *matéria a ser ensinada e aprendida* e passa a ser concebida como *algo vivido e feito pelos homens*.

Destacamos a seguir alguns conceitos e competências significativas que devem estar presentes no cotidiano das salas de aula de maneira integrada e interdisciplinar:

- Caracterizar os diversos grupos sociais dos quais fazem parte, identificando seus costumes, suas características e diferentes regras de convívio; percebendo-se, ainda, como integrante e modificador do ambiente natural e social.
- Reconhecer algumas semelhanças e diferenças no modo de viver dos indivíduos e dos grupos sociais que pertencem ao seu próprio tempo e ao seu espaço.
- Comparar a ordenação, duração e simultaneidade dos fatos, percebendo tempos vividos.
- Identificar diferenças e semelhanças entre os vários aspectos de sua realidade, passado e presente, percebendo permanências e mudanças ao longo do tempo (local onde mora, bairro, município, estado, país).

- Compreender as ações produtivas e as relações de trabalho estabelecidas entre os homens em diferentes tempos históricos (bairro, município, estado, país).
- Reconhecer as diferenças entre sociedades no tempo e no espaço, as diferenças no interior de uma dada sociedade, além daquelas em um mesmo grupo social.
- Reconhecer que os homens organizados em diferentes espaços e diferentes tempos criam diferentes culturas.
- Caracterizar o espaço urbano local e suas relações com outras localidades urbanas e rurais, distinguindo suas dimensões econômicas, sociais, culturais e políticas.
- Ler, interpretar e produzir cronogramas, linhas de tempo e calendários relacionando a história local com a história regional e nacional.
- Utilizar documentos (cartas, livros, relatórios, pinturas, esculturas, fotografias etc.) reconhecendo-os como registros que contam a história ao longo do tempo (bairro, município, estado, país).

Estamos certos de que, ao finalizar este texto, vale a pena trazer de volta Paulo Freire, lembrando que:

“O homem existe – existere – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se.”

QUADRO SÍNTESE DOS CONTEÚDOS HISTORIA

I – Sociedade: grupos sociais / trabalho

- Grupos

1. turma: eu / outro
2. escola
3. família – elementos: papel / função
4. profissionais
5. atividades (produção, comércio, prestação de serviços)
6. produtos do trabalho
7. divisão do trabalho

- Sociedade

1. no bairro, na cidade (na Colônia, no Império e na República)
2. indígena / exploração do pau-brasil
3. sociedades do açúcar, do café, mineração e industrial
4. ocupação do território brasileiro (litoral, sertão, marcha para o oeste, industrialização) – diferentes grupos e sociedades
5. organização administrativa no município, estado e país

II – Cultura

- vivência das regras em diferentes, grupos, espaços e tempos
- direitos e deveres de uma pessoa
- participação na construção das regras
- normas, costumes de diferentes grupos em diferentes épocas
- manifestações culturais (município, estado)
- cultura no Brasil e no mundo

III – Tempo físico e social

- as séries temporais: ordenação, duração e simultaneidade
- o dia-a-dia e o passado de diferentes grupos
- contexto / noção de época
- os tempos em diferentes espaços; ocupação e organização espacial através do tempo
- noção de década e século

“POR MARES NUNCA DANTES NAVEGADOS”

"Quando lemos os jornais e nos inteiramos de milhares de acontecimentos que não pudemos presenciar pessoalmente, quando em criança estudamos Geografia e História, quando sabemos por carta o que acontece a outra pessoa, em todos os casos nossa fantasia ajuda a nossa experiência."

(Vygotsky)

“O que é a Geografia?”

Algumas crianças, ao serem perguntadas, assim responderam:

"É o estudo do espaço, de tudo que existe nele - rios, montanhas, ilhas , pontes, florestas , plantações". 10 anos

"É aprender sobre os lugares, sobre as pessoas que vivem nesses lugares". 11 anos

"É uma matéria que estuda a Terra, a destruição que o homem está fazendo nela". 9 anos

"É usar norte, sul, leste e oeste para localizar lugares nos mapas." 10 anos.

Nesses depoimentos percebemos várias formas de entender a Geografia: *"é o estudo do espaço"; "é aprender sobre os lugares"; "acho que é quando estudamos norte, sul, leste e oeste"; "é uma matéria que estuda a Terra"*.

Nos conceitos espontâneos construídos sobre a Geografia esses alunos levaram em conta a experiência vivida na escola, mas também a sua relação cotidiana com o espaço e seus elementos.

Como as crianças, os estudiosos do tema, sempre mantiveram lado a lado as suas experiências de vida sobre o espaço e os dados científicos produzidos pelas ciências da época.

Dessa forma, é importante distinguir logo de início, o **conhecimento geográfico de Geografia**.

O conhecimento geográfico, no que se refere aos saberes acerca do mundo, está presente em todas as pessoas. E está presente, porque viver significa conhecer o espaço circundante e produzir interpretações a partir das mais simples experiências.



Rua do Ouvidor, início do século XX.

“Percorrer as ruas do Centro, depois de anos em que não pisava lá, dava certo prazer à dona Irene. Prazer que ela não confessava a si mesma. Parava diante de vitrines. Sim senhor, como isso mudou. (...) Ali era uma livraria. Mais adiante, cadê a confeitaria que tinha aquele sorvete de pistache superdelicioso? Nada de confeitaria. Somente bancos, financeiras, agências de loteria esportiva. Dona Irene sentia leve saudade da década de 60. Era outro Rio. Mas devemos conhecer o Rio de hoje e ela ia aproveitando o percurso na direção do ônibus para ver, assuntar, sentir, apesar da multidão, do bolo de gente, do barulho... (...)”

(Carlos Drummond de Andrade. "O medo e o relógio". In: Moça deitada na grama. Rio de Janeiro: Record, 1987)

Desde que nascemos, começamos a descobrir coisas novas, diferentes: pegamos, apertamos, mordemos. As primeiras fontes de descobertas são o tato e o paladar. A visão também é uma importante fonte de descoberta. Na verdade, todos os cinco sentidos - visão, tato, audição, olfato e gosto - constituem-se em fontes permanentes de descobertas para todos nós: bebês, crianças, jovens, adultos e idosos.

Se considerarmos que a curiosidade pelo mundo é intrínseca à natureza humana e que à medida que a percepção do mundo se amplia e as diferenças emergem, construímos um conhecimento geográfico que posteriormente será apropriado numa formulação conceitual e teórica da Geografia.

Portanto, foi assim que a Geografia se constituiu. Esse momento, ocorrido no século XIX, significou a sistematização científica do conhecimento geográfico que se desenvolveu no transcurso do processo civilizatório.

A Geografia através dos tempos

Do século XIX até hoje, a Geografia já passou por vários momentos que lhe davam definições diferenciadas. Para cada época, se apresentava uma metodologia de ensino.

Observe o quadro com alguns desses momentos:

Classificação	Objeto de estudo	Método de Ensino
TRADICIONAL	Estudo da superfície terrestre. (séc. XIX)	A descrição do Espaço.
	Estudo das relações e interrelações dos fenômenos expressos em termos numéricos. (séc. XX – anos 60)	Constatação, através de gráficos e tabelas, dos fenômenos expressos.
RENOVADA	Estudo do espaço e sua organização pelos grupos sociais. (séc. XX – anos 70)	Análise das marcas e vestígios que o homem deixa no espaço terrestre, mostrando as condições sociais ali presentes e indicando soluções.

Conhecer o objeto da Geografia e, conseqüentemente, a forma de ensiná-la é importante para o professor, pois assim, ele estará articulando o **pensamento geográfico** com a **metodologia** que lhe é própria.

O debate atual propõe, como principal objeto do conhecimento geográfico, o espaço e sua organização pelos grupos sociais.

Segundo Perez (1999), o espaço, enquanto instância da sociedade é "o território usado, natureza socialmente definida pelo movimento do viver-fazer humano. (...) É na complexidade da vida que o homem constrói, destrói, usa e modifica a si e à natureza". A autora define, metaforicamente, a Geografia como uma escrita existencial do homem no seu território. Escrita que imprime "marcas" e deixa "vestígios" no espaço geográfico, resultantes da vivência e da interação homem- natureza, de lutas e de conflitos sociais.

O Ensino da Geografia

A partir dos anos 80, a forma tradicional de se ensinar Geografia começou a ser questionada:

"Professor descrevendo paisagens naturais e exigindo que os alunos decorassem os seus elementos, ficou sem validade, devido às novas necessidades presentes no mundo e na sociedade que precisavam ser debatidas."

A partir de então, é preciso que se estude o espaço, constituído pelas formas naturais e pelas formas construídas pelo homem, em conjunto com as relações que ocorrem na vida em sociedade.

O enfoque de análise do espaço geográfico deverá levar em conta os lugares, as regiões, os territórios e as paisagens, através das relações sociais, econômicas e culturais que explicam a sua dinâmica e o seu processo de transformação.

"A Geografia não é a única disciplina que utiliza a observação, a descrição, a comparação e a explicação, mas talvez seja a área que mais necessita desses procedimentos para ser compreendida... o professor deve planejar a realização de excursões e a utilização de mapas, fotografias, imagens aéreas e de TV."

Exemplificando:

A cidade do Rio de Janeiro é pontuada de túneis, avenidas, morros, rios canalizados, diversos tipos de construções e atividades econômicas.

Tudo isso está administrativamente dividido em bairros. Cada bairro é ocupado maneira diferente dependendo do poder aquisitivo de seus moradores, das atividades econômicas e do investimento da administração.

Estudar todos esses aspectos, fazendo conexões do espaço com o tempo, o trabalho, a sociedade e a natureza é o que se consideraria uma análise geográfica atual.

O ensino da Geografia, nos anos iniciais de escolarização, deve desenvolver na criança o sentimento de **pertencimento** - pertencer a um mundo no qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado -, em permanente **transformação**.

Podemos, então, dizer que a **dinâmica social** é o centro da atenção da Geografia.

"É no grupo que aprendemos esse difícil processo de conviver com as divergências, os conflitos, as diferenças. Isso tudo envolve e significa processo de apropriação do saber de cada um deflagrar o que ainda não conhece."
(Freire)

Conceitos fundamentais da Geografia

“Saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater.”

(Yves Lacoste)

Saber pensar o espaço é, entre outros aspectos, condição necessária para orientar as ações do indivíduo como pessoa e cidadão, em relação ao seu comportamento de vida na rua, na cidade ou mundo.

Saber pensar o espaço é fazer uma leitura do mundo social.

Saber “ler” o mundo social é desvendar sua lógica; conhecer as regras e as leis que regem a organização e estruturação do espaço, desde o espaço cotidiano até o espaço-nação.

“Ler” o mundo, do ponto de vista geográfico, é “ler” o espaço geográfico, historicamente produzido pelo homem enquanto organiza econômica e socialmente a sociedade; é perceber, também, que os espaços são desiguais porque as sociedades são desiguais.

A leitura do espaço geográfico envolve o domínio dos conceitos fundamentais da Geografia: **lugar; paisagem; território e espaço geográfico**. Conceitos mais compatíveis com a faixa etária dos alunos do Ensino Fundamental.

Lugar

Lugar é o espaço vivido e percebido pelo homem; é aquele apropriado pelo seu corpo, pelos seus sentimentos.

O lugar tem uma identidade que é dada pelos elementos que o compõem; o reconhecimento desses elementos possibilita ter a certeza de onde o indivíduo se encontra. As pessoas mantêm relações individualizadas com o lugar em que vivem e podem, através da fala, expressar as mesmas.

Gosto de viver perto do rio – quero ficar aqui o resto da vida. Adoro a floresta e fico triste quando derrubam árvores.”

Celina Tembé, moradora de uma aldeia indígena no Pará

Paisagem

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”

(Milton Santos)



MAC – Niterói (RJ)

Constitui-se das formas naturais (não foram criadas pelo homem) e pelas formas construídas, resultantes do trabalho humano.

A paisagem não se cria de uma só vez mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se faz um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.”

(Milton Santos)

Conjunto de paisagens contido pelos limites políticos e administrativos de sua cidade, estado ou país. É algo criado pelos homens, é uma instituição.



Todo território é definido e delimitado segundo as relações de poder, domínio e apropriação que nele se instalam. A territorialidade é a relação entre os agentes sociais, políticos e econômicos interferindo na gestão do espaço geográfico, não é apenas uma expressão cartográfica.

Espaço geográfico

É composto pela paisagem e, também, pelas relações humanas ou sociais, que são dinâmicas – mudam sempre – e, muitas vezes, não são percebidas pelo olhar.

Os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais estão no espaço geográfico, mas não são percebidos pelos olhos, mesmo quando observamos a paisagem.

Em Geografia usamos diferentes tipos de escala: cartográfica e geográfica. Na primeira, destaque para o mapa, dado instrumental de representação do espaço. Na segunda, a ênfase é dada ao fenômeno espacial que se discute e sua distribuição – escala de análise local, regional, nacional e mundial.

“Espaço geográfico é o conjunto indissociável de sistemas de objetos (redes técnicas, prédios, ruas) e de sistemas de ações (organização do trabalho, da produção, circulação, consumo de mercadorias, relações familiares e cotidianas) que procura revelar as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam sonham, vivem e fazem a vida caminhar.”

(Milton Santos)

Esses conceitos serão trabalhados, inicialmente a partir das experiências do aluno e de sua realidade, de forma concreta; posteriormente de modo mais elaborado, ampliado e interrelacionado.

No Ensino Fundamental, o papel da Geografia é "alfabetizar" o aluno espacialmente em suas diferentes escalas e configurações, capacitando-o para manipular os conceitos de **lugar**, **paisagem**, **território** e **espaço geográfico**, a partir de algumas competências básicas:

- Construir a noção de espaço, localizando o próprio corpo e dos colegas, com distinção de posições e eixos de orientação.
- Estabelecer pontos de referência para situar-se, posicionar-se e deslocar-se, bem como, para identificar relações de posição entre objetos no espaço, usando a terminologia adequada (esquerda, direita, atrás, frente, acima, abaixo).
- Utilizar os pontos cardeais para localizar-se no espaço e pontos geográficos em mapas.
- Interpretar e representar a posição e o deslocamento no espaço, a partir da observação de maquetes, plantas, esboços, croquis e itinerários.

- Discutir a organização dos espaços cotidianos, identificando as suas funções.
- Perceber as formas de organização do espaço geográfico: espaço de circulação, espaço de produção.
- Observar e descrever diferentes formas pelas quais a natureza se apresenta na paisagem local: nas formas naturais e nas formas construídas pelo homem.
- Reconhecer algumas manifestações da relação entre sociedade e natureza que compõem paisagens urbanas e rurais brasileiras, explicando alguns dos processos de interação existentes entre eles.
- Identificar as semelhanças e diferenças entre os modos de vida das cidades e do campo, relativas ao trabalho, às construções e moradias, aos hábitos cotidianos, às expressões de lazer e de cultura.
- Utilizar os procedimentos básicos de observação, descrição, registro, comparação, análise e síntese na coleta e tratamento da informação, seja mediante fontes escritas ou imagéticas.
- Perceber as relações entre o conhecimento científico, a produção de tecnologia e as alterações nas condições de vida e nas relações do homem com a natureza.
- Reconhecer a evolução e importância da tecnologia nos meios de comunicação (telefone, fax, tv, rádio, internet etc.), assim como a velocidade das informações na atualidade.

*A utilização dos procedimentos básicos da Geografia- **observação, descrição, comparação, representação e explicação** – é o "caminho" a ser percorrido para que o conhecimento seja construído.*

Os conteúdos em sua organização podem ser agrupados em, por exemplo, unidades didáticas, projetos, resolução de problemas, eixos temáticos e conceitos.

Fica o convite para traçarmos uma nova rota, para cruzarmos outros **"mares nunca d'antes navegados"**. Afinal, *"navegar é preciso"*...

QUADRO SÍNTESE DOS CONTEÚDOS GEOGRAFIA

I – Lugar

Os espaços do cotidiano (escola, casa, rua bairro):

- localização (utilização das relações espaciais: vizinhança, ordenação, direita/esquerda, cardeais e colaterais);
- organização espacial (papel/função dos espaços; vida e trabalho);
- representação espacial (roteiro, plantas, mapas, croquis).

II - Território

Território (município, estado, país):

- localização, organização, representação;
- circulação de pessoas, mercadorias e ideias;
- relação entre os espaços.

III – Paisagem

Paisagens naturais e construídas pelo homem:

- elementos (naturais e construídos);
- interdependência entre esses elementos;
- diferentes paisagens (urbanas e rurais);
- relações homem x natureza;
- problemas ambientais / soluções
- o papel das tecnologias na sociedade

IV – Espaço Geográfico

População e trabalho:

- o trabalho (produção, comércio e prestação de serviços)
- o consumo (consequências para o homem e a natureza)
- divisão social e espacial
- espaço da produção/circulação.

A população:

- distribuição pelo espaço, modos de vida
- condições sócio-econômicas
- deslocamentos.

FAZENDO SENTIDOS

“Sou um guardador de rebanhos.

*O rebanho é os meus pensamentos
e os meus pensamentos são todos
sensações.*

Penso com os olhos e com os ouvidos

E com as mãos e os pés

E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la

E comer um fruto é saber-lhe o sentido.”

(Fernando Pessoa)

Por quê? Como? O que é isso? Como faz?

Quanta curiosidade! Quantas perguntas!

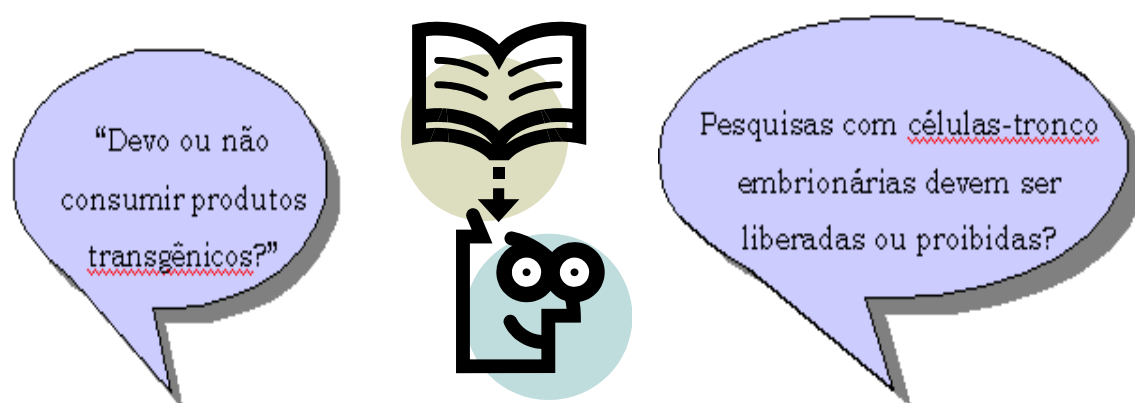
Ah! A famosa idade dos porquês!

As crianças quando chegam à escola, na sua maioria, estão cheias de perguntas e dúvidas acerca dos mais variados temas.

Alguns alunos encontram espaços para perguntar, observar, buscar respostas sobre a vida humana, sobre os ambientes e recursos tecnológicos junto ao seu grupo de colegas e professores. Outros enfrentam dificuldades para ampliar, transformar e sistematizar as representações e explicações sobre suas realidades a partir de simples transmissões de informação.

Por que ensinar Ciências no Ensino Fundamental?

Diariamente, somos instigados por diversas notícias apresentadas em jornais, na TV ou mesmo discutidas nos bate-papos informais; são temas e/ou problemas relacionados ao desenvolvimento científico e tecnológico que desafiam a compreensão de todos. Somos chamados a nos posicionar, emitir opinião ou mesmo agir, organizando ou participando de movimentos sociais em curso.



Nesses dois casos estão envolvidos problemas que extrapolam o conhecimento científico e tecnológico, entre eles: propriedade intelectual, segredo de pesquisa, economia, meio ambiente, o papel dos governos, ONG e até mesmo a soberania nacional.

Como poderemos tomar parte dessas discussões ou, mais ainda, como teremos poder de decisão se não compreendemos os conceitos científicos envolvidos nessas e em outras questões?

O ensino das Ciências tem como papel trabalhar essa realidade em toda sua complexidade, abordando não apenas os conceitos científicos, mas também os conflitos sociais, econômicos e éticos envolvidos, levando em consideração o momento histórico em que vivemos.

“A apropriação de seus conceitos e procedimentos pode contribuir para o questionamento do que se vê e ouve, para a ampliação das explicações acerca dos fenômenos da natureza, para a compreensão e valoração dos modos de intervir na natureza e de utilizar seus recursos, para a compreensão dos recursos tecnológicos que realizam essas mediações, para a reflexão sobre questões éticas implícitas nas relações entre Ciência, Sociedade e Tecnologia.” (PCN, 1997)

(Nélio Bizzo)

Aprender ciência é aprender uma forma de pensar que amplia nossa capacidade de crítica sobre a realidade que vivemos, sendo mais que simplesmente se apropriar de conceitos científicos ou do modo como são produzidos através do método científico. Devemos ser capazes de refletir sobre como esses conceitos e conhecimentos estão sendo utilizados e a quem servem.

“Não se admite mais que o ensino de ciências deva limitar-se a transmitir aos alunos notícias sobre os produtos da ciência. A ciência é muito mais uma postura, uma forma de planejar e coordenar pensamento e ação diante do desconhecido. O ensino de ciências deve proporcionar a todos os estudantes a oportunidade de desenvolver capacidades que neles despertem a inquietação diante do desconhecido, buscando explicações lógicas e razoáveis, amparadas em elementos tangíveis. Assim, os estudantes poderão desenvolver posturas críticas, realizar julgamentos e tomar decisões fundadas em critérios tanto quanto possível objetivos, defensáveis, baseados em conhecimentos compartilhados por uma comunidade escolarizada definida de forma ampla. Portanto, os conteúdos selecionados pela escola têm grande importância e devem ser ressignificados e percebidos em seu contexto educacional específico.”

(Nélio Bizzo)

Não podemos perder de vista que é nas séries iniciais que a criança inicia a construção de **conceitos** de forma sistematizada e aprende de modo mais

significativo o ambiente que a rodeia. Esse processo se estenderá por toda a nossa vida.

Nesta etapa, os alunos têm seus primeiros contatos com os **conceitos científicos**, em uma situação de ensino-aprendizagem, e os conceitos subseqüentes sofrerão influência desse início.

“Se esse primeiro contato for agradável, se fizer sentido para as crianças, elas gostarão de Ciências e a probabilidade de serem bons alunos nos anos posteriores será maior. Do contrário, se esse ensino exigir memorização de conceitos além da adequada à faixa etária e for descompromissada com a realidade do aluno, será muito difícil eliminar a aversão que eles terão pelas Ciências.”

(Anna M. P. Carvalho e outros)

O ensino das Ciências deverá ser mais um “instrumento” de desenvolvimento do pensamento, possibilitando aos poucos a **descoberta e compreensão** do mundo que nos cerca de forma ativa, participativa e crítica.

Nessa idade de enorme curiosidade, a criança busca expandir seus conhecimentos sobre o **mundo vivo e não-vivo** e sobre os **fenômenos naturais** que nos cercam. Ela busca “aprender o mundo” a partir da vivência e formação de seus próprios conceitos.

Devemos nos lembrar, constantemente, que nossos alunos trazem para a escola suas explicações e conclusões sobre o mundo que nos rodeia e será a partir desses conhecimentos já construídos que interpretará e (re)construirá o que ensinamos em sala de aula.

Piaget e Garcia (1981) mostraram que a criança constrói de forma espontânea conceitos sobre o mundo que a cerca e que esses conceitos em muitos casos podem chegar naturalmente a um estágio pré-científico, com certa coerência interna. Sendo assim, o professor deve estar atento a essas explicações, propiciando momentos de explicitação desses conceitos, pois a

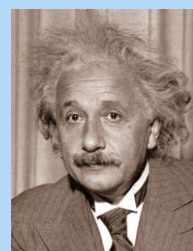
derrubada dos obstáculos que vão se acumulando ao longo da vida cotidiana não é uma tarefa trivial.

Carvalho, et al (1998) propõem que um caminho possível é o de tentar mudar a cultura experimental, **passando de uma experimentação espontânea para uma experimentação científica**, a fim de que os alunos possam (re)construir seu conhecimento. Esse conhecimento sobre as Ciências deverá ser produto do processo de **reflexão e análise dos resultados obtidos nas experimentações**.

Afinal, nossos alunos nos questionam sobre o que veem e ouvem nos programas de televisão, leem em revistas e jornais ou simplesmente sobre o que imaginam. Se considerarmos que isso é sinal de interesse pela disciplina, podemos aproveitar ao máximo a curiosidade, tão comum às crianças. Certamente, é o próprio esforço do professor em contextualizar a matéria ensinada que torna seu aluno ainda mais sensível ao que vê, ouve e lê.

“A imaginação é mais importante do que o conhecimento”.

(Albert Einstein)



O que desejamos é que os alunos sejam capazes de **pensar sobre a realidade** que os cercam. E pensar significa elaborar suas próprias explicações, refletir sobre elas, estabelecendo relações entre diversos conhecimentos construídos dentro e fora do espaço escolar. Para isso, um dos papéis do professor é elaborar situações significativas de aprendizagem, propondo **momentos de pesquisa, discussão e/ou experimentação**, nas quais os alunos possam refletir e propor soluções a partir de seus múltiplos saberes.

*Devemos partir do conhecido, respeitando o nível de compreensão dos alunos. Desafiá-los com atividades práticas e que explorem o pensamento crítico e o raciocínio. Propiciando uma interação entre **prática, ação, observação, comparação e sistematização**.*

Precisamos estar atentos para evitar o ensino livresco, baseado apenas na descrição de atividades e na transmissão de informações, mas sim trabalhar com as informações e conhecimentos e representações mentais da criança; incentivar uma leitura dinâmica da vida e do mundo, um domínio de **fatos**, **conceitos** e **generalizações** a partir das situações vivenciadas, com foco na interação da criança com o meio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (MEC, 1997) propõem para o ensino de Ciências Naturais no primeiro segmento do Ensino Fundamental três blocos temáticos: **Ambiente, Ser Humano e Saúde e Recursos Tecnológicos**. Cabe lembrar que esses eixos não estão distribuídos um em cada ano letivo, mas que devem ser desenvolvidos paralelamente, no planejamento curricular, ao longo de todos os anos escolares.

Os temas transversais: **Saúde, Ética, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Pluralidade Cultural**, apresentam perspectivas de exploração de assuntos complexos do planejamento curricular, de maneira contextualizada.

Um trabalho sobre o corpo humano, além dos aspectos de organização e funcionamento dos órgãos, pode tratar também de temas relacionados: à alimentação do povo brasileiro - baseada em nossa pluralidade étnica; aos danos ao meio ambiente - provocados pelo lixo produzido principalmente pelos alimentos industrializados; à influência de outras culturas no aumento do consumo atual de "fast-food" e sua importância para a saúde.

“O planejamento curricular pode proporcionar momentos que aliem o estudo aprofundado de questões conceituais com temáticas mais amplas, incentivando a participação dos alunos nas questões de seu tempo e de seu interesse pessoal, fazendo da escola um espaço de exercício da cidadania plena.” (Nélio Bizzo)

Durante séculos, o homem considerou-se o centro do Universo e que a natureza estava à sua disposição. No entanto, nas últimas décadas tem havido uma mudança dessa perspectiva. Os debates sobre os problemas ambientais têm contribuído para que as populações passem a perceber a responsabilidade humana na crise socioambiental planetária. Para que isso aconteça, é imprescindível a reconstrução da relação homem-natureza, que só será possível através do conhecimento sobre como a natureza se comporta e a vida se processa.

A partir do senso comum, os indivíduos desenvolvem representações sobre o meio ambiente e problemas ambientais, geralmente pouco rigorosas do ponto de vista científico. É papel da escola provocar a revisão dos conhecimentos, valorizando-os sempre e buscando enriquecê-los com informações científicas. (PCN, 1997).

Há algum tempo, muitos grupos preocupam-se e debatem sobre os problemas ambientais e os fatores econômicos, culturais e históricos da sociedade. São discussões voltadas para o bem-estar comum e para o desenvolvimento sustentável, sem, contudo, banalizar o conhecimento científico, reduzindo-o a associações do tipo *ecologia/não poluição; vida/salvem as baleias; qualidade de vida/preservação das florestas*.

A ideia de desenvolvimento sustentável busca conciliar o desenvolvimento econômico com a preservação ambiental e, ainda, o fim da pobreza no mundo.

Trabalhar com “as relações entre os seres vivos e não-vivos, matéria e energia, em dimensões instantâneas ou de longa duração, locais ou planetárias” (PCN, 1997), oferece para o aluno oportunidade de formar atitudes responsáveis com o ambiente, com a compreensão de que a natureza tem

ritmo de renovação e reconstituição de seus componentes através de processos muito complexos.



Ser Humano e Saúde

O corpo humano apresenta aspectos de herança biológica e outros de ordem cultural, social e afetiva. Sabendo que nosso corpo interage com o ambiente, é preciso conhecê-lo no sentido amplo.

Assim como a natureza, o corpo humano deve ser visto como um todo dinamicamente articulado; os diferentes aparelhos e sistemas que o compõem devem ser percebidos em suas funções específicas para a manutenção do todo. Importa, portanto, compreender as relações fisiológicas e anatômicas. Para que o aluno compreenda a maneira pela qual o corpo transforma,



transporta e elimina água, oxigênio, alimentos, obtém energia, se defende da invasão de elementos danosos, coordena e integra as diferentes funções, é importante conhecer os vários processos e estruturas e compreender a relação de cada aparelho e sistema com os demais. É essa relação que assegura a integridade do corpo e faz dele uma totalidade. (PCN, 1997)

Esses conhecimentos contribuem para a formação da integridade pessoal e da auto-estima; da valorização e respeito ao próprio corpo e ao dos outros; para a compreensão da saúde como um valor pessoal e social, além de entender a sexualidade humana sem preconceitos.

A sexualidade humana deve ser entendida e trabalhada como um elemento de realização em suas dimensões biológicas, afetivas e sociais. A partir desse entendimento, entram em discussão as manifestações modeladas pela cultura e pela sociedade, de forma mais tranquila, honesta e não preconceituosa.

Recursos Tecnológicos

É importante destacar as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade, no presente e no passado, no Brasil e no mundo, em seus vários contextos sócio-culturais. E refletir sobre as transformações dos recursos materiais e energéticos, dos processos de criação, produção e distribuição dos produtos tecnológicos e científicos, como máquinas, aparelhos, instrumentos e processos, que interferiram na vida e no planeta, ao longo da história da humanidade.

As questões éticas, valores e atitudes compreendidos nessas relações são aspectos fundamentais a investigar nos temas que se desenvolvem em sala de aula. A origem e o destino social dos recursos tecnológicos, as conseqüências para a saúde pessoal e ambiental e as vantagens sociais do emprego de determinadas tecnologias são exemplos de aspectos a serem investigados.

(...)

A necessidade de formar alunos capacitados para compreender e utilizar recursos tecnológicos, cuja oferta e aplicação se ampliam significativamente na sociedade brasileira e mundial. Aceita-se amplamente que o desenvolvimento e especialização das populações humanas, ao longo dos tempos, se deu em conexão ao desenvolvimento tecnológico que foi sendo refinado e aumentado. (PCN, 1997)

Ciência e Tecnologia são atividades humanas e, portanto, produtos de nossas culturas, estando fortemente relacionadas às questões éticas, sociais e políticas de cada momento histórico.

As atividades e os projetos de Ciências Naturais, de forma integrada e interdisciplinar, devem ser organizados para auxiliar os alunos a constituírem conceitos e competências. Você, professor, pode basear seu planejamento na relação a seguir.

- Observar, registrar e comunicar algumas semelhanças e diferenças entre os diversos ambientes naturais.
- Estabelecer relação de troca de calor e mudanças de estado físico da água para fundamentar explicações acerca do ciclo da água.
- Comparar os solos de diferentes ambientes, relacionando suas características às condições desses ambientes.

- Comparar os modos com que diferentes seres vivos, no espaço e no tempo, realizam as funções de alimentação, sustentação, locomoção e reprodução.
- Identificar e compreender as relações entre solo, água, ar e seres vivos nos fenômenos de escoamento da água, erosão e fertilidade do solo, nos ambientes urbano e rural.
- Conhecer os principais componentes de atmosfera e sua relação com os seres vivos.
- Compreender o ciclo vital como característica comum a todos os seres vivos.
- Estabelecer relações de dependência entre os seres vivos e não-vivos.
- Caracterizar causas e conseqüências da poluição da água, do ar e do solo.
- Conhecer diferentes fontes e transformações de energia.
- Comparar o corpo e alguns comportamentos de homens e mulheres nas diferentes fases da vida – infância, juventude, idade adulta e velhice – para compreender algumas transformações, valorizar e respeitar as diferenças individuais.
- Conhecer as condições para o desenvolvimento e preservação da saúde.
- Observar, representar e comparar as condições de higiene dos diferentes espaços habitados.
- Estabelecer relação entre a falta de asseio corporal, a higiene ambiental e a ocorrência de doenças no homem.

- Investigar os processos naturais e industriais da produção de objetos e alimentos, reconhecendo a matéria-prima, algumas etapas e características de determinados processos.
- Conhecer as origens e algumas propriedades de determinados materiais e formas de energia, para relacioná-las aos seus usos – luz, calor, eletricidade e som.
- Reconhecer as formas de captação, armazenamento e tratamento de água, de destinação das águas servidas e das formas de tratamento do lixo na região em que se vive, relacionando-as aos problemas de saúde local.
- Caracterizar materiais recicláveis e processos de tratamento de alguns materiais do lixo – matéria orgânica, papel, plástico etc.

As sociedades, de uma forma geral, supervalorizam o conhecimento científico e com a intervenção tecnológica no nosso dia-a-dia, não é possível pensar numa educação à margem do saber científico. Contudo, não é necessário assumir uma postura “cientificista”.

O ser humano pesquisou, experimentou, arriscou, criou hipóteses para compreender a si mesmo e o mundo natural e material que o rodeia. No entanto, durante muitos séculos, essa tarefa ficou reservada a poucos sábios e especialistas.

Com a democratização e difusão do conhecimento científico e suas aplicações tecnológicas, foi possível que uma maior parte da sociedade pudesse participar desse conhecimento. Se todos os cidadãos tiverem um

conhecimento científico básico, será possível melhorar sua qualidade de vida, além de defendê-los das aplicações errôneas ou interesseiras de questões relacionadas à alimentação ou à saúde, por exemplo.

MANIA DE MISTURAR COISAS

Eu me chamo Rep, nasci em São Paulo e me lembro quando a mania de misturar coisas começou. Acho que sempre foi assim. Desde pequeno já misturava coisas, roupas, brinquedos, comida, doces.

Misturava brinquedos com doces, roupas com comidas, juntava o que via pela frente, fazia uma tremenda bagunça no armário e nos cestos de roupa suja. No começo os parentes até riam. Uns falavam, orgulhosos, que eu seria cientista.

Fui crescendo, e eles não viam mais graça nas minhas experiências. Era incontrolável, eu não podia resistir, adorava viajar naquelas cores e formas que eu produzia, tudo girando e mudando a cada segundo.

Uma vez levei uma bronca e quase apanhei dos meus pais porque tentei inventar bolhas de sabão coloridas. Misturei, na banheira, xampu e guache. Liguei a água. Juro que não sabia que ia fazer tanta espuma.

O apelido Rep também nasceu dessa mania. Gosto de descobrir palavras, misturando as letras dos nomes das pessoas. Meu nome é Renato Paulo. Embaralhando as letras, saí: réu, pare, nulo, lona, tolo, nau, elo, ré, ore, topa, nato, pau, lupa, rua e muito mais. E olha que nem usei meu sobrenome: Zacarelli Fonseca. Era uma espécie de passatempo. Como se as palavras estivesse grávidas, e nascessem muitos filhotes. Resolvi então inventar, com meu nome, uma palavra nova: Rep. Gostei. Desde esse dia, só me chamam assim.

(Gilberto Dimenstein. O mundo de Rep. Melhoramentos. Fragmento)

QUADRO SÍNTESE DOS CONTEÚDOS CIÊNCIAS

I – Ambiente

- Ambientes naturais (semelhanças e diferenças)
- Água (captação, armazenamento, tratamento)
- Solo (função e importância para os seres vivos e agricultura)
- Energia (luz, calor, eletricidade, som)
- Ar (composição da atmosfera e relação com os seres vivos)
- Reciclagem
- Poluição (causas e consequências)
- Fenômenos naturais e produzidos pelo homem
- Seres vivos e não vivos

II – Ser humano e saúde

- Corpo humano (aparelhos e sistemas)
- Ciclo vital (infância, juventude; idade adulta e velhice)
- Saúde (higiene, alimentação, doenças, saneamento básico)

III – Recursos tecnológicos

- Evolução tecnológica (máquinas e aparelhos)
- Produção industrial (objetos e alimentos)
- Matéria prima e transformação

EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

“Nosso sistema educativo privilegia a separação em vez de praticar a ligação. Deveríamos ser animados por um princípio de pensamento que nos permitisse ligar as coisas que nos parecem separadas, umas em relação às outras.”

(Edgar Morin)

A arte é interdisciplinar por natureza. O pensamento artístico auxilia as pessoas a ampliar a **sensibilidade**, a **percepção**, a **reflexão** e a **imaginação**, tornando-os mais flexíveis para **criar** e **conhecer**, condições fundamentais para a aprendizagem, na vida e na escola, além do desenvolvimento da **sensibilidade estética e crítica**. O produto da ação criadora, a **inovação**, é resultante direta de novos elementos estruturais ou da modificação de outros, seja na intervenção efetiva na obra, seja na mudança do olhar crítico em relação a ela.

Em História, encontramos vários movimentos artísticos que identificam épocas ou períodos históricos: renascentista, barroco, moderno etc., além de dar, por meio da escuta e da visão sensível, significado para compreensão de questões sociais complexas.

Ciência e Arte são produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana.



O Angelus.
Jean-François Millet.



Adeus.
Wassily Kandinsky.



Puberdade.
Edvard Munch.



Terraço do café
em Arles à noite.
Vincent van Gogh.

Na Matemática, os alunos exercitam sua **imaginação** e **hipóteses** constantemente. O aluno que exercita constantemente sua imaginação está mais habilitado para resolver problemas matemáticos. A Arte estimula habilidades no “jogo” do erro/acerto, uma vez que o aluno não precisa “deixar de lado” algo que considera errado ou inacabado, deve trabalhar e modificar até a conquista de um resultado final satisfatório.

Em Língua Portuguesa, onde a imaginação é imprescindível, a Arte está presente nas formas de **expressão** e **percepção estética**. É na força das imagens, sons e gestos que a arte realiza sua força comunicativa. Na construção e observação da relação figura e fundo, por exemplo, podemos realizar diversas leituras e interpretações a partir de um mesmo ponto de partida.

Nas Ciências Naturais, onde a sensibilidade para ouvir, tocar, cheirar, olhar, degustar são importantes, as Artes auxiliam a identificar **formas, temperaturas, gostos, cheiros, cores, texturas** etc. Ajudam, também, no entendimento de esquemas de funcionamento de sistemas vivos e não vivos.

Por meio do desenho, das cores, a Geografia tem um aliado inseparável para a compreensão dos registros geográficos: as Artes. O ato criador estrutura e organiza o mundo em um constante processo de **transformação** do homem e da realidade. A **modificação** e **reestruturação** de uma paisagem podem facilmente ser comparadas com a construção e **desconstrução** de um mesmo projeto artístico, assim como, com as noções de excesso, escassez e sobreposição.

A Arte na escola deve basear-se na educação e na observação estética do cotidiano, complementando a formação dos alunos conforme orienta a Lei nº 9.394/96 (LDBEN) no art. 26 § 2º: “O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.”

As pessoas sem contato com a Arte têm uma leitura de mundo limitada, uma dimensão do sonho reduzida. Deixam de perceber a força comunicativa dos objetos à sua volta, a sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes. Um empobrecimento dos sentidos da vida. Em outras palavras, a Arte propicia um maior desenvolvimento dos sentidos naturais do ser humano, promovendo uma maior integração com o mundo ao seu redor.

Ensinar Arte sob a perspectiva do aprender com significado traduz-se em ampliar **a informação sobre a produção social e histórica da Arte, garantir a livre expressão individual e coletiva dos alunos e, ao mesmo tempo, desenvolver o pensamento artístico e estético tanto na criação como na observação de formas produzidas pelos alunos, pela natureza, em diferentes culturas.** Priorizar o entendimento, a pesquisa e a valorização da cultura brasileira auxilia no processo de identificação da evolução cultural nacional.

“O propósito da arte não é mudar o mundo ou desafiar a política. Se inutilidade significa que não há um resultado mensurável e positivo, a arte é certamente sem utilidade. Ela deve desafiar as crenças das pessoas e seus hábitos estéticos. Ela pode fazer você questionar a si próprio e o modo pelo qual vê o mundo. Individualmente, a arte tem um poder mágico e encantador.”

(R. Tal. O Globo, 2007)

Durante o Ensino Fundamental, cada aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística, individualmente ou em grupo, nas diversas modalidades da área das Artes: **Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.**

Artes Visuais

“Subitamente vemos que a obra do artista nos revela que captamos a nós próprios; e então compreendemos que toda a criação, todo o pensamento humano está contido em nós.”

(Jacob Bronowski)

Trabalhar com a criação e percepção das formas visuais implica em estabelecer, freqüentemente, relações entre os elementos que as compõem: **ponto, linha, cor, luz, movimento e ritmo.**

As Artes Visuais incluem diferentes modalidades: pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial, fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, entre outras. Cada uma dessas visualidades pode representar-se na sua forma primária ou em combinações que resultam novas formas estéticas, representando a linha de raciocínio de determinado indivíduo ou de um grupo social e cultural.

Na sociedade atual, essas visualidades, mais do que em qualquer época da história da humanidade, estão por todos os lugares, em grandes quantidades, o que exige uma educação dos sentidos para que os alunos percebam e desenvolvam criticamente, **sentimentos, sensações e ideias.**

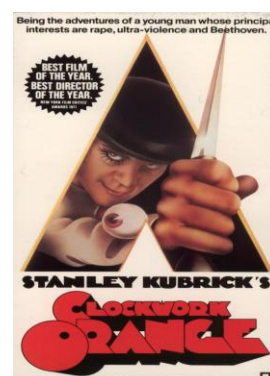
A Arte é parte integrante do dia-a-dia das pessoas e, conseqüentemente, do desenvolvimento da humanidade.



Robert Doisneau
“O Beijo do Hotel de Ville”



Arquitetura grega



Cartaz do filme Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick.

Na realização da prática escolar, é importante considerar os eixos da chamada “Proposta Triangular”, defendida por Ana-Mae Barbosa, na área de artes plásticas. Segundo os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, o “conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: **produzir, apreciar e contextualizar**” (PCN – Arte). Ou seja, é importante que os alunos sejam estimulados a pensar a respeito de todo o processo do fazer artístico, desde sua elaboração até sua contemplação final, com a proposta finalizada.

“**A** arte pode ser ruim, boa ou indiferente, mas qualquer que seja o adjetivo empregado, temos que chamá-la arte. A arte ruim é arte, do mesmo modo como uma emoção ruim é uma emoção.”

(Marcel Duchamp)

É preciso, ainda, cuidar para que cada aluno seja respeitado dentro de sua individualidade criativa, partindo do princípio que cada um tem seu ponto de vista, segundo a sua vivência dentro e fora do grupo da escola. Afinal, todos nós pertencemos a diversos grupos sociais diferentes, portanto constituímos olhares diferenciados a respeito dos mais variados assuntos. A produção individual ou coletiva sempre irá gerar opiniões divergentes e convergentes, não devendo nenhuma delas ser descartada porque, inicialmente, nenhuma delas está errada, apenas diferente dependendo da vivência de cada um.

Para isso, a escola deve propiciar conjuntos de experiências criativas, onde haja articulação entre a **percepção**, a **imaginação**, a **sensibilidade**, o **conhecimento** e a **produção individual e coletiva**. No sentido de **fazer**, **observar** e **refletir**. Principalmente, deve-se levar em consideração, a diversidade cultural no ensino das Artes Visuais.

“Digo-o com orgulho: nunca considereei a pintura como uma arte de puro entretenimento e distração. Através do desenho e da cor, pois que eram estas as minhas armas, pretendia penetrar de forma cada vez mais profunda no conhecimento do mundo e dos homens, para que este conhecimento nos fizesse mais livres dia após dia... Sim, tenho consciência de ter lutado com a minha pintura como um verdadeiro revolucionário...”

(Pablo Picasso)



Guernica. Pablo Picasso.

Dança

“A vida, o mundo e o homem manifestam-se por meio do movimento. Dança é mover-se com ritmo, melodia e harmonia [...]. Por meio dos movimentos da dança, aprofunda-se cada experiência e realiza-se o milagre da comunicação”.

(Luiz Pellegrini)

As origens das manifestações artísticas remontam aos primórdios da civilização, onde a dança provavelmente seja a forma mais antiga de expressão da humanidade, presente em seus momentos marcantes, nas cerimônias religiosas ou nos rituais de guerras, funerais e colheitas.

“A Dança não é apenas expressão e celebração da continuidade orgânica entre homem e natureza. É também realização da comunidade vivida dos homens.”

(Garaudy)

A dança representa o produto da cultura de um povo, suas idéias, crenças e costumes, seu conhecimento e marca a existência do homem no interior de uma sociedade.

É uma linguagem que expressa e comunica as emoções, sentimentos e valores, utilizando-se do **corpo** e de sua capacidade de **movimentos**.

Por meio do corpo a criança percebe que se relaciona com o meio; corpo que também é fonte para percepção pessoal e registro de sua história de vida: seus desejos, medos, prazeres e ansiedades.

“O corpo não mente. Seu tom, cor, postura, proporções, movimentos, tensões e vitalidade expressam o interior da pessoa. [...] O corpo conta coisas sobre nossa história emocional e nossos mais profundos sentimentos, nosso caráter e nossa personalidade.”

(Kurtz)

Por que algumas escolas ainda não priorizam o movimento como linguagem corporal que possibilita um caminho para o autoconhecimento? Por que desprezar a intenção e a significação contida nos gestos, que traduzem a singularidade do ser de cada aluno?

Laban (1990) se refere ao movimento como a manifestação exterior de um sentimento interior e que repete padrões comuns tanto no ritual, como no trabalho e na arte. Ressalta a importância do movimento que traduz a riqueza da expressão, sendo fundamental a sua observação para compreensão de seus significados.

A Dança na escola, quando pautada em estudo do movimento estruturado nos princípios do desenvolvimento da consciência, onde através de experiências do **sentir** (emoção), do **pensar** (imaginação, reflexão) e do **agir** (capacidade criadora), possibilita ao aluno a consciência de si, das possibilidades e limites do próprio corpo. Desta forma, o professor deve optar

por metodologias que favoreçam a participação efetiva do aluno. Propostas que possam ser apresentadas a partir de situações problematizadoras que possibilitem um trabalho independente, sem modelos ou formas pré-estabelecidas, de modo a permitir a livre expressão dos alunos gerando soluções próprias e inovadoras num exercício de autonomia.

Vianna (2005) alerta que a criança é um ser muito sensível, um ser humano em formação, que é preciso incentivar a curiosidade, as perguntas, o interesse pelas aulas, ter cuidado com o tom de voz, explicar, explicar sempre.

As propostas devem ser desenvolvidas a partir de um trabalho simbólico que, estimulando a imaginação, facilite a expressão corporal. Este trabalho com o simbólico pode ser realizado por meio de atividades que integrem diferentes linguagens (sonora, plástica, gráfica etc.), além da corporal.



Roda.
Milton Dacosta.

Os recursos materiais convencionais (bolas, bastões, cordas etc.) ou alternativos (elásticos, tecidos, jornais etc.), desempenham um papel de facilitador do processo criativo, tanto no exercício de construir/reconstruir coletivamente o conhecimento a ser dançado, como na expressão lúdica enquanto exercício do brincar/recrear, dançar as manifestações vividas.



É fundamental que os alunos apreciem a atividade de dança, nos mais variados ritmos e estilos, realizadas por outros colegas ou profissionais, para desenvolver seu olhar, fruição, sensibilidade e criticidade. Dessa forma, eles poderão também compreender e incorporar a diversidade de expressões e qualidades estéticas de diferentes culturas.

Os jogos populares de movimento, como a ciranda e as brincadeiras de roda são parte da cultura do nosso povo e devem ser valorizadas.

Além de seu grande valor educacional e como poderoso agente de transmissão de cultura, a Dança exerce função catalisadora natural das energias físicas, psíquicas e emocionais, ao mesmo tempo em que desenvolve o domínio corporal, a percepção do espaço, a capacidade criadora e o senso artístico-estético.

O indivíduo que dança é aquele que percebe a si próprio, o grupo e a sociedade. Compreende a significação e as relações do movimento humano. A Dança oferece recursos para que o indivíduo, através de uma análise crítica da realidade em que está inserido, possa projetar-se corporal, emocional, cultural e sócio-politicamente em direção ao futuro.



A dança em Bougival.
Pierre-Auguste Renoir.

Música

O desenvolvimento tecnológico possibilitou a difusão da produção musical de várias épocas e culturas por meio de discos, fitas, rádios, televisão, computador, cinema, mp3, CD e tantos outros.

Essas fontes constituem uma ferramenta importante para a formação de ouvintes musicalmente educados e no desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito da diversidade da estética musical desenvolvida através dos tempos, nas diversas culturas do planeta.

O som e a linguagem musical estão presentes no dia-a-dia, na natureza, na voz, no corpo, no trânsito, nos objetos, enfim em toda a **paisagem sonora**, que é o ambiente em que vivemos.

Somos eminentemente musicais e, durante as aulas, os alunos podem vivenciar essa musicalidade através do **ritmo** e do **som** do próprio corpo humano, que é por analogia, o nosso instrumento primordial. Esse corpo possui forma, sons internos (sons dos órgãos internos), sons externos (percussão da ossatura, fricção da pele, respiração), sons produzidos pelos pés, mãos, boca. Produz som revelado pela voz e ritmo, reconhecido nos movimentos internos (movimentos peristálticos, batimentos cardíacos e pelo ciclo respiratório) e externos (caminhar, gestos, velocidade da fala).

Podemos desenvolver o ritmo e a expressividade com nosso instrumento corpo por meio dos brinquedos cantados disponíveis no repertório folclórico, por meio de deslocamento em vários andamentos: **andar, parar, correr, engatinhar, pular, galopar, rolar, se arrastar, contrair e expandir** o corpo. O ritmo e a expressão se valem também de danças, gestos sequenciais, Cânones Rítmicos, percussão corporal.

A voz, que é o principal som desse instrumento corpo, pode relevar o que é singular na identidade de cada indivíduo. Nela está impressa a forma pessoal de dar **entonação**, **acentuação** e **ritmo** às palavras.

A expressão vocal carrega consigo a marca do que se sente, se pensa, atuando como uma das pontes entre o mundo interior e exterior. Dessa forma, através do canto de canções folclóricas de diversas regiões do país e de canções populares, cujas letras se adaptam perfeitamente ao universo infantil, as crianças podem experimentar o timbre de sua voz, sua afinação, o volume, sua musicalidade.

Fazemos parte da paisagem sonora onde vivemos. Cada ambiente possui sons característicos, naturais ou mecânicos, agradáveis ou desagradáveis, fortes ou fracos, ouvidos ou ignorados. Pássaros, gritos, buzina, britadeiras, som das ondas do mar, música de câmara, apitos, cigarras, barulho da chuva, do vento, todos esses sons fazem parte da existência humana. Cada lugar possui uma história e uma paisagem sonora que se completam. As mudanças na paisagem sonora do planeta acompanham as mudanças na história humana.

Trabalhar o conceito de paisagem sonora, ou seja, os sons do ambiente, é desenvolver a consciência da qualidade do som e da vida que se compartilha e poder realizar a escuta do mundo, do ambiente em que se vive e de si mesmo.

A atividade musical pode ser um convite para o desafio a uma nova postura do ouvir, para que a pessoa seja capaz de deter-se diante das sonoridades inesperadas e que possa discriminar tanto os ruídos estridentes das metrópoles, quanto o silêncio e os sons fundamentais da natureza.

A música é a linguagem dos sons e os sons possuem parâmetros que podem ser qualificados de quatro maneiras:

Altura

Determinada pela frequência, isto é, o número de vibrações que cada onda sonora emite em determinado intervalo de tempo. Quanto maior for a

frequência, mais agudo o som será e quanto menor for a frequência, mais grave será o som.

Duração

O tempo de produção do som ou período em que o som estende-se.

Intensidade

É a propriedade do som em ser mais forte ou mais fraco.

Timbre

É a forma pela qual reconhecemos a origem do som, se vem de um violão, de uma flauta, de uma voz humana, se é metálico, se é aveludado, ou seja, é a característica extrínseca do som.



Bateria da escola do G.R.E.S. Portela.

Elementos Básicos da Música

Ritmo – É a duração do som, que se repete de forma regular e divide-se em compassos de dois, três, quatro ou mais tempos;



Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

Harmonia – Consiste na execução de vários sons ouvidos ao mesmo tempo e que seguem leis que determinam o agrupamento desses sons simultâneos;

Melodia – É a sucessão de sons combinados, que formam frases dando um sentido mais completo ao trecho musical.



Bandinha do Castelo.

Para se realizar um bom trabalho musical é necessário oportunizar a discriminação de timbres; a construção e a execução musical a partir de objetos e fontes de sons diversos, em instrumentos convencionais ou

não; proferir, através da voz, melodias, sons onomatopaicos, glissandos, parlandas, cujo som possa refletir um vasto universo de timbres, intensidades, alturas e duração; a improvisação musical, que consiste na criação instantânea, orientada por critérios precisamente definidos; interpretação musical que é a forma espontânea e intrínseca de uma pessoa se expressar e a composição musical que consiste na criação de trechos melódicos ou rítmicos.

Com esta prática, desenvolve-se essa linguagem que fala diretamente aos sentidos e, por isso, está ligada ao ato da percepção, que é uma dimensão fundamental do conhecimento humano.

É através dessa dimensão que fazemos nossa leitura do mundo, conhecemos objetos e fenômenos, integrando diferentes aspectos do ser e os saberes da escola.

Além das canções folclóricas, é importante trazer para o ambiente escolar a escuta de músicas clássicas, bem como, o conhecimento de nossos inspirados compositores, como, Chico Buarque, Caymmi, Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Pixinguinha, Cartola...

Angenor de Oliveira, mais conhecido como Cartola, (Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1908 — Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1980) foi um cantor, compositor e poeta brasileiro.

Era um dos sambistas que compunham a velha-guarda da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, sendo considerado o responsável tanto pela escolha do nome, como das cores adotadas pela Escola (verde e rosa).



O mundo é um moinho
Cartola

Ainda é cedo amor
Mal começaste a conhecer a vida
Já anuncias a hora da partida
Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção querida
Embora saiba que estás resolvida
Em cada esquina cai um pouco a tua vida
Em pouco tempo não serás mais o que és

Ouçá-me bem amor
Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção querida
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.

Teatro

O Teatro na escola é de fundamental importância na formação cultural, artística e estética do aluno, bem como no seu desenvolvimento cognitivo e corporal.

“O aluno desenvolve sua cultura de arte fazendo, conhecendo e apreciando produções artísticas que são ações que integram o perceber, o pensar, o aprender, o recordar, o imaginar, o sentir, o expressar, o comunicar”.
(PCN)

Os referenciais do cotidiano do aluno, que ele reconhece e valoriza, são elementos importantes de discussão e reflexão na execução das diferentes propostas de trabalho teatral. Podem resultar em instigantes temas geradores de um processo de pesquisa, criação e produção artística.

As aulas de Teatro na escola apresentam-se como um espaço onde o processo de aprendizagem se dá na interação dos diversos saberes. Aproximando e fazendo com que a vida penetre na escola. Isto porque, dado o caráter de totalidade da linguagem teatral, o aluno se vê diante de todas as formas possíveis de expressão: **verbal, gestual, corporal, musical e plástica.**

Como uma atividade essencialmente coletiva, onde a expressão individual é acolhida pelo grupo, o teatro estabelece relações onde o respeito, a cooperação, a solidariedade e o companheirismo possibilitam a organização e a expressão grupal.

O fazer teatral na escola deve estar diretamente ligado a um ambiente favorável à experiência criativa para o aluno, atividade onde ele possa atuar de maneira livre e espontânea, possibilitando que se envolva com suas dimensões intelectual, física e intuitiva.

Embora, muitas vezes, negligenciada no ambiente escolar e relacionada com a questão mística, a **intuição** é de vital importância nas situações de

aprendizagem. Está relacionada com o proceder imediato – aqui e agora – que acontece no momento de espontaneidade e nos torna livres para atuar.

“É necessário um caminho para adquirir o conhecimento intuitivo. Ele requer um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experienciar e uma atividade que faça a espontaneidade acontecer.”

(Spolin)

A preparação de ambiente para a realização das aulas de Teatro é fundamental e a própria sala de aula pode se transformar num convite a uma atitude diferente. Convidar o aluno a levantar-se e lançar um novo olhar sobre a sala, modificando-a, liberta-o do espaço restrito da carteira e sugere que ele pode ir e vir, relacionando-se com os colegas e tomando todo o espaço disponível. Portanto, afaste as mesas e cadeiras e deixe o espaço livre para a realização dos jogos e demais atividades. Deixe à disposição dos alunos recursos materiais variados tais como: caixas de papelão, tecidos, bolsas, chapéus, máscaras, luvas, instrumentos musicais, maquiagem que podem ser conseguidos com as famílias e na comunidade, e as próprias mesas e cadeiras da sala.

Faça sessões de contação de histórias, momentos de leitura de textos teatrais e não teatrais, audição de músicas, exibição de filmes e tudo o mais que puder contribuir para estimular a imaginação criadora do aluno.

“O jogo dramático é maneira de a criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida.”

(Slade)

O **jogo dramático** é uma manifestação espontânea da criança que proporciona a ela expressar-se livremente com as histórias que inventa, as personagens que imita. Lançando mão de todo o seu universo imaginário, a criança coloca seu corpo em ação; movimentos, sons, emoções atuam num jogo que dá prazer e ao mesmo tempo mostra a leitura que a criança está fazendo da realidade que a cerca. Quando realizado em grupos, o jogo dramático possibilita, ainda, que a criança interaja com outras crianças e perceba a contribuição do outro num projeto comum, coletivo. Ao mesmo tempo, ela amplia sua capacidade de **ouvir, observar e atuar** na

interação com o outro. Essa interação é mediada pelas **regras** que são consensuais e estabelecem os limites dentro dos quais os participantes devem atuar. O professor deve zelar pela manutenção das regras e estar sempre pronto para intervir quando solicitado pelo grupo. No jogo dramático é importante que sejam definidos: **espaço, duração, grupo de jogadores e ação ou tema a ser desenvolvido.**

*O jogo dramático infantil (faz de conta) antecede o jogo teatral possibilitando a passagem do **jogo espontâneo** para o **jogo de regras** e da **expressão individual** para a **coletiva**.*

A iniciação à linguagem teatral no 1º segmento do Ensino Fundamental pode dar-se a partir da proximidade das regras do jogo dramático com os códigos da linguagem teatral.

“O processo de jogos teatrais visa a efetivar a passagem do jogo dramático (subjetivo) para a realidade do palco. Este não constitui uma extensão da vida, mas tem sua própria realidade. A passagem do jogo do faz de conta para o jogo teatral pode ser comparada com a transformação do jogo simbólico (subjetivo) ao jogo de regras (socializado).”

(Koudela)

Os **jogos teatrais** apresentam-se como um caminho, uma metodologia, para o professor iniciar o processo de aprendizagem da linguagem teatral. Esses jogos são baseados na estrutura **onde, quem e o que**, proposta por Spolin para a orientação do aluno na hora da elaboração da cena. Antes de colocar-se no palco, ele deve responder a si mesmo:

Onde a cena acontece? (o lugar)

Quem está em cena? (a personagem)

O que está fazendo? (a ação dramática/atividade).

Nos jogos dramáticos a criança constroi cenários, cria e imita personagens e esses personagens agem dentro de uma história, uma situação

“O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição conveniente.”

(Carlos Drummond de Andrade)

qualquer. Ou seja, nos jogos dramáticos, os “atores” já indicam o lugar onde a cena acontece, quem são as personagens que estão representando e essas personagens realizam ações. Mas a criança está mais voltada para si, sem se preocupar em comunicar-se com a plateia.

No teatro, a comunicação com a plateia é fundamental. Para comunicar-se com a plateia é preciso aproximar a realidade do palco da realidade da vida. No jogo teatral, o aluno vai buscar essa aproximação, utilizando-se, principalmente, da sua memória física e sensorial. Ele é estimulado a trabalhar o gesto de forma significativa e consciente na comunicação com a plateia. Seja essa comunicação mostrar à plateia o lugar da cena (onde), as personagens envolvidas (quem) ou ainda a atividade/ação dramática representada no palco (o que).

No jogo teatral, os participantes atuam dentro de regras previamente estabelecidas. Mas também podem criar novas regras ou mudar as regras estabelecidas pelo jogo, desde que haja consenso.

A participação da plateia é tão ativa quanto a dos jogadores no palco. Todo o grupo de alunos atua nas duas posições, espectador e jogador. A avaliação ao final de cada jogo é feita pela plateia e é conduzida pelo professor que faz perguntas diretas, objetivas acerca da atuação dos alunos. É preciso estabelecer se eles conseguiram ou não mostrar à plateia a ação pretendida.

Os jogos teatrais possibilitam a introdução dos elementos da linguagem teatral utilizando-se de pequenas unidades como, por exemplo, realizar uma ação simples, mostrar um objeto, uma profissão. No decorrer do processo, cenas inteiras serão realizadas ou mesmo uma seqüência de cenas que possa ser transformada numa pequena peça de teatro. Assim os alunos terão a oportunidade de trabalhar a prática de uma montagem teatral que envolve a

construção de cenário, concepção de figurinos, iluminação, sonoplastia e trilha sonora. Aos poucos essa complexa linguagem vai sendo revelada aos alunos.

“As aulas de teatro resgatam o prazer de aprender: brincar, divertir, relaxar são verbos associados ao aprendizado através das aulas de teatro”.

(Silva)



Paulo Autran durante ensaio da peça “O Avarento”, de Molière.

Para organizar o trabalho na área artística sugerimos um conjunto de conceitos e competências significativas que cada aluno deve vivenciar, de maneira integrada com as diferentes áreas do conhecimento:

- Criar formas artísticas demonstrando algum tipo de capacidade ou habilidade.

- Estabelecer relações com o trabalho de arte produzido por si e por outras pessoas, sem discriminação estética, artística ou de gênero.
- Identificar alguns elementos da linguagem visual que se encontram em múltiplas realidades.
- Reconhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos.
- Valorizar as fontes de documentação, preservação e acervo da produção artística.
- Compreender a estrutura e o funcionamento do corpo e os elementos que compõem o seu movimento.
- Interessar-se pela dança como atividade coletiva.
- Compreender e apreciar as diversas danças como manifestações culturais.
- Compreender e estar habilitado para se expressar na linguagem dramática.
- Compreender o teatro como ação coletiva.
- Compreender e apreciar as diversas formas de teatro produzidas pelas diferentes culturas.
- Ouvir e produzir músicas variadas.
- Conhecer e apreciar a produção artística brasileira, como formadora e expressão da nossa identidade cultural.

CORPO, MENTE E AÇÃO

“Se o corpo é a sede do sensível, e se o inteligível pode ser descrito nas ações corporais, é porque sensível e inteligível se misturam, se confundem num todo maior, que aqui chamarei de corpo.”

(João Batista Freire)

Como todas as áreas do conhecimento, a Educação Física sofreu várias influências dos movimentos sociais e políticos da nossa sociedade, ao longo do tempo. No século XIX, assumiu uma função higienista, com a intenção de diminuir a incidência de doenças entre a população e modificar hábitos de higiene e saúde, com base em posições eugenistas. O grande número de escravos que circulavam pelas cidades brasileiras preocupava a elite imperial, com a possível “mistura” e “desqualificação” da etnia branca. Contudo, a prática de atividades físicas nas escolas foi mal recebida por estar associada ao trabalho físico, “coisa de escravos”, mesmo tratando-se de caminhadas, banhos diários, escovação dos dentes etc.

Eugenia é o estudo das condições mais propícias à reprodução e melhora da raça humana.

Para alcançar o ideal positivista – Ordem e Progresso – a Educação Física, sob forte influência militarista, tornou-se obrigatória em 1851. Ainda contrariada, a elite da sociedade não concordava em ver seus filhos envolvidos em ações escolares que não tinham caráter intelectual. Somente trinta anos depois, Rui Barbosa deu um parecer favorável à inclusão da ginástica nas escolas, baseado na importância de se ter um corpo saudável para o sustento da atividade intelectual.



Inspirado no movimento escolanovista, evidenciou-se a importância da Educação Física no desenvolvimento integral do ser humano, no início do Século XX. Surge, nesse período, uma discussão sobre práticas e inclusão do ensino da Educação Física nos currículos escolares, baseada em métodos europeus. Mas o contexto histórico e político mundial foi invadido, novamente, por idéias de eugenia, difundidas pelas ideologias nazi-fascistas. Nesse panorama, prevaleceram os objetivos patrióticos e militares, que foram sustentados pelo governo brasileiro, até o período da ditadura militar, entre as décadas de 60 e 80.

O enfoque no desenvolvimento psicomotor do aluno só apareceu nos anos 80, depois da comprovação de que o país, apesar da política anterior, não conseguiu tornar-se uma nação olímpica e muito menos alterou o número de praticantes de atividades físicas. Isso originou uma mudança significativa nas discussões sobre a Educação Física escolar.

Atualmente, os fundamentos do trabalho na Educação Física estão pautados nas relações entre o **corpo** e o **movimento**. Isto é, deve-se considerar o corpo em suas dimensões cultural, social, política e afetiva, que interage com o outro e se movimenta na sociedade.

A Educação Física deve ser entendida como a área do conhecimento que trabalha com a *cultura corporal*.



O homem é um ser essencialmente social, produtor e reproduzidor de cultura. Os atuais paradigmas da Educação Física devem considerar os conteúdos a serem trabalhados como expressões culturais. Assim, a atuação nessa área deve estar ligada a um conjunto de práticas que envolvem o corpo e os movimentos criados pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes.

“Os conhecimentos sobre o corpo, seu processo de crescimento, que são construídos concomitantemente com o desenvolvimento de práticas corporais, ao mesmo tempo que dão subsídios para o cultivo de bons hábitos de alimentação, higiene e atividade com o desenvolvimento das potencialidades corporais do indivíduo, permitem compreendê-los como direitos humanos fundamentais”.

(PCN. Educação Física)

Garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal contribui para que cada um desenvolva conhecimentos sobre o seu corpo, seu processo de crescimento e desenvolvimento, de forma crítica, inclusive questionando os padrões de beleza e saúde circulantes na sociedade. Além disso, devemos considerar que o lazer e a disponibilidade para as atividades lúdicas são direitos do cidadão.

Apesar de as aulas de Educação Física evidenciarem mais os aspectos corporais, isso não quer dizer que os movimentos em repetição garantam a construção e a reflexão de suas possibilidades, com autonomia, de forma significativa e adequada. É preciso que cada aluno utilize “suas habilidades e estilos pessoais dentro de linguagens e contextos sociais”. (PCN)

É necessário propiciar uma diversidade de conteúdos incluindo, além dos **jogos e desporto**, as **brincadeiras**. O trabalho não pode estar restrito apenas ao exercício de certas habilidades ou destrezas. Deve dar ao aluno a possibilidade de refletir sobre suas potencialidades corporais para utilizá-la de forma social e cultural e com significado.

O fundamental é que os alunos se envolvam em atividades **recreativas, cooperativas, competitivas e culturais**, de forma que saibam diferenciá-las para acionarem estratégias de participação efetiva em experiências corporais.

Devemos enfatizar as atividades cooperativas para neutralizar possíveis rivalidades existentes entre os alunos, propiciando uma maior integração do grupo.

É claro que se a escola contar com um especialista, o trabalho será ampliado e aprofundado. No entanto, com especialista ou não, é possível realizar um trabalho que possa provocar nos alunos o desejo de se esforçar, o prazer, a alegria. E não trazer a sensação de incompetência, o medo de errar ou a falta de jeito.



Quando ingressa na escola, cada aluno já experimentou uma série de movimentos corporais, individuais ou coletivos, que fazem parte do seu

universo cultural. Cabe à escola ampliar essas experiências, de preferência em um contexto de jogos, brincadeiras e desporto.

Dosar o tempo de permanência na sala de aula com idas ao pátio ou à quadra é produtivo para os alunos e para os professores. As crianças, nessa faixa etária, têm uma energia enorme e necessidade de movimentar-se. Precisam também adaptar-se à exigência de permanecerem mais tempo concentradas em atividades intelectuais. Nem todas as escolas dispõem de espaços amplos para que uma turma se movimente, mas vale tentar adaptações, como arrastar todos os móveis para um canto ou programar passeios à pracinha, praia ou parque.

JOGOS:

- Golfinhos e sardinhas
- Queimado
- Queimado com 2 bolas
- Bandeirinha

DESPORTO:

- Basquete
- Futebol
- Vôlei
- Handball

BRINCADEIRAS:

- Pique-pega
- Pique-amigo
- Pique-corpo
- Pique-corrente
- Rodas

Além de objeto de aprendizagem para as crianças, os jogos, as brincadeiras e o desporto são momentos para o professor olhar, analisar e intervir, auxiliando o desenvolvimento e a aprendizagem de cada aluno.

Podemos incluir no planejamento, periodicamente, uma “aula livre”, planejada pelos alunos. É necessário fornecermos materiais adequados para estimular a criatividade, poder de escolha e a integração. O profissional deverá observar cuidadosamente cada aluno.

Ao final de cada aula deve ser dado um relaxamento, para preparar os alunos para o retorno tranqüilo à classe.

Para enriquecer o trabalho de cada professor, destacamos alguns conceitos e competências que cada aluno deve vivenciar, em relação ao seu corpo e movimentos:

- Participar e criar diferentes atividades corporais, de forma cooperativa e solidária, sem discriminação de ordem social, física, sexual ou cultural.
- Conhecer suas possibilidades e limitações, estabelecendo metas qualitativas e quantitativas pessoais.
- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de diferentes manifestações culturais corporais da sua e de outras sociedades.
- Organizar autonomamente jogos, brincadeiras e outras atividades corporais.
- Acompanhar diferentes estruturas rítmicas com o corpo.
- Utilizar habilidades (correr, saltar, arremessar, rolar, receber, rebater, chutar, girar etc.) durante jogos, brincadeiras, danças e outras atividades.
- Diferenciar situações de esforço e repouso.
- Adotar atitudes de respeito e solidariedade em situações lúdicas e competitivas.
- Analisar alguns dos padrões de estética, beleza e saúde presentes no cotidiano, buscando compreender sua inserção no contexto em que são produzidos e criticando aqueles que incentivam o consumismo.

É importante que a escola entregue aos professores um tipo de anamnese, para que eles saibam se existe algum aluno impossibilitado de praticar atividade física.

A preocupação com o “culto ao corpo” é uma característica de algumas sociedades contemporâneas. Podemos observar que ao longo dos anos e em diferentes lugares, o modelo do belo e perfeito sofre mudanças. E algumas bem radicais.

Os apelos publicitários e a falta de informação sobre o funcionamento do corpo estão transformando – e deformando – jovens e adultos. Essa transformação abrange aspectos relativos à alimentação, à beleza e à prática de higiene e esportes. Ao cederem suas imagens à publicidade (“celebridades” com sorriso branco e cabelos brilhantes anunciando creme dental e xampu), profissionais de sucesso colocam em jogo novas maneiras lidar com o próprio corpo.



Davi. Michelângelo.

Outra questão ligada a esse tema é a alimentação. Mais uma vez a informação é fundamental, principalmente para os jovens, que acreditam em dietas milagrosas ou “remédios” que transformarão de maneira rápida seus corpos, independentemente de características biológicas. É também trabalho da Educação Física abordar, discutir, ouvir e informar sobre o desenvolvimento do corpo e sua manutenção saudável.



Alterofilista

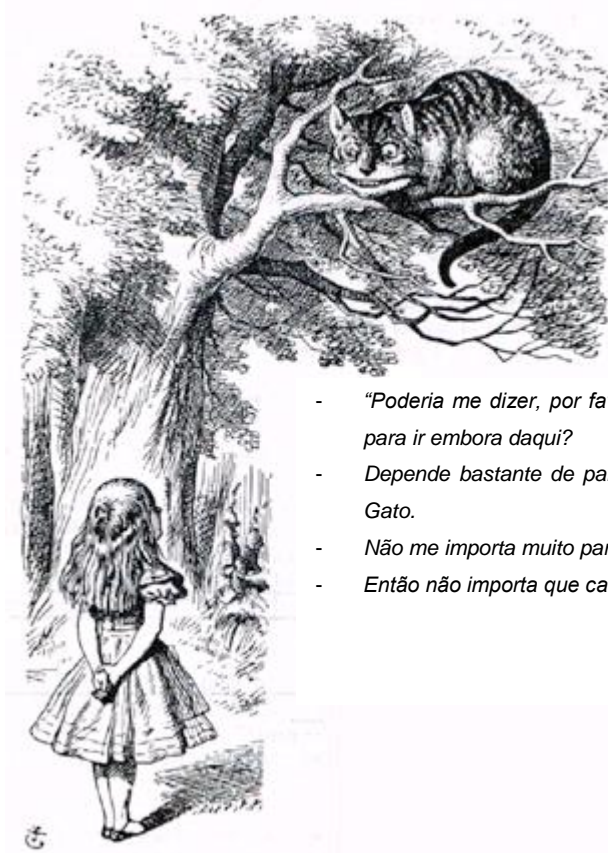
E por falar em manutenção do corpo saudável, não podemos esquecer dos projetos a favor da vida: contra o tabagismo, alcoolismo, drogas, sedentarismo etc.



Anéis no pescoço

Finalizando, é importante ressaltar e conversar com os alunos que o excesso de atividade física é tão prejudicial quanto a sua falta. É necessário dosar os exercícios, para ter uma vida saudável.

COM A MÃO NA MASSA



- *“Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?”*
- *Depende bastante de para onde quer ir, respondeu o Gato.*
- *Não me importa muito para onde, disse Alice.*
- *Então não importa que caminho tome, disse o Gato.”*

(Lewis Carroll. Alice no País das Maravilhas.)

O homem, ao longo da história, mesmo em situações corriqueiras, procurou organizar a sua vida e o trabalho seguindo um modo de proceder que pudesse maximizar o produto de suas ações. Assim, foi construindo maneiras de agir cuja sistematização gerou metodologias cada vez mais sofisticadas. Nas grandes empresas, na rotina de casa, nas escolas são escolhidos determinados procedimentos para se chegar ao resultado desejado.

Muitos são os métodos empregados nas escolas, e cada um deles guarda uma relação direta com a concepção que se tem de educação.

Para uma prática coerente, é necessário que haja unidade entre a concepção expressa no Projeto Pedagógico da escola e a metodologia utilizada para ensinar e avaliar.

“O fator metodológico [...] deve ser subordinado à definição de propósitos educativos válidos para orientar nosso trabalho. Ou seja: trabalhar na escola depende, principalmente, do objetivo que queremos atingir, dos elementos que buscamos compreender e dos motivos de nossa ação.

É evidente que só poderemos trabalhar por objetivos válidos quando escolhermos os caminhos adequados para atingi-los. Aqui, “caminhos” é sinônimo de “atividades”, na medida em que aprendemos através da ação e da experiência. “Os objetivos só irão sendo conseguidos mediante o trabalho de aluno e professores.”

(Nidelcoff)

Tendo como referência as concepções interacionistas, as orientações metodológicas priorizam o **levantamento de conhecimentos prévios, a problematização como forma de fazer surgir e organizar soluções, a sistematização de conhecimentos, a avaliação continuada.**

Levantamento de conhecimentos prévios

“Se o professor não sabe nada sobre o que o aluno pensa a respeito do conteúdo que quer que ele aprenda, o ensino que oferece não tem “com o que dialogar”. Restará a ele atuar como numa brincadeira de cabra-cega, tasteando e fazendo a sua parte, na esperança de que o outro faça a dele: aprenda.”

(Telma Weisz)

“O conhecimento prévio é o conjunto de idéias, representações e informações que servem de sustentação para essa nova aprendizagem, ainda que não tenham, necessariamente, uma relação direta com o conteúdo que se quer ensinar.”

(Telma Weisz)

Crianças e jovens, muito antes de ingressarem na escola adquirem, em contato com os pais, irmãos, amigos, com a natureza e com fatos da vida social, conhecimentos relacionados à cultura de seu grupo social. Esses conhecimentos são chamados de **cotidianos** ou **espontâneos**, porque são adquiridos de forma assistemática.

“Diante de um novo conteúdo de aprendizagem, os alunos podem apresentar conhecimentos prévios mais ou menos elaborados, mais ou menos coerentes e, sobretudo, mais ou menos pertinentes, mais ou menos inadequados em relação a esse conteúdo.”

(Mariana Miras)

O professor deve recorrer a esses conhecimentos e, sempre que for necessário, aprofundar e ampliar conceitos. O sentido dessa ação não é o de negar ou substituir aquilo que o aluno traz do mundo social, mas de oferecer-lhe a oportunidade de conhecer novas maneiras, mais generalizantes e universais de ver o mundo.

“O bom professor é sempre definido ou se define em função das contradições presentes numa sociedade, numa determinada etapa de sua história. Não existem características eternas e imutáveis, desligada da dinâmica social, que permitam a enquadramento imediato de um educador na categoria dos bons. Sociedades específicas, nas suas diferentes etapas evolutivas e face a diversos desafios, solicitam ou reclamam uma certa postura daqueles que, profissionalmente, executam o trabalho pedagógico.”

(Ezequiel Silva)

É claro que numa turma, os conhecimentos prévios serão tantos quanto as experiências vividas pelos alunos, de acordo com seus níveis de desenvolvimento. Essa diversidade é que torna os grupos mais ricos, propiciando interações significativas entre os seus componentes.

Importa detectar o conhecimento já construído pelos alunos. Cabe ao professor determinar o que é preciso ensinar, prevendo estratégias e recursos a serem utilizados. Esse cuidado é necessário para garantir uma aprendizagem significativa para todos.

“No contexto da sociedade atual, mais do que aprender em si, os alunos precisam organizar ou interpretar a informação que já possuem ou aquela à qual podem ter acesso facilmente. Por isso, é necessário oferecer-lhes novas formas de propiciar o desenvolvimento dessas capacidades.”

(Coll e Teberosky)

O processo ensino e aprendizagem ocorre sempre pela **mediação** entre o professor e os alunos, bem como entre estes e os colegas, os autores dos textos, vídeos, reportagens, músicas, poesias, ou seja, dos recursos utilizados para promover a aquisição do conhecimento sistematizado.

Problematização das questões e levantamento de hipóteses

As respostas dos alunos, bem como o tema a ser desenvolvido, deverão ser problematizados de modo que sejam formuladas outras hipóteses, além dos conceitos espontâneos e cotidianos, e surjam novas questões. Para isso, o professor poderá lançar mão de uma série de recursos como: um capítulo de livro didático, um filme ou documentário, uma música, um texto de jornal, de revista ou da mídia informatizada, um folheto informativo, um documento histórico.

A problematização permite que o aluno levante hipóteses sobre a questão apresentada. Mas não basta formulá-las e explicitá-las por meio do debate. É necessário habituar o aluno a registrar e confrontar essas hipóteses com o conhecimento científico, sistematizado e por isso universal.

Sistematização de conhecimentos

Durante todo o processo, professores e alunos estarão sistematizando conhecimentos a partir das atividades realizadas. Existem inúmeras estratégias para os fechamentos ou sistematização de conhecimentos parciais e gerais.

Os **fechamentos parciais** são organizados durante todo o processo de investigação. O conhecimento construído coletivamente deverá servir de base para fechamentos que podem ser registrados por meio de relatórios, anotações, esquemas, preenchimento de fichas, organização e representação de esquetes ou textos teatrais, montagem de jornal, de mural, produção de charges e histórias em quadrinhos ou tirinhas.

Os **fechamentos gerais** são feitos ao final das investigações sobre o tema, recuperando-se os aspectos fundamentais dos fechamentos parciais de modo a produzir a síntese final.

Cabe ao professor averiguar os resultados obtidos, durante todo o processo. É interessante que se volte ao registro dos conhecimentos prévios dos alunos, aqueles que foram levantados no momento inicial do trabalho, para compará-los com o resultado de fechamentos feitos posteriormente.

O desenvolvimento de um projeto, de um tema mais amplo ou de um assunto mais específico pode ser, na maioria dos casos, registrado em um quadro do tipo:

O que vamos estudar:			
O que já sabemos?	Onde iremos pesquisar?	O que aprendemos?	Que atividades vamos realizar?

Essa dinâmica de trabalho possibilita que alunos e professores percebam o quanto e como todos avançaram em relação ao conhecimento.

As contas de luz, água, impostos (da escola ou das famílias) podem tornar-se materiais didáticos importantes.

Uma notícia veiculada em jornal, televisão ou trazida pelos alunos, uma letra de música, uma gravura, um tema (aquecimento global, violência no trânsito, competição esportiva), um filme e tantos outros podem gerar projetos de trabalho bem motivadores.

Mas é preciso ter cautela na hora de planejar o trabalho integrado e contextualizado para não correr o risco de “forçar a barra”, como se diz popularmente, tornando a atividade artificial e, muitas vezes, absurda. Bom senso, é preciso.

E como saber se os resultados obtidos são satisfatórios? Não basta apenas confiar na memória, pois nossa capacidade de reter informações não é infinita. Algumas anotações, além das estratégias convencionais de avaliação dos alunos, serão úteis ao professor.

Que tal produzir um quadro sobre a turma, para organizar o seu dia-a-dia? Leve em conta: **o que os alunos devem aprender, as atividades realizadas e o que demonstram ter aprendido.**

Exemplo:

Os alunos devem ser capazes de:	Atividade	Observar se os alunos:	Todos	Maioria	Minoria
Ler, com ajuda do professor, versos, parlendas e adivinhas	Leitura compartilhada: o professor lê e os alunos acompanham em cópias dos textos	Tentam ler buscando pistas no próprio texto (palavras conhecidas, por exemplo) e arriscam-se a ler			
Reconhecer a ordem alfabética e os nomes dos colegas por escrito	Colocação no quadro dos crachás com os nomes dos colegas em ordem alfabética (letra inicial)	Percebem a ordem alfabética, considerando a letra inicial dos nomes dos colegas			
Apreciar textos literários	Leitura pelo professor de uma história	Prestam atenção, comentam o enredo, recontam a história, ilustram os melhores momentos			

NA SALA DE AULA

Sugestão 1

Alfabetizado hoje é o leitor no sentido pleno, ou seja, o que faz uso frequente dos textos que estão disponíveis na sociedade – aquele que está com a cultura escrita “correndo em suas veias”.

Pesquise junto com seus alunos qual é o meio de comunicação mais utilizado por cada um. Proponha a organização de uma tabela registrando os resultados.

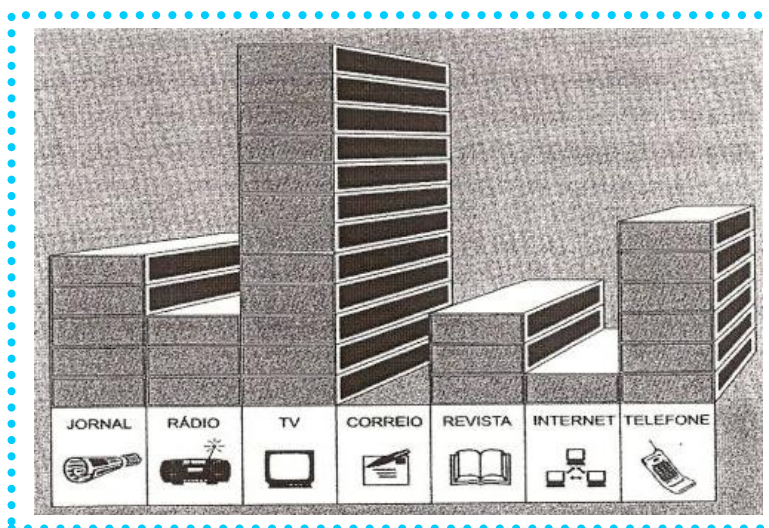
Uma turma de 30 alunos pode apresentar a seguinte pesquisa:

JORNAL	RÁDIO	TV	CORREIO	REVISTA	INTERNET	TELEFONE
5	3	12	0	3	1	6

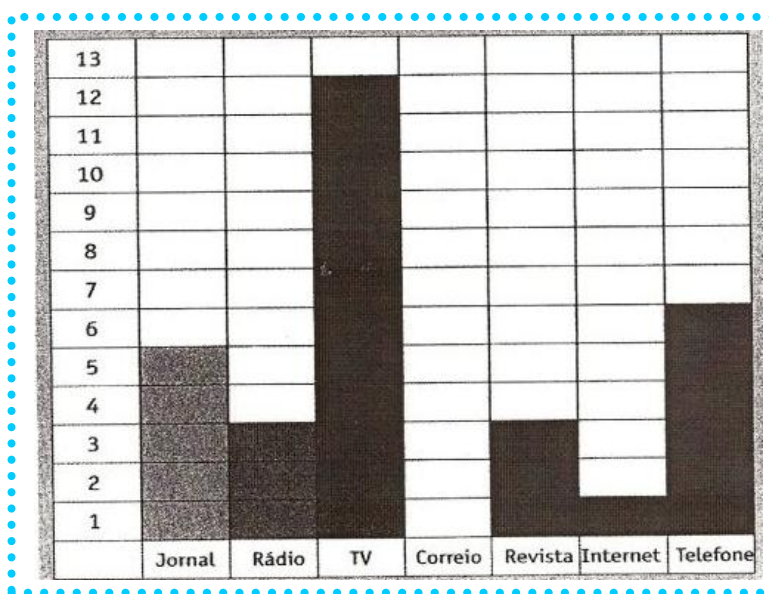
O que aprendemos:

- A maioria utiliza TV.
- Internet não é muito utilizada.
- A mesma quantidade de alunos utiliza rádio e revista.
- Ninguém utiliza correio.
- Mais alunos utilizam telefone do que revista.
- Menos alunos utilizam jornal do que telefone.
- Todos os recursos são meios de comunicação.

A partir do estudo e interpretação dos dados da tabela, os alunos recebem caixinhas (de fósforos, por exemplo) e a turma faz montagem de um gráfico em colunas. A professora pode escrever os nomes dos meios de comunicação em pequenas cartelas e/ou os alunos recortarem figuras de revistas ou encartes publicitários, que serão dispostos um ao lado do outro sobre a mesa. Cada aluno, então, coloca na frente da figura que representa a sua escolha, uma caixa de fósforos, de maneira a formar colunas.



Esta ocupação tridimensional do espaço pode evoluir para uma outra bidimensional; usando papel quadriculado, cada aluno colore ou cola um quadrinho de papel colorido (uma cor para cada meio de comunicação) na coluna correspondente.



De acordo com as possibilidades da turma, esta pesquisa pode ser estendida para diferentes setores da escola, outra turma, professores, funcionários, famílias e comunidade, ampliando-se os espaços de atuação dos alunos.

As tabelas e gráficos são tipos de textos muito populares nos dias de hoje, principalmente em jornais, revistas, artigos. Sua organização visual permite uma leitura clara, rápida, informativa e comparativa da situação que pretende revelar. Ensinar a ler e interpretar dados é tarefa da escola comprometida com a cidadania dos alunos.

Sugestão 2

Algumas palavras e expressões envelhecem e vão deixando de ser usadas...

Sugira a seus alunos que pesquisem junto às pessoas mais velhas, algumas palavras ou expressões que eram comuns quando eles eram jovens, e agora não são mais usadas.

É importante:

- Anotar o significado que tinham;
- Comparar e discutir as descobertas com as dos colegas;
- Verificar se essas palavras antigas ainda constam no dicionário e significado delas.

Sugestão 3

Procure investigar os conhecimentos que os alunos têm sobre a função social dos diferentes textos, proponha as seguintes questões:

Se você quiser saber onde está em cartaz determinado filme, você deverá...

Se você quiser notícias de sua cidade, você deverá...

Se tivermos que divulgar por outras pessoas uma exposição de desenhos para outras pessoas, o que precisamos fazer?

Se seu objetivo for saber a localização de uma rua de determinada cidade, você deverá...

Quando vamos ao supermercado e não queremos esquecer nada, o que fazemos?

Sugestão 4

Converse com seus alunos para investigar a familiaridade que têm com a escrita. Procure saber quais os materiais escritos que circulam em suas casas: jornais, revistas, livro, carta, receita, encartes, contas etc.

Lance algumas questões:

Em que situações usamos a escrita?

Ela é importante na vida das pessoas? Por quê?

Saber ler e escrever é necessário? Por quê?

Com essa atitude você terá um mapeamento das práticas de leitura e escrita vivenciadas pelos alunos e poderá planejar o desenvolvimento de propostas que possibilitem que eles leiam e escrevam, não para a escola, mas para a vida. Mãos à obra!

Sugestão 5

Leve para a sala de aula diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Escolher um e a partir da análise de suas características, converse com seus alunos.

IPANEMA IMPERDÍVEL, silencioso, sol da manhã, sala, quarto, banheiro, cozinha, dependência completa, vaga escritura.
Tel: 2421-9990

Onde normalmente esse tipo de texto é encontrado?

Para que você acha que este tipo de texto serve?

Quem se interessa por esse tipo de texto?

Sugestão 6

De que as crianças brincam? Será que as brincadeiras ajudam na construção de conhecimentos?

Faça um levantamento sobre o que os alunos brincam quando estão fora da escola. Tabule, com eles, estas informações e, se possível, monte um gráfico de colunas para que possam ler os dados.

Analise com eles se são brincadeiras coletivas ou individuais, se são brinquedos eletrônicos ou não, se são brincadeiras que seus pais também brincaram etc.

Investigue como eles conheceram essas brincadeiras. Foram os amigos? Descobriram sozinhos? Foi a mídia? Foram os pais que ensinaram?

Proponha que descrevam cada brincadeira e registrem da forma que sabem. A partir dos textos produzidos, identifique os conhecimentos que já possuem sobre a escrita:

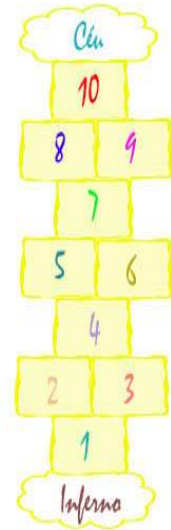
- que usamos letras para escrever;
- que as palavras têm um significado e que as letras obedecem a uma seqüência para formarem cada palavra;
- que as frases representam uma idéia e que as palavras aparecem nela de forma segmentada;
- que os sons podem ser representados por letras e que a letra pode representar vários sons e vice-versa etc.

Peça aos alunos que pesquisem junto aos seus pais quais as brincadeiras que faziam quando eram crianças. Reflita com eles se eram coletivas ou individuais, se utilizavam brinquedos eletrônicos ou confeccionavam seus próprios brinquedos. Quais as brincadeiras que ainda perduram? Elas têm o mesmo nome? Quais as brincadeiras que as crianças utilizam hoje e que seus pais utilizaram? Como eles chamam o Pião, hoje?

Apresente e discuta com seus alunos alguma brincadeira da cultura popular, como Amarelinha, por exemplo. *Que tipo(s) de Amarelinha conhecem? Qual o objetivo desta brincadeira? Quais são suas regras?*

A Amarelinha é uma brincadeira muito rica, pois encerra conceitos e noções matemáticas que as crianças utilizam sem perceberem que sabem e usam:

- noção de geometria → Qual a forma geométrica de cada parte da Amarelinha? E como se desenha?
- noção de número → Quantas partes temos que desenhar?
- noção de medida → Qual o tamanho do retângulo para que se tenha espaço para colocar o pé?
- contagem → Quantos retângulos já desenhamos? Quantos faltam desenhar?
- sequência numérica → A numeração das partes
- distância/força → A que distância tenho que me posicionar para jogar? Que força tenho que colocar no objeto para acertar a casa 1? E a casa 6?



Além das noções anteriores, as crianças precisam resolver algumas questões:

*Quantos alunos da turma brincarão em cada Amarelinha?
Como iremos dividir? Quantas Amarelinhas teremos que desenhar?*

*Quem iniciará o jogo? Qual a ordem dos jogadores?
Como vamos resolver? Sorteio? Ordem alfabética? “Zero ou um”?*

Como iremos desenhar a Amarelinha? Com giz? Com fita crepe? Com vareta (em chão de terra)?

*Qual o objeto adequado para se jogar? Serve borracha?
Por quê? E pedrinha? De que tipo?*



Após jogarem, peça que desenhem a Amarelinha em uma folha de papel. Aqui eles terão que adequar as medidas ao tamanho do papel. Aproveite para chamar atenção para a proporção dos retângulos. Aqueles que já possuem a habilidade de usar régua poderão trabalhar com medidas dos lados dos retângulos. Para os alunos menores, chame a atenção para o fato do desenho “retratar” a Amarelinha que foi desenhada no chão, porém com o tamanho proporcional ao papel.

Sugestão 7

Construindo uma maquete em sala de aula

Forme diferentes grupos de alunos, sugerindo que:

- Observem a sala de aula e façam uma lista de todos os elementos nela existentes;
- Providenciem material de sucata: caixa de papelão, embalagens, copinhos descartáveis, palitos de sorvete etc.
- Numa caixa de papelão, desenhem e recortem portas e janelas mantendo a mesma posição que elas têm na sala de aula;
- Montem dentro da caixa os materiais de sucata representando os móveis e elementos que existem no local;
- Quando as maquetes ficarem prontas, converse com os alunos sobre a organização da sala de aula:

Por que nossa sala está arrumada assim?

Ficaria melhor para todos se fosse organizada de outro jeito?




Questões como essas ajudam a criança a viver concretamente a construção social do espaço.

- Coloquem um papel celofane transparente em cima da caixa de papelão e desenhem no celofane a posição de cada um vista do alto, de cima para baixo. Esta ilustração da maquete será a planta da sua sala de aula.
- Por fim, aproveite para montar uma exposição com as maquetes e as plantas confeccionadas por todos.

Sugestão 8

Fazendo história...

1. Organizar uma linha do tempo, registrando com desenhos as transformações ocorridas no próprio corpo:

Como eu era	Como estou	Como ficarei
↓	↓	↓
		
Ano: _____	Ano: _____	Ano: _____

2. Fazer uma pesquisa na escola, entrevistando pessoas e consultando documentos para montar um painel: **NOSSA ESCOLA TEM HISTÓRIA.**

O mesmo pode ser feito com a rua da escola, o bairro e a cidade.

3. Propor uma enquete com as pessoas da comunidade: O QUE FALTA PARA MELHORAR A VIDA EM NOSSA CIDADE? (rua, bairro, país, mundo).

HOSPITAIS	<input type="checkbox"/>	PRAÇAS	<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>
ESCOLAS	<input type="checkbox"/>	SEGURANÇA	<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>
ÁGUA ENCANADA	<input type="checkbox"/>	BIBLIOTECA	<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>
CINEMA	<input type="checkbox"/>	TRANSPORTE COLETIVO	<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>

Tabular os dados, organizar um gráfico, expor na escola, enviar para as autoridades e para a imprensa local.

4. Comparar fotos antigas com atuais, identificando mudanças ocorridas, na paisagem, no vestuário, no transporte, nos meios de comunicação, nos aparelhos domésticos.

5. Imaginar e desenhar como será a nossa cidade daqui a muitos e muitos anos

6. Trabalhar com o conceito de metamorfose, pesquisando e observando as transformações que se operam no ciclo da vida de insetos e batráquios. Enriqueça o projeto elaborado com a turma, lendo com e para os alunos textos literários que abordam o assunto. Duas sugestões para vocês:

- *A primavera da lagarta*. Ruth Rocha. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1999.

- *Dona Marta Lagarta*. Thelma Belloti. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

O Caracol

(Professoras: Alzira Stela Marins de Franca, Dilene Marins de Franca e Elizabeth Simoca Faria)

A partir da leitura do livro *O Caracol*, de Mary França, Editora Ática, diversas atividades podem ser realizadas envolvendo diferentes áreas de conhecimento. O texto é propício e estimulante à introdução da idéia de que as pessoas são diferentes entre si, mas que ser diferente não quer dizer ser pior ou melhor. Outra reflexão interessante que pode ser desenvolvida a partir da história, é sobre o tema moradia. Além disso, o texto, por apresentar diferentes tipos de insetos, pode desencadear pesquisas e trabalhos sobre as características dos insetos.



Atividades sugeridas:

- Identificar os animais da história e o que cada um deles realiza de diferente;
- Reconhecer o que torna o caracol diferente dos outros animais da história;
- Trabalhar com os alunos a idéia de que eles também são diferentes entre si (alto, baixo, magro, gordo, negro, branco, agitado, calmo);
- Mostrar como o mundo seria monótono se todos os animais ou pessoas fossem iguais;
- Conversar com os alunos sobre a necessidade de se respeitar as diferenças;

- Pedir que desenhem ou recortem e coleem, de revistas ou jornais, várias coisas semelhantes. Em outra folha, pedir para que desenhem e/ou coleem várias coisas diferentes. Pode-se fazer, depois, um painel com essas atividades, onde as crianças identifiquem semelhanças entre seus desenhos/colagens;
- Desenvolver atividades com o corpo a partir da brincadeira de estátua: todos na mesma posição; cada um em uma posição diferente;
- Descobrir, entre os animais que surgem na história, aquele que constrói a sua própria casa (formigas). Quem já viu um formigueiro? Haverá algum na escola? Vamos procurá-lo? Como procurar esse formigueiro?
- Quais as diferenças entre a “casa” da formiga e a “casa” do caracol? (construída/natural, coletiva/individual);
- Como é a casa onde moramos? Quem a construiu? Solicitar aos alunos que descrevam através de desenho e/ou da escrita, a casa onde moram. Quantas pessoas moram nela? (listar ou desenhar).
- Por que as pessoas precisam de casa? **Todos** precisam de casa? **Todos** têm casa?;
- Construir uma maquete de moradia com massinha, sucata etc.;
- Desenhar no chão, com giz, o caminho das casas das crianças à escola e, ao longo do caminho, colocar a sua casa construída com sucata. Se alguma criança morar muito longe, desenhar uma estrada bem longa, dando a ideia da distância;
- Pesquisar a que grupo de animais os caracois pertencem e se são transmissores de doenças;

- Observar todos os animais da história, pesquisando suas características: quantas patas? Têm asas? Olhos? Antenas?
- Identificar, após a observação, o grupo **insetos**;
- Desenhar ou criar textos descrevendo os animais observados. Montar um painel onde figurem os textos e os desenhos;
- Ler a história e trabalhar com a **interferência**: “A joaninha passou voando; o grilo passou pulando”. São trechos que as crianças podem “imitar”;
- Comentar com as crianças as reações do caracol (Ah! Eu não sou tão ligeiro assim / Ah! Eu não posso iluminar...) e debater essa atitude, conversando sobre auto-estima;
- Ler a história, ressaltando a parte em que aparecem a cigarra e a formiga (“A formiga passou **ligeira** / A cigarra passou **cantando**). Lembrar da fábula sobre a **Cigarra e a Formiga**, contando-a para as crianças;
- Dramatizar a fábula da **Cigarra e a Formiga** e, ao final, propor um debate. Afinal, ser como a cigarra ou como a formiga? Ou como ambas?

Sugestão 10

“Quando sentir saudades... escreva”

(Professoras: Zuleide Aparecida Amorim Silva, Rosemar Cristina da Silva e Sandra Regina Meirelle)



A carta é uma comunicação escrita várias. Existem vários tipos de cartas:

PARTICULAR: é trocada entre pessoas mais ou menos íntimas e contém assuntos da vida privada.

COMERCIAL: inclui toda a espécie de documentos ligados a transações comerciais.

OFICIAL: provém de instituições do serviço público, tanto civis como militares.

Ao escrevermos uma carta, devemos nos preocupar com:

-a mensagem: o conteúdo da comunicação – deve estar bem definido antes de escrito;

-o estilo: deve ser claro, preciso e cortês;

-a forma de tratamento: adequar a forma de tratamento à pessoa do destinatário;

-a ortografia: sempre que houver dúvidas procurar o auxílio de uma gramática e/ou dicionário.

Na frente do envelope, deverá ser registrado o destinatário com: o nome completo da pessoa, rua, n.º da residência, CEP, cidade e sigla do estado. No verso, deverá ser registrado o nome completo do remetente e demais dados, como no destinatário, com letra legível para que a prestadora de serviço não tenha problemas de identificação e localização.

Distribuir os envelopes entre os alunos.

Escolher a pessoa a quem mandarão a carta (destinatário).

Preencher o envelope – frente e verso (o professor deverá ter o cuidado de reservar um tempo para que todos os alunos consigam terminar a tarefa escrevendo ou copiando os endereços corretamente).

Conferir os registros feitos por cada aluno, observando se falta algum dos dados.

Iniciar a escrita da carta, distribuindo papel para a atividade.

No quadro-de-giz, o professor simula o espaço do papel.

Registrar o local e a data no canto superior direito e orientar os alunos para que façam o mesmo.

Indicar, no espaço vertical, a centralização do pronome de tratamento e a pessoa a quem se destina a missiva.

Orientar os alunos sobre os parágrafos a serem respeitados e deixá-los livres para escreverem suas mensagens. Dar algum tempo para isso.

À medida que os alunos terminarem, aproveitar para orientar sobre ortografia, concordância, pontuação etc.

Se achar necessário, distribuir uma outra folha para “passar a limpo”. Lembrá-los da boa apresentação e do capricho.

Para encerrar a carta, orientar os alunos sobre a despedida e/ou cumprimentos que deverão ser usados.

Demonstrar a dobradura do papel, de forma a caber no envelope.

Indicar as partes de envelope que deverão receber cola para fechá-lo.

Finalmente, mostrar um selo, que provavelmente será usado pelos Correios e orientá-los na postagem das cartas.

Observação: As Sugestões 9 e 10 foram publicadas em: Reorientação Curricular. 1^a a 4^a série. Ensino Fundamental. SEE, 2006.

E para concluir a leitura deste documento, deixamos com você esta quadra popular:

*Eu vou dar a despedida
Como deu o quero-quero
Depois da festa acabada
Pernas pra que te quero!*

ÁVILA, G. “Objetivos do ensino da Matemática”. In. *Revista do Professor de Matemática*. São Paulo, nº 27, 1995.

BENJAMIM, W. *Obras escolhidas I. Magia e Técnica, arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIZZO, Nélio. *Ciências: Fácil ou difícil...* São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*, Lei 9394, 20/12/1996.

BRASIL. MEC/SEF, *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental*. 1ª a 4ª série. Brasília, 1997.

CAGLIARI, I. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989.

COLL, C. e ESPÓSITO, Y. L. *Coleção aprendendo – Conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. “Guia de uso”. São Paulo: Ática, 2000.

DAVIS, C. e OLIVEIRA, Z. de. *Psicologia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.

DELORS, J. (relator). *Educação: Um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, Brasília, MEC/UNESCO, 2003, 8ª ed.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. SEE, “Reorientação Curricular”. Livros *I – Linguagens e Códigos* e *II – Ciências da Natureza e Matemática*. Secretaria de Estado de Educação, 2005. (2ª versão).

_____. *Sucesso Escolar*. FUNDAR/SEE, 2005.

_____. *Reorientação Curricular*. 1ª a 4ª série. Ensino Fundamental. SEE, 2006.

FAINGUELERNT, Estela K.; NUNES, Kátia R. A. *Fazendo arte com Matemática*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, M. *Aspectos pedagógicos do construtivismo pós-piagetiano – Um novo paradigma sobre a aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2003.
- GANDIM, D. *A prática do planejamento participativo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GARAUDY. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GOULART, M. I. e GOMES, M. F. C. *Para compreender e significar o mundo: Prática educativa com crianças pequenas*. Belo Horizonte: Presença Pedagógica, nº 46, 2002.
- HERNÁNDEZ, F. *A organização de currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- _____. *O diálogo como mediador da aprendizagem e da construção do sujeito na sala de aula*. Pátio nº 22. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- HOFFMAN, J. *Avaliação: Mito e desafio – Uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1991.
- JORDÃO. *Letras e Contextos*. São Paulo: Escola Educacional, 2005.
- KOUDELA. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- KRAMER, S. *Alfabetização, leitura e escrita: Formação de professores em curso*. São Paulo: Ática, 2001.
- KRASILCHIK, M. *Ensino de ciências e cidadania*. São Paulo: Moderna, 2004.
- KURTZ; BRESTERA. *O corpo revela: Um guia para leitura corporal*. São Paulo: Sumus, 1989.
- LA TAILLE, Y. *Moral e ética*. Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LORENZATO, S. *Manipulando idéias matemáticas*. São Paulo: UNICAMP – FE, set/2002.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação educacional escolar: Para além do autoritarismo*. In. "Avaliação da aprendizagem escolar". São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. *Para trabalhar a interdisciplinaridade*. Caderno pedagógico, nº 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1993.
- MARTINS (org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1996.
- MÉNDEZ ALVAREZ, J. M. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MIRAS, M. *Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: Conhecimentos prévios*. In. COLL, César e outros. "O construtivismo em sala de aula". São Paulo: Ática, 1996.

NASCIMENTO (org.) "Uma proposta renovadora do ensino da dança nas escolas". In: *Revista Artus*. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1987.

NEVES, M. H. de M. *A gramática: Conhecimento e ensino*. In. AZEREDO, J. C. "Língua Portuguesa em debate". Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril Cultural, nº 167, nov. 2003.

OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky. Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1993.

OSWALD, M. L. M. B. *Aprender com a literatura: Uma leitura benjaminiana de Lima Barreto*. 1997. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, PUC-Rio.

PEREZ, C. L. V. "Ler o espaço para compreender o mundo: Uma função alfabetizadora da Geografia". In. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, nº 28, jul/ago. 1999.

PERRENOUD, P. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

QUEIRÓS, B. C. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Moderna, 2007.

QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RANGEL, C. M. "Caleidoscópio". In: *Ciclo de Estudos – Cadernos de Textos*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2001.

SÃO PAULO. *Expectativas de aprendizagem*. Secretaria de Educação. 2007.

SILVA, C. A. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre, 1998.

SLADE. *Jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1978.

SMOLE, DINIZ (org.). *Ler, escrever e resolver problemas: Habilidades básicas para aprender Matemática*. Poro Alegre: Artmed, 2001.

SPOLIN. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SOARES, M. *Letramento: Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIOLA; CARVALHO. *A Dança*. São Paulo: Summus, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Pensamento e Palavra*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WALTY. *Palavra e imagem: Leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WEISZ, T. *O diálogo entre o ensino e aprendizagem*. S. Paulo: Ática, 2002.

WHITAKER, F. *Planejamento sim e não*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ZABALA, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.